

A MEMÓRIA DE UM SISTEMA AINDA ATUAL

Marvila

Universidade Autónoma de Lisboa
Departamento de Arquitetura
Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura



A memória de um sistema ainda atual
Marvila

Sofia Moraes Serrão
20120649
Orientação dissertação: Arquiteta Inês Lobo | Prof. Dra. Filipa Ramalhete
Orientação projecto: Arquiteta Júlia Varela

Setembro de 2021
Lisboa

AGRADECIMENTOS

À minha família, amigos e professores.

Em especial:

Ao meu pai

À minha mãe

Ao meu irmão

Ao António

À professora Inês Lobo

À professora Filipa Ramalhete

À professora Júlia Varela

Ao Professor João Santa Rita

Ao professor Telmo Cruz

Ao professor João Gomes da Silva

Ao tio e arquiteto Pedro Formosinho Sanchez

ÍNDICE	
RESUMO ABSTRACT	9
INTRODUÇÃO	11
1. A CIDADE	15
1.1 Enquadramento Histórico e Geográfico da Cidade	17
1.2 Contextualização Histórica de Marvila	31
1.3 O declínio da envolvente rural e a industrialização das zonas ribeirinhas	53
2. O SISTEMA	81
2.1 Sistemas de circulação: Estradas e Azinhagas	83
2.2 Azinhaga dos Alfinetes	155
3. O LUGAR	173
3.1. A Quinta dos Alfinetes	175
3.2 Recintos Murados	199
3.3 Edifícios Muro	209
3.4 Coberturas Muro	233
CONCLUSÃO	281
BIBLIOGRAFIA	283
ÍNDICE DE FIGURAS	293

RESUMO

Partindo da intenção de (re)ativar um percurso, a Azinhaga dos Alfinetes em Marvila, abre-se todo um campo de investigação que cruza a memória daquele território com a atualidade. O reconhecimento prévio da delimitação das explorações agrícolas, por um lado, e do desenvolvimento do espaço que vai da zona ribeirinha até este bairro, por outro, permite-nos encontrar razões para a sua atual configuração.

Uma vez concluído o processo de reabilitação, o percurso, contido por limites pré-existentes diferentes, deverá ser capaz de ligar os lotes (antigas unidades agrícolas), unificar o território, redesenhar os acessos, interligar os equipamentos urbanos existentes e amenizar a forte separação originada pelas linhas férreas ligando as frentes sul e norte, de forma a tornar esta zona mais coesa.

O estudo desses limites (em parte vazios), bem como dos das infraestruturas agrícolas e industriais, permite-nos entender a zona e o desenvolvimento da mesma. No intuito de preservar a memória e as práticas do local, o projeto propõe a reabilitação parcial da Azinhaga e da Quinta dos Alfinetes, bem como a criação de um centro cultural. Este nascerá da articulação entre os edifícios públicos envolventes e a construção de novos equipamentos com vista a fundir-se num só sistema.

Perante a diversidade dos elementos existentes, propõe-se criar um sistema que garanta a sua plena integração. Trata-se de conferir às estruturas existentes uma nova dimensão de espaço público, capaz de harmonizar o território.

Palavras-chave: Marvila; Lisboa; azinhagas; percurso; reabilitação; património; quintas

ABSTRACT

Starting from the intention of (re)activating an ancient route, the Azinhaga dos Alfinetes located in Marvila, Lisbon, a whole field of investigation opens up that crosses its past memory and present reality. The prior recognition of both the delimitation of former agricultural holdings and the development of the space that extends from the riverside to this location allows to identify the reasons for its current configuration.

Once the rehabilitation process is completed, the route, which is contained by different pre-existing boundaries, should be able to link the plots (former agricultural units), unify the territory, redesign accesses, interconnect existing urban equipment and soften the strong separation originated by the railway lines by linking the South and the North fronts, in order to make this area more cohesive.

The study of those (at times invisible) boundaries, as well as those of the agricultural and industrial infrastructures is indispensable to understand this location and its development. In order to preserve the local memory and practices, the project proposes to partially rehabilitate the Azinhaga and the Quinta dos Alfinetes, as well as to create a cultural center. The latter will result from combining the surrounding public buildings with the construction of new equipment in order to merge into a single system.

Given the diversity of the existing elements, it is suggested to create a system that ensures their full integration. It is about giving existing structures a new dimension of public space, capable of harmonizing the area.

Keywords: Marvila; Lisbon; azinhagas; route; rehabilitation; heritage; farms

Partindo do programa proposto pelo Concurso Universidades Trienal de Lisboa Millennium bcp de 2019, deu-se início ao desenvolvimento de diferentes soluções para criação de um centro cultural no bairro de Marvila, em Lisboa. Neste exercício, cada estudante abordou de modo individual uma problemática comum.

O desafio lançado suscitou um especial interesse pela recolha de dados sobre o passado, a evolução e o desenvolvimento desta zona da cidade até à atualidade, tendo essa informação servido de alicerce à resposta de projeto.

Ao analisar o território de referência, deparámo-nos com fragmentos de infraestruturas que se sucederam e coexistiram ao longo de diferentes épocas, até configurarem a malha urbana atualmente observável.

A presente dissertação procura esclarecer a morfologia do território em apreço e, nessa medida, facilitar a criação de soluções e argumentos em prol de um futuro diálogo entre as peças esquecidas e abandonadas nesta parte da cidade.

Numa fase inicial, tratou-se sobretudo de perceber o legado arquitetónico presente no local, ou seja, o que resta dos antigos edifícios e demais património.

Embora se revistam de particular interesse do ponto de vista da memória das vivências, as peças aí presentes (contrariamente ao que terá sido no passado) encontram-se hoje isoladas, tendo-se perdido o sentido de caminho, de unidade e de percurso que sempre caracterizou este local. Hoje encontramos aqui troços de caminhos pedonais ou de avenidas que interligam os equipamentos existentes e assim criam um sistema. Saindo do centro da cidade, encontramos diversos oásis no território periférico de Lisboa de que é exemplo a zona de Marvila. Com uma arquitetura fortemente marcada pela era industrial – da qual subsistem vários edifícios fabris, embora estejam quase todos desativados, sobretudo na zona norte -, Marvila tem vindo a acolher um número crescente de ateliers, lojas, restaurantes e bares. No entanto, esta zona da cidade já muito antes era habitada, apreciada e reconhecida por nomes relevantes da história do país, que aí estabeleceram quintas e conventos, atraídos pela proximidade da zona ribeirinha e pelas vistas desafogadas.

Muitas dessas peças arquitetónicas mantêm-se ainda de pé, tendo, entretanto, ficado

afastadas entre as zonas norte e sul após a construção da linha do comboio que, no final do século XIX, veio permitir o escoamento de produtos aqui fabricados.

Feita esta breve análise, importa refletir sobre os sistemas que outrora permitiam não só a ligação entre estas peças como a circulação das comunidades presentes no território.

No passado, a circulação fazia-se principalmente através das chamadas “azinhagas”, isto é, caminhos estreitos (em parte, entre muros) que ligavam as quintas e permitiam aceder à zona ribeirinha. Na sua maioria, essas azinhagas apresentam-se hoje muito degradadas, tendo alguns dos seus troços desaparecido por completo e outros gerado espaços que pouca segurança oferecem.

A constatação do estado de degradação e o reconhecimento da função unificadora destes antigos caminhos serviram de inspiração ao projeto de reabilitação e de preservação da relação forte que sempre tiveram com a frente ribeirinha.

A presente proposta visa, por um lado, interligar os troços que restam das azinhagas, reabilitando-as e melhorando as condições de circulação para os peões, e, por outro, integrar as peças arquitetónicas dispersas, preservando uma espécie de memória viva de experiências passadas.

A ideia é criar e valorizar, ao longo do percurso, uma rede de equipamentos que atendam às necessidades de vida atuais e permitam fixar a população jovem e fomentar ou reavivar um espírito de comunidade. A rede seria composta por estruturas de convívio e lazer, espaços públicos e outros equipamentos de qualidade, apostando num maior dinamismo sociocultural para esta zona.

Foi importante perceber a cidade de Lisboa e a sua relação com o território de Marvila ao longo dos anos, a integração desta na história da cidade, organizando assim a dissertação do geral para o particular, ou seja, da escala da cidade até ao local a intervir – A cidade, O sistema, O lugar. O reconhecimento das azinhagas na cidade, particularmente as de Marvila, foi bastante importante para entender como se fundem estes sistemas no panorama urbano atual e identificar as suas fragilidades, de forma a que sejam lançadas soluções na proposta de projeto.



Figura 01 - Limite das freguesias de Lisboa , Esc: 1:30 000

A cidade de Lisboa conta a sua história através de vários testemunhos de um passado mais ou menos longínquo, de que são exemplo os edifícios que nela subsistem. Apreende-se o seu passado através da perceção desses espaços ou da sua topografia. Mas esse relato é igualmente feito por muitos dos projetos de requalificação e reabilitação de que a cidade tem sido alvo, na medida em que se centram na promoção das diferentes valências do seu património.

Na zona que corresponde hoje à cidade de Lisboa, existem vestígios de ocupação humana desde tempos longínquos (que remontam aos neandertais, uma espécie extinta há 30 000 anos). Com efeito, é possível encontrar ali vários monumentos megalíticos, dólmens, menires e cromleques.

Fundada pelos fenícios como Alis Ubbo, que significava “porto seguro”, ali se vieram a instalar mais tarde os gregos e os cartagineses. No início do século I, passou a ser a capital da Lusitanea Romana, sob o nome de Olissipo. As ruínas do Teatro Romano, um dos monumentos mais importantes construídos pelos romanos na cidade de então, são um testemunho da importância da cidade à época e um dos seus vestígios, hoje visitável. Com a queda do Império Romano no século V, Lisboa passa a fazer parte do reino suevo da Galícia, cuja capital fora a cidade de Braga até 585 d.C.

O século V marca igualmente o início da Idade Média. Posteriormente, em 711 d.C., quando foi tomada pelos mouros, a cidade passou a chamar-se Al-Ushbuna, (ou Lishbuna, Luzbona, Lixbuna, Ulixbona ou ainda Olissibona). Certos historiadores creem que os novos ocupantes se terão inspirado na expressão portuguesa “água boa”. No livro “Lisboa: Urbanismo e Arquitetura” (1980), José-Augusto França situa o nascimento da urbe no início deste período, na medida em que divide o seu passado histórico em oito categorias/épocas: Medieval, Manuelina e Filipina, Joanina, Pom-balina, Romântica, Capitalista, Modernista, Estado Novo e II República.



Fig. 02



Fig. 03

Figura 02 - Mapa de Lisboa I (Silva Pinto, 1904-1911). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa
Figura 03 - Mapa de Lisboa II (Silva Pinto, 1904-1911). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

¹ BARROS, António Augusto Salgado de - Lisboa na confluência das rotas comerciais: efeitos na saúde pública (séculos XV a XVII) Cadernos do Arquivo Municipal, ISSN 2183-3176. 2ª Série Nº 2 (janeiro - junho 2015), p. 259 [Consult. 26/03/2020] [Disponível em http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/3/014_varia.pdf]

² LOPES, João Caria - A mancha, a linha e o ponto. A metropolização de Lisboa revisitada. Estudo Prévio 12. Lisboa: CEACTIONAL - Centro de estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, 2017. ISSN: 2182-4339 [Consult. 22/02/2021] [Disponível em: www.estudoprevio.net]. DOI: <https://doi.org/10.26619/2182-4339/12.4>

A 1 de Julho de 1147, no âmbito da Reconquista cristã da Península Ibérica, deu-se o Cerco de Lisboa que culminou na conquista da cidade aos mouros pelas forças de D. Afonso Henriques. Até finais do século XIV estabelecem-se as bases da expansão marítima, com o contributo de D. Fernando para o desenvolvimento das leis marítimas. A partir do século XV, graças à sua localização, junto de um dos rios mais importantes da Península Ibérica e também do Oceano Atlântico, o porto de Lisboa ganha uma importância crescente como centro de comércio marítimo mundial. Atraídos pela riqueza, genoveses, judeus, flamengos e maiorquinos instalaram-se na cidade, contribuindo com os seus conhecimentos marítimos durante a fase das Descobertas, na época de Infante D. Henrique. Lisboa era um território muito cobiçado por favorecer as transações comerciais e o consequente estabelecimento de populações. Com uma grande desigualdade e estratificação social, a sociedade portuguesa do século XV, era muito vulnerável à contaminação de surtos e pestes, pois o seu contacto terrestre e principalmente marítimo com outras culturas era frequente, sendo agravado pelas más condições sanitárias da época.¹

A cidade evoluiu a partir de um núcleo inicial, do castelo e suas muralhas (Cerca Velha, século V e Cerca Fernandina, século XIV)². O desenvolvimento foi concêntrico e contíguo, a partir desse núcleo, conforme se pode observar nos mapas abaixo.

Em 1580, inicia-se a Dinastia Filipina, com o reconhecimento do rei Felipe II de Espanha como rei de Portugal. O domínio filipino prolonga-se até 1640, altura em que foi restaurada a independência. Lisboa conheceu então um período áureo, com as riquezas vindas do Brasil. Em 1755, deu-se o Terramoto que destruiu parte da cidade. O período que então se vivia permitiu ao Marquês de Pombal lançar-se em vários projetos: reconstrução da Baixa Lisboaeta em plano regular (malha ortogonal e ritmada), o traçado das grandes avenidas em estilo clássico, e a construção do Terreiro do Paço que abriu a cidade ao rio.

O documento apresentado é um excerto do plano de Lisboa traçado por Vieira da Silva em 1954, no âmbito do Instituto Geográfico e Cadastral. As parcelas utilizadas referem-se à área de Marvila e Chelas.

O plano mostra-nos que, nesta época, Chelas e Marvila eram ainda áreas não consolidadas em termos de construção e uso do solo. A maioria das construções eram quintas e vilas rurais na parte norte desta área e infraestruturas industriais junto à zona ribeirinha. É notória a existência de dois grandes bairros no território, um perto da Calçada da Picheleira e o outro, denominado Bairro Chinês, perto da Quinta do Marquês de Abrantes. Podemos observar também que a linha férrea já marcava uma forte separação entre a área industrial e a área rural e agropecuária, configurando-se como terreno e barreira de concepção urbana.

No que diz respeito à circulação, constata-se a existência de duas vias principais na área, a estrada de Chelas e Avenida do Infante. As estradas secundárias são unidas por azinhagas, a maioria delas regularmente utilizadas ao longo dos tempo.

Figura 04 - Chelas e Marvila (Vieira da Silva, 1954). Fonte: Levantamento e desenho do Instituto Geográfico e Cadastral. Material cartográfico: 13-L, 13-M, 13-N, 14-L, 14-M, 14-N, 15-L, 15-M 15-N /



Fig. 04

Após a Revolução Industrial, foram muitas as fábricas que se instalaram na cidade, sobretudo na zona ribeirinha. Da figura acima depreende-se que o grande salto de expansão da cidade se deu entre os séculos XVIII e XIX, sendo esse crescimento registado primeiramente junto à zona ribeirinha (1850) e, posteriormente, mais para o interior. Este crescimento, junto e ao longo do rio, obrigou ao melhoramento das plataformas portuárias na cidade industrializada. O novo porto foi inaugurado em 1887; sendo uma cidade portuária, Lisboa, promove as suas relações com o exterior, dando abertura à inovação, tecnologia e conhecimento de outras culturas.

Desde o século XVIII, com o início da industrialização, a cidade de Lisboa, virada para o rio, evidencia os seus vários cais/pontos de acostagem de embarcações que permitiam o escoamento dos produtos, bem como a receção de mercadorias, sendo esta zona oriental uma das plataformas-chave para o comércio existente.

Na primeira metade do século XIX, a zona ribeirinha era já um importante polo industrial da cidade. Muitos dos edifícios construídos nessa época (armazéns de vinhos, destilarias, tanoarias), foram, entretanto, desativados, servindo hoje finalidades diferentes.

Em 1986, Portugal aderiu à Comunidade Europeia e Lisboa acolheu a exposição mundial de 1998 Expo '98, evento que justificou o reordenamento da zona oriental, transformando de forma marcante a fisionomia da cidade. Surgiram vários empreendimentos urbanísticos na zona oriental da cidade, então batizada com o nome de Parque das Nações. Em virtude da importante intervenção então operada, renasceu uma zona praticamente desconhecida da maioria da população lisboeta, que só mais tarde veio a conhecer os inúmeros vestígios industriais e até as quintas e palacetes, ainda de uma época anterior, que ali existiam.

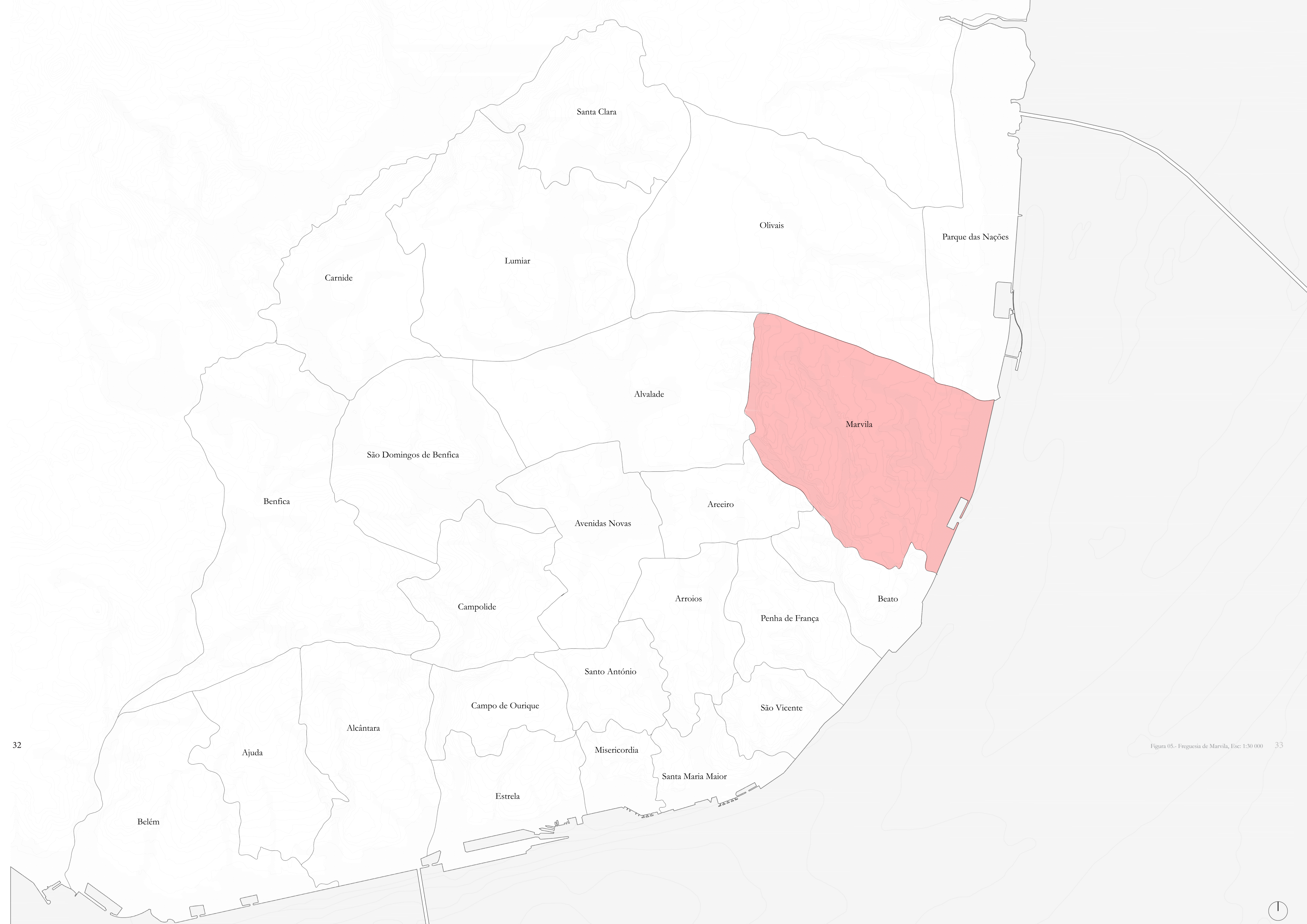


Figura 05.- Freguesia de Marvila, Esc: 1:30 000

³ SISTI, Cláudia - Morfologia do Território e Paisagem de Marvila. On the Waterfront: 7, 2005, p. 8. ISSN 1139-7365 2005.

⁴ Citado do site oficial da Junta de Freguesia de Marvila, [Consult. 6/09/2020]. Disponível em: https://www.geocaching.com/geocache/GC81EBZ_junta-de-freguesia-de-marvila?guid=4be54043-a716-469d-bf2c-1c1bde656c07

Marvila possui uma característica interessante no contexto da cidade de Lisboa, pois permaneceu isolada na malha urbana. Este território foi-se desenvolvendo ao longo das suas linhas de festo e vales, com uma malha que se adaptou à morfologia original e que, em grande medida, persiste aos dias de hoje.³ São conhecidos registos da sua existência muito antes do início da nacionalidade.

Criada em 1959, a freguesia faz remontar o povoamento do seu território a tempos pré-históricos. A com-provâ-lo refira-se a descoberta de uma placa de xisto ornamentada, com cerca de 5000 anos, encontrada na quinta da Farinheira. Do período romano, restam algumas lápides, bem como um friso de sarcófago, datado do século III. Em Poço de Cortes, apareceu uma necrópole lusitano-romana, onde foram recolhidas uma lápide, três aras votivas e outros materiais da época. Também a presença visigoda deixou as suas marcas, especialmente na zona do Vale de Chelas, nomeadamente no convento, onde foram encontrados motivos hispano-godos, que terão pertencido a pilares ou frisos de um templo.⁴

A origem do seu nome é incerta (do latim Mare+villa? / do árabe Marbala?), como também o é o início da sua ocupação. Nos primórdios, parte de Marvila terá estado coberta de água. O rio Tejo possuiu então um caudal muito maior, resultante num maior afastamento das suas margens. É uma zona rica em fósseis, como é o caso do famoso crocodilo de Chelas e de muitos outros achados expostos no Museu Geológico de Portugal.

Aquando da fundação da nacionalidade, consta que D. Afonso Henriques doou à Mitra de Lisboa todas os terrenos e rendas da Freguesia de Marvila, terras estas que abrangiam também as mesquitas dos oriundos do norte de África, os mouros. D. Gilberto, então bispo de Lisboa, encarregou-se de as distribuir aos cónegos da Sé.

É desta forma que, nestas terras, surgem vários conventos a partir do século XV. (Mitra de Lisboa, Mosteiros de Chelas, de S. Vicente de Fora e de Santa Cruz de

Coimbra, Ordens do Templo, do Hospital e de Santiago, além de alguns presbitérios particulares). Os campos cobriam-se de vinhas, olival e hortas, rareando as casas.

O antigo traçado rural desta zona da cidade ainda é bastante perceptível, desde a zona ribeirinha de Poço do Bispo até ao planalto de Chelas. Aqui encontramos espaços de grandes dimensões que correspondiam às Quintas, Conventos e Palácios que aqui existiram, Marvila é a freguesia onde subsiste maior número de palácios e de quintas, sem deixar de possuir dois conventos – o de Chelas e o de Nossa Senhora da Conceição de Marvila⁵

Nos séculos XVII e XVIII, muitas das terras passaram a pertencer a nobres, que aqui construíram as suas casas de campo e palácios (como é o caso do paço dos Marialvas, do Armador ou dos Alfinetes, este último anexo à azinhaga com o mesmo nome e objeto deste estudo).

No final do século XVIII, início do século XIX, surgem as primeiras fábricas nesta zona, fábricas de sabão, curtumes, trefilaria e refinação de açúcar). A fábrica Nacional de Sabões, localizava-se num troço da Quinta do Marquês de Marialva, onde é hoje a Rua do Açúcar; também nesta rua apareceu, no final do século XIX, em 1898, a célebre fábrica da Companhia da Borrachas, que em 1929 ganha o nome de Fábrica da Borracha Luso-Belga, com a entrada de novos membros na administração. Em 1911, foi fundada a Companhia Portuguesa de Fósforos, na Rua Capitão Leitão, e, em 1926, a Companhia passa a Sociedade Nacional de Fósforos mudando a sua morada para a Rua do Açúcar, fábricas estas que vieram empregar centenas de pessoas. A Rua do Açúcar ganha este nome após nela ter sido fundada a fábrica de Refinação de Açúcar, no ano de 1751. Com o terramoto 1755, a cidade encontra vários terrenos abandonados, quintas destruídas e espaços perdidos no território.

⁵ CONSIGLIERI, Carlos; RIBEIRO, Filomena; VARGAS, José Manuel; ABEL, Marília – Pelas Freguesias de Lisboa – Lisboa Oriental..., Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro da Educação, 1993, p. 26.



Figura 06 - Carta Topographica da Linha de Defesa da Cidade de Lisboa (pormenor) (Levantada sob a direcção do Coronel Engellheiro J.D. da Serra, 1835). Fonte: Calado, Maria (coord.) (1993), Atlas de Lisboa: A Cidade no Espaço e no Tempo, Lisboa, Contexto Editora, p. 87.

Nestes lugares surgem as primeiras fábricas, em 1785 e 1786, ambas dedicadas à estampania de chita. A industrialização ganha força após a extinção das ordens religiosas, em 1834, pois permite a ocupação dos antigos conventos bem como em 1856 com a inauguração da linha férrea e assim se mantém até aos anos 50 do século XX. Ainda hoje encontramos vestígios desse tempo, como a Fábrica de Material de Guerra de Braço de Prata ou a fábrica Abel Pereira da Fonseca (em 1907, os Armazéns de Vinho Abel Pereira da Fonseca abrem as suas primeiras instalações em Xabregas, mudando-se depois para a Rua do Amorim, em 1910.)

Com a construção da estação de Santa Apolónia (1860), a margem do Tejo foi alterada, acentuando-se o cunho portuário e fabril desta zona. As marcas da industrialização que ocorreu a partir do século XIX estão também presentes; o caminho-de-ferro, as fábricas e os armazéns são ainda visíveis no terreno, embora estejam abandonados e em ruínas, principalmente junto ao rio. Se é complexa e, no geral, expectante a situação de Marvila, ela reflete-se nos vazios territoriais ou na identidade dispersa, assim como no desconhecimento geral das suas fronteiras.⁶

Não pertencendo de início à cidade, este território encontrava-se integrado no grande vazio de Chelas. A freguesia de Marvila só passa a existir como unidade administrativa titular desse nome em 1959. Inclui hoje todo o território que vai do planalto de Chelas à zona ribeirinha na parte mais oriental de Lisboa, embora no passado pertencesse a um território bem mais amplo, a freguesia dos Olivais.

Como acima indicado, nos últimos 200 anos, este território foi fortemente marcado pela laboração industrial e residência operária. Porém, com o declínio da atividade industrial, as fábricas foram desativadas, ficando os grandes edifícios industriais entregues ao abandono. Só permaneceram os núcleos mais antigos de habitações.

⁶ REMESAR, Antoni; COSTA, João Pedro - Ideias e realidades, futuros expectantes. In AAVV - Lisboa capital do nada – Criar, debater, intervir no espaço público Lisboa: Extramuros/Junta Freguesia Marvila/CPD, 2002, p.350-367.



Fig. 07

Figura 07 - Lisboa dos anos 50 (Autor desconhecido, 1940-1950) Fonte: Biblioteca Nacional de Portugal

O território foi-se despovoando, ao mesmo tempo que foi necessário realojar as populações operárias, que até aí viviam em bairros clandestinos e habitações precárias, noutras zonas da cidade.

A par de iniciativas privadas que visam a construção de habitação social na cidade de Lisboa, que começam a surgir já no final do século XIX (Bairro Operário dos Barbadinhos, de arquitetura simples e poucos recursos – Companhia Comercial Construtora), ou estatais (Bairro Social do Arco do Cego, planeado durante o governo de Sidónio Pais, em 1919, e concluído já no Estado Novo, em 1933), a preocupação com a habitação persiste e vai dar origem a iniciativas de planeamento urbano, a partir da segunda metade do século XX. É o caso do Plano de Urbanização de Chelas:

O Plano de Urbanização de Chelas (1964) deu continuidade à urbanização programada da zona oriental da cidade iniciada em Olivais Norte e prosseguida em Olivais Sul. Porém, o município carecia aí de solo municipalizado e enfrentava um grave problema de realojamento da população residente nos bairros de lata que durante a primeira metade do século XX foram ocupando as colinas e vales de Chelas (GTH, 1964).⁷

A zona ribeirinha sofreu as consequências deste plano, bem como as áreas adjacentes aos eixos principais, as avenidas Infante D. Henrique e Marechal Gomes da Costa, com a criação de um parque industrial nos Olivais.

Segundo dados do recenseamento de 2011, vivam na freguesia de Marvila cerca de 38 000 moradores, cobrindo uma área de 7012 km2 - contra uma população de 15 000 em 1915. Este aumento exponencial faz desta a 2ª freguesia mais jovem da cidade. Marvila é reconhecida como um território de grande crescimento urbano e demográfico.⁸

⁷NUNES, João Pedro Silva, SEQUEIRA, Ágata Dourado - O Fado de Marvila. Notas sobre a Origem Citadina e o Destino Metropolitano de uma Antiga Zona Industrial de Lisboa. Fórum Sociológico, n.º 21, 2011, p. 33–41.

⁸No ano de 2011, Lisboa tinha 547 mil habitantes sendo que em 1981 contava com 807 mil, uma perda significativa nas últimas décadas. Pelo contrário, Marvila teve um crescimento populacional de 135% entre 1960 (20 mil habitantes) e 1990 (47 mil habitantes).

Esta parte da cidade possui a óbvia vantagem de se encontrar na periferia: vistas desafogadas e espaços amplos difíceis de encontrar no centro da cidade densamente construída. Nesta zona, porém, as praças monumentais são substituídas por grandes vazios urbanos. O que aí persiste são apenas fragmentos soltos de tempos idos.

Na cidade de Lisboa, os edifícios relevantes assumem, de um modo geral, uma posição destacada no território, assumindo fortes relações com a envolvente próxima e com a paisagem. Em muitos casos, esta relevância é-lhes conferida pela colina onde se encontram. Nesta zona da cidade, também os edifícios se destacam na paisagem quer pela cota alta que ocupam, quer pelas vistas que oferecem através dos seus limites e aberturas de vãos.

Uma parcela cuidada serve de ferramenta de conexão de espaços com diferentes gé-neses e promovendo uma diferente qualidade de vida dos seus utilizadores. Segundo o Plano Geral de Urbanização e Expansão de Lisboa de 1938-1948, de Etienne de Groer, a libertação da zona da Torre de Belém e Mosteiro dos Jerónimos como “alma portuguesa” veio trazer novas áreas de indústria à zona Oriental da cidade.

O movimento de expansão da cidade deu-se mais para poente, pois o desenvolvimento industrial numa zona mais nobre da cidade (zona de Alcântara) terá sido mais aliciante, enquanto a zona oriental se mantinha afastada do centro urbano, embora, em 1984, Park comece a observar que Marvila e as zonas circundantes formavam uma “particular constelação urbana” (Park, 1984) que, com o desaparecimento do elétrico, perderam ligação à cidade.

O desenvolvimento desta zona ocorreu de modo desordenado até 1969⁹, embora hoje em dia seja uma freguesia mais integrada na cidade, continua a haver um certo desinvestimento relativo à melhoria do espaço público, património e habitação. Mar-

⁹Nesta época, Fernando Augusto Santos e Castro, enquanto Presidente da Câmara de Lisboa, trabalha na extinção das barracas e na organização do território.

vila apresenta hoje diferentes elementos: eixos que ligam o centro à periferia e que contrastam com as pequenas ruas pedonais, núcleos de habitação social, grandes vazios desocupados, escolas e complexos desportivos, património industrial reabilitado, museus e algumas quintas e troços das antigas azinhagas.

É uma freguesia muito marcada por bairros sociais, construídos sobretudo nas últimas décadas do século XX, com condições de vida precárias e agregados familiares numerosos, em habitações pequenas e de construção de baixa qualidade. Os vazios descaracterizados também contribuem para esta problemática. Apesar do investimento em edifícios públicos, de forma a dar resposta às necessidades da população, a relação entre estes e os espaços públicos e de circulação é pouco qualificada.



Assim, mediante a leitura da evolução de Marvila ao longo dos tempos, interessa traçar uma matriz comparativa através da análise dos elementos cartográficos, para entender a relação da sua morfologia urbana. Para o efeito foi considerada parte da informação cartográfica recolhida.

Numa planta onde encontramos toda a área de Marvila, datada de 1940-1950, encontramos a zona ribeirinha fortemente marcada por construção. Esta realidade desvanece-se na paisagem à medida que prosseguimos para a sua zona mais interior.

Nesta planta constatamos a evidente existência da cicatriz que a linha férrea deixa nesta paisagem, a nítida distinção entre a zona portuária e o interior de Marvila. Reconhecemos a morfologia orgânica deste local, o crescimento da cidade nos seus limites originais e não num *layer* desenhado de forma geométrica.

Tanto na cartografia da cidade de Lisboa como nas fotografias aéreas existentes, conseguimos verificar a homogeneidade do território desde a Praça do Comércio até Sacavém, considerando o panorama industrial visível principalmente no troço de Marvila.

Grande parte das quintas nobres e grandes terrenos agrícolas localizava-se também neste troço da cidade, como é o caso da Quinta da Mitra, Quinta das Rolas, Quinta da Matinha e do Palácio Valadares.

A topografia da cidade evidencia e destaca diferentes lugares com características específicas que, por essa razão, foram ocupados por importantes construções. Destes lugares privilegiados nasceram cais acostáveis para algumas quintas, terrenos que possibilitavam vistas desafogadas para a cidade e caminhos pedonais que ligavam estes pontos, como as azinhagas que ainda hoje persistem neste local. Entre o século

XV e VI, o clero e a aristocracia vêm usufruir das mais valias que este local tem para oferecer.

Nesta zona oriental da cidade, o território era definido não só pela zona ribeirinha como por uma extensa área rural e por alguns aglomerados urbanos.

A partir do final do século XIX, com a crescente chegada de famílias que vinham trabalhar nas fábricas e a inexistente oferta de alojamento, cresceram diferentes modelos de habitação, todos eles de fraca qualidade, adaptações que procuravam a rentabilização do espaço disponível (de onde surgem os pátios e vilas), alguns pequenos bairros promovidos por particulares com o objetivo de arrendar, e, noutros casos, alojamentos providenciados pelos donos das fábricas com o objetivo de fixar e “fidelizar” os seus operários. E, inevitavelmente, bairros de lata construídos pela própria classe operária, em regime de entreaajuda. Entre eles, destaca-se o Bairro Chinês e o Bairro do Marquês. Assume-se que esta designação se referia à rua principal, também conhecida por Azinhaga do Marquês, mais tarde dos Alfínets.

Os palácios e conventos ganharam assim outros usos e viram surgir, próximos a si, aglomerados de pequenas habitações de construção precária. A população vivia em pequenas células habitacionais sem grandes condições, pelo que os espaços exteriores eram fundamentais e partilhados, congregando chafarizes, bebedouros e estendais utilizados pela comunidade aí residente. Ao longo de cerca de 150 anos, os operários e famílias que iam chegando instalavam-se nos espaços obsoletos do edificado existente (velhos conventos e palácios abandonados), onde construíam as suas habitações precárias e improvisadas em logradouros. Aqui era como que recriada a vida no espaço rural de onde vinham. Aproveitavam-se construções já existentes, dando-se assim início a espaços de habitação plurifamiliar conforme se pode ler no “Inquérito aos Pátios de Lisboa” (1902 e 1905).



Fig. 08

Figura 08 - Bairro Chinês (Judah Benoliel, 1950) Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CM-LSBAH/PCSP/004/JBN/004886

Convivia-se na rua e frequentavam-se as coletividades e clubes recreativos da zona. O Carrossel e o Circo que aí se instalavam alguns meses por ano (num descampado no topo da Quinta do Marquês de Abrantes), duraram até aos anos 1980.¹⁰

Não tendo havido uma resposta estatal a esta carência de habitação, (e lembrando que este crescimento se manteve até 1973¹¹ após a adesão à EFTA¹² em 1959, em que o comércio e a indústria se abrem ao exterior), surgem iniciativas privadas para mitigar o problema, estas já com algum planeamento, como é o caso das vilas operárias, muitas delas construídas em correnteza ou agregando em redor de um pátio um determinado número de habitações. Temos como exemplo o Bairro Operário dos Barbadinhos, da responsabilidade da Companhia Comercial Construtora, no final do século XIX.

É nesta época que surgem então as primeiras cooperativas e associações de construção de habitação em Lisboa, o Bairro Social do Arco do Cego e uma outra na Ajuda, planeadas durante o governo de Sidónio Pais e concluídas já no Estado Novo, em 1930. Na verdade, a preocupação com a habitação persiste ao longo do tempo e vai dar origem ao planeamento urbanístico, a partir da segunda metade do século XX.

Em Marvila é já no início dos anos 70 que surge uma associação para a formação de uma cooperativa de habitação – a PRODAC, um grupo de “autoconstrução”. Tentou-se reagrupar gente interessada em coabitar e foi-lhes fornecido telhado e paredes, sendo o interior feito pelos próprios. Na 1ª fase, foram instalados os primeiros moradores, em finais de 1972. Mais tarde, com a construção da Expo '98, as barracas e os bairros clandestinos foram definitivamente destruídos e as populações realojadas, maioritariamente na Quinta das Laranjeiras, Quinta dos Machados e zona de Carnide¹³. As vilas operárias e os seus acessos persistem no território e integram-se

¹⁰ COELHO, Alexandra Lucas - Os resistentes de Marvila, Pública, 506, 5 de fevereiro de 2006, p. 44-57.

¹¹ SILVA, Maria Margarida de Almeida Reis e - Pátios e vilas da Zona Ribeirinha Oriental: materialidade, memória e recuperação urbana. Dissertação de Mestrado em História Moderna e Contemporânea na especialidade de Cidades e Património. Lisboa: ISCTE-IUL, 2013. p.2. [Consult. 27/01/2020] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/6967>

¹² EFTA European Free Trade Association, AUCL Associação Europeia de Comércio Livre.

na malha urbana até aos dias de hoje.

As cidades industriais surgem muitas vezes associadas a áreas portuárias, tal como aconteceu na cidade e especificamente nesta zona oriental de Lisboa. As primeiras manufaturas foram instaladas ao longo do Vale de Chelas, acabando por ser direcionadas para o porto. Os areais que ocupavam a zona ribeirinha, na maioria da sua extensão, desapareceram; com o desenvolvimento industrial, são transformados em cais de embarque e desembarque, artificializando assim toda a margem.

Em resumo, hoje percebemos que a definição desta cidade oriental é composta por várias camadas sobrepostas ao longo do tempo. As ordens religiosas ocupam este território numa fase inicial, século XII, início da nacionalidade. Mais tarde, nos séculos XVII e XVIII, muitas destas terras passaram do clero para a nobreza, como já vimos, altura em que os terrenos passam a albergar as “quintas de recreio”¹⁴, grandes parcelas de terreno que pertenceram à aristocracia e onde foram erguidos palácios, instalados neste local devido ao seu ambiente rural e proximidade do rio (em alguns casos instalados nas antigas instalações religiosas) após a extinção das ordens religiosas, em 1834; posteriormente, algumas destas edificações deram lugar a complexos industriais e habitação operária, perdendo o seu uso anterior, outras foram reutilizadas para novas funções (exemplo do Convento de Nossa Senhora da Conceição, inicialmente uma fábrica de pólvora, transformado mais tarde no Arquivo Geral do Exército).

Todas estas sobreposições vão caracterizar o território como o vemos hoje, uma justaposição de usos e funções, muitas vezes passando de um uso religioso (conventos) para locais de lazer (como é o caso das quintas pertencentes a nobres, que aqui vinham para descansar e usufruir dos ares do campo).

¹³ PEREIRA, Patrícia — A transformação da zona ribeirinha oriental de Lisboa: um caso de gentrificação por nova construção. EURE (Santiago). Vol.43, n.130, 2017, p. 47-71. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4067/s0250-71612017000300047>.

¹⁴ Conceito nascido no contexto Renascentista que conjuga a vida de recreio com a produção e a nossa relação com a paisagem. É uma tipologia de património que associa a água, a vegetação, o clima, o relevo e a luz como um elemento único, conjugando edifícios, pomares e matas numa só estrutura.

¹⁵ SILVA, Maria Margarida de Almeida Reis e - Pátios e Vilas de Marvila e Beato: modos de vida de um movimento antigo, Cadernos do Arquivo Municipal. 2ª Série Nº 6 (julho - dezembro 2016), p. 145.

O local, até então procurado por famílias nobres que possuíam quintas de recreio com o intuito de usufruir dos bons ares do rio e do campo, assim como das magníficas vistas da região¹⁵, muda de cenário. O ambiente rural é substituído pelo ruído e poluição das fábricas. A praia da Matinha passa a ser cenário de fábricas e fumo, separado da terra pela cicatriz da linha férrea.

Foram inúmeras as mudanças que a industrialização trouxe ao património rural; as azinhagas, que sempre ligaram este sistema de quintas e permitiam o acesso às zonas mais ribeirinhas, foram então atravessadas pelas linhas férreas, os conventos ganharam novas funções e as quintas, com as suas respetivas áreas agrícolas, serviram de espaço para a construção de novas casas e vilas operárias.

Com a instalação de novas fábricas, assumindo esta zona um carácter industrial, veio a necessidade de alojamento dos trabalhadores que migraram, atraídos pela oferta de trabalho. Consequentemente, a paisagem muda por completo, bem como a maneira de viver a zona.

Os perímetros das quintas vão progressivamente dar lugar aos novos bairros deste local: Marquês de Abrantes, Loios, Alfenim, Flamengo, Alfínetes, Armador (...).

A construção das linhas de caminho-de-ferro (Linha do Norte, 1856, e linha de Cintura, em 1888, concluída em 1891, ligando a zona industrial de Marvila a Alcântara) veio criar uma separação entre as zonas a norte e a sul; embora já em 1874 pudéssemos encontrar registos de pelo menos cinco fábricas neste local (entre elas a primeira fábrica a vapor, a Companhia de Fiação e Tecidos Lisbonense, em 1838), este acontecimento veio potenciar a instalação de muitas mais (Fábricas Aliança, Âncora, Samaritana, Braço de Prata, Armazéns Abel Pereira da Fonseca são alguns exemplos).

Os complexos industriais foram, em muitos casos, construídos sem ter em conta o edificado, ficando dissociados da estrutura existente. A própria linha férrea atravessou eixos e zonas agrícolas, acabando por alterar definitivamente esta antiga zona rural e a sua profunda ligação ao rio, cais e tráfego fluvial.

As consequências da industrialização deste território não se limitaram ao já mencionado atravessamento dos terrenos por infraestruturas férreas. Os aterros construídos quer para as linhas férreas quer para apoio à indústria vieram destruir ou fragilizar os terrenos agrícolas outrora férteis, provocando o seu abandono progressivo e dando origem a grandes zonas descaracterizadas, devolutas, que perderam a sua função original.

Assistiu-se à construção de novos edifícios, alguns de apoio à indústria (armazéns e fábricas), outros de apoio ao número crescente de operários e suas famílias, que aqui se viram fixar, atraídos pela oferta de trabalho (bairros operários na sua maioria, como é exemplo a Vila Flamiano, construída em 1887). As próprias quintas de recreio passaram a ter novas funções, como já referimos anteriormente, tornando-se agora zonas de unidades fabris para produção metalúrgica e têxtil.

A presença da indústria em Marvila, que continua em crescimento até ao século XX, provocou um fluxo migratório de famílias de província, vindas na sua maioria das Beiras (Lamego, Viseu, Castro d’Aire) para trabalhar nas fábricas. Este fluxo, que se iniciou no final do século XVIII, explode em meados do século XIX, após a construção da linha férrea e a instalação de novas fábricas. A procura de locais para se fixarem originou a construção de bairros de lata, com destaque para o “Bairro Chinês” (atuais bairros Marquês de Abrantes, Alfinetes, Salgadas, Quinta do Chalé).¹⁶

Assume-se que a designação de “Bairro Chinês” se referia à rua principal, também

¹⁶Lisboa de Antigamente, 2020. [Consult. 25/02/2021]] Disponível em: <https://lisboadeantigamente.blogspot.com/2020/08/bairro-chines-marvila.html>

¹⁷COELHO, Alexandra Lucas - Os resistentes de Marvila, Pública, 506, 5 de fevereiro de 2006, p. 44-57.

¹⁸SILVA, Maria Margarida de Almeida Reis e - Pátios e vilas da Zona Ribeirinha Oriental: materialidade, memória e recuperação urbana. Dissertação de Mestrado em História Moderna e Contemporânea na especialidade de Cidades e Património. Lisboa: ISCTE-IUL, 2013. p. 100. [Consult. 27/01/2020]] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/6967>

conhecida como Azinhaga dos Alfinetes. Contava com cerca de 2000 famílias residentes, e foi essa densidade populacional que originou a designação de “chinês”. Toda esta população trabalhava nas diversas fábricas existentes, situadas nas proximidades. Em 1990 este bairro ainda não tinha água canalizada e era considerado o maior bairro degradado da cidade; ainda assim, era um lugar “familiar” e seguro onde os moradores faziam a vida na rua.

Segundo uma reportagem de Alexandra Lucas Coelho¹⁷ e testemunhos de “resistentes”, as vilas e pátios eram locais de convívio, de partilha, de cheiros e de música. As janelas e portas das pequenas habitações eram viradas para os pátios, os quais, enquanto extensão natural do ambiente doméstico, eram usados para lavar a roupa, fazer consertos de costura e remendos de sapatos (até como negócio). Em suma, serviam para por a conversa em dia e até para dançar nos dias de festa.

Santo António. Pátio do Colégio, Vila Flamiano, Vila Dias, ou Beco dos Toucinheiros eram alguns dos nomes destes espaços de vida, convívio e união, onde se recarregavam as energias para os dias longos de trabalho reproduzindo uma lógica de vida rural.

Muitas destas vilas operárias permanecem no território até aos dias de hoje, umas confundidas e esquecidas na malha urbana, outras a servirem de parque de estacionamento aos moradores atuais, como no pátio da Matinha, Vila Emília ou Vila Maria Luísa.¹⁸

O presente estudo parte da proposta de Vivant (2009) ao afirmar, a propósito de **Marvila, que** em face da atual deterioração da zona, a criação de um polo de produção artística e cultural será uma linha de intervenção com particular interesse, propiciando novas ambiências e vivências nesta zona da cidade.¹⁹



Fig.09



Fig.10

Figura 09 - Crianças brincando na rua formada pela Vila Dias (Alberto Carlos Lima, início do século XX).
 Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/LIM/000884.
 Figura 10 - Vila Dias (Alberto Carlos Lima, início do século XX). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa,
 PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LIM/000883



Fig.11

Figura 11 - Vila Maria Luísa, (João H Goulard, 1970). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

¹⁹ NUNES, João Pedro Silva; SEQUEIRA, Ágata Dourado - O Fado de Marvila. Notas sobre a Origem Cítadina e o Destino Metropolitano de uma Antiga Zona Industrial de Lisboa. Forum Sociológico, nº 21, 2011, p. 33–41.

Não esquecendo a memória coletiva e os percursos utilizados pela população neste lugar, a reabilitação urbana que se propõe neste estudo assenta na importância das estruturas culturais e artísticas como qualificantes do espaço urbano.

Os grandes vazios que encontramos em Marvila são maioritariamente terrenos rurais que pertenciam, como anteriormente exposto, às antigas quintas, conventos e suas áreas agrícolas. Estes espaços descaracterizados tornam-se perigosos devido ao seu isolamento e desconexão da cidade envolvente.

A importância do espaço público, do espaço verde e do espaço livre mantém-se; é exatamente por essa razão que há uma grande necessidade de dar um sentido a estes vazios urbanos, eles encerram a enorme responsabilidade de equilibrar o edificado da cidade com as zonas amplas e aberta ao céu.

O espaço público criado nesta zona pode e deve servir as necessidades da população. Enquanto forma de fomentar a convivência da comunidade, era importante ter em conta as suas particularidades, pensar nos espaços de proximidade, mais articulados com as necessidades da população residente. Deveria, pois, ser concebido de modo a converter-se em algo de simultaneamente familiar e muito especial, garantindo a desejada proximidade aos seus utentes.

Houve uma vontade de reativar alguns dos vazios e torná-los parte do funcionamento do território. Até 2020 Marvila contava com a presença de dois grandes parques, o do Vale Fundão e o da Bela Vista. Recentemente foram lançados concursos públicos para a requalificação de outros vazios na zona.

O Parque Ribeirinho Oriente, integrado no contexto Lisboa Capital Verde 2020 e inaugurado no mesmo ano, foi um projeto desenvolvido pelas arquitetas paisagistas

Catarina Assis Pacheco e Filipa Cardoso Menezes, do atelier FC. O parque conta com 600 metros de extensão localizados na frente ribeirinha. A primeira fase da intervenção tem início no Poço do Bispo e desenha-se para norte; no final, conta chegar até ao molhe da Marina do Parque das Nações e fundir-se com o parque interior da Matinha, completando uma área de 8 hectares (dobro da atual). Este percurso possui instalações de apoio criadas em contentores, uma grande variedade de espécies de flores e plantas, esculturas desenhadas especificamente para o local, parque infantil e dois percursos pedonais distintos. Este espaço verde trouxe movimento, dinamismo e juventude à Zona Ribeirinha, foi um espaço criado para todos.

Previsto para 2023, está o Parque Urbano da Quinta do Marquês de Abrantes. Um projeto do arquiteto paisagista João Nunes do atelier PROAP foi o vencedor do concurso. A comunidade participou no desenvolvimento da proposta dando as suas ideias e pareceres, que resultaram num espaço desenhado em conjunto com quem o habitará regularmente. Vários foram os aspetos a considerar, o passado do local, a proximidade com as linhas férreas, o bairro e a população residente, para então chegar ao projeto “praça na aldeia”. Será um parque verde de sete hectares composto por hortas comunitárias, um parque infantil, campos desportivos e percursos pedonais.



Fig. 12



Fig. 13

Figura 12 - Parque Ribeirinho Oriente I (Duarte Drago, 2020).

Figura 13 - Parque Ribeirinho Oriente II (Autor desconhecido, 2020). Fonte: NIT, www.nit.pt



Fig. 14



Fig. 15



Fig. 16

Figuras 14/16 - Arquitetura Paisagista, Parque Urbano da Quinta Marquês de Abrantes. Fonte: PROAP, 2020

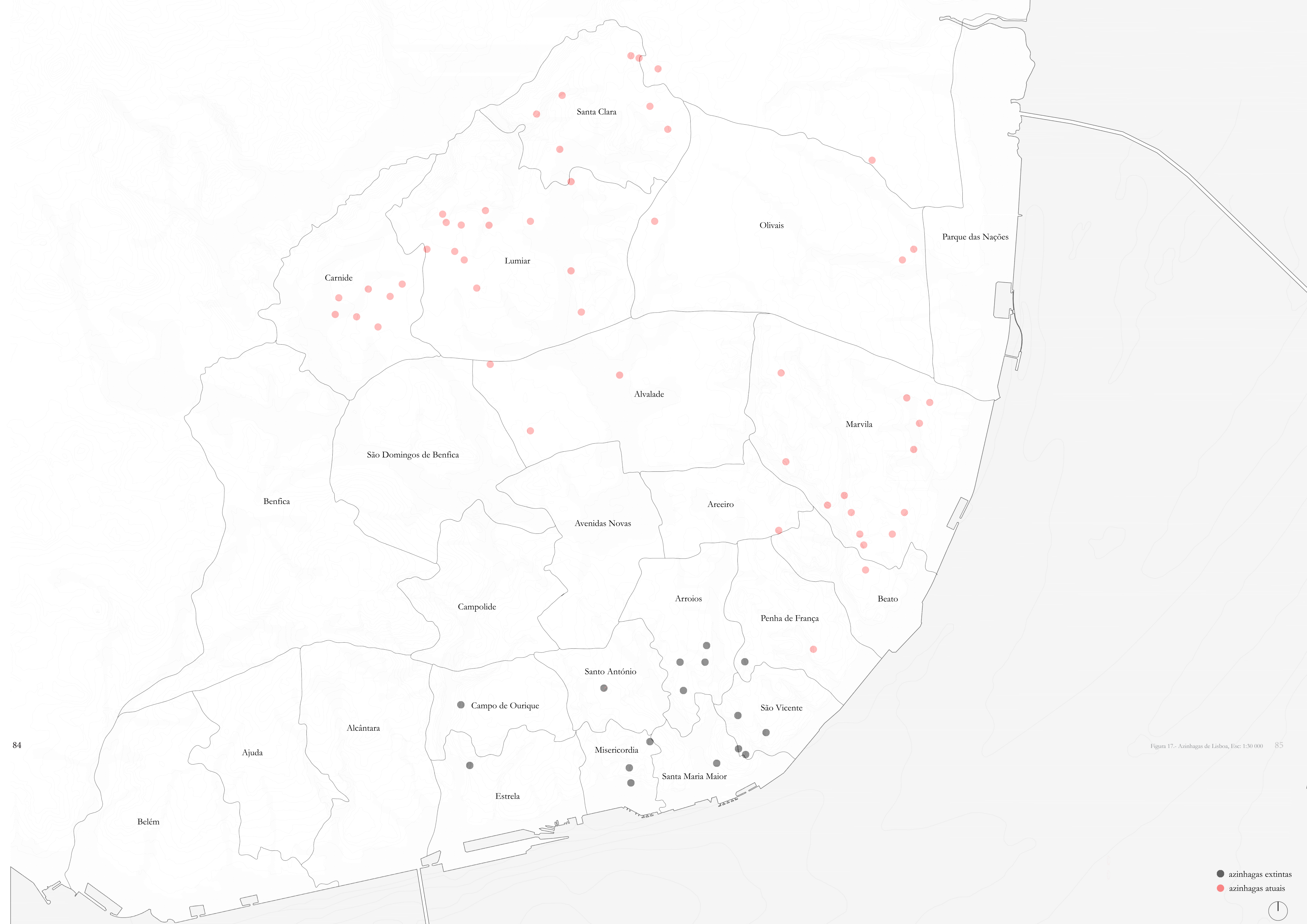


Figura 17.- Azinhagas de Lisboa, Esc: 1:30 000



Azinhaga: caminho rústico e estreito entre muros, valados ou sebes altas; córrego.

Do árabe az-zinaiqā, «rua estreita»

As azinhagas eram caminhos de taipa, às vezes delimitados por alinhamentos de oliveiras, outras vezes por muros e fachadas/portais. Adotaram os nomes das quintas ou das ordens religiosas a cujos conventos davam acesso, ou herdaram o nome dos moradores locais.

Na cidade de Lisboa, encontramos 52 vestígios desses caminhos murados, e a maioria deles continua a ser utilizada pela população local. Ainda hoje definem espaços e mantêm viva a memória de um passado que ali foi vivido. Encontramos esta tipologia de vias em zonas como Carnide, Lumiar, Alvalade, Santa Clara, Azeiro e Marvila.

As azinhagas constituíam um sistema viário claro e funcional que ligava quintas e conventos entre si e aos eixos de acesso da cidade. Tratam-se de ruelas estreitas, construídas numa lógica perpendicular ao rio e ao longo das linhas de feito, fornecendo ainda hoje pistas sobre a organização original da cidade.

O facto de serem delimitadas por muros convida a apelidar as azinhagas de “caminhos que dialogam com o céu”, pois os seus estreitos limites fazem-nos fortalecer uma relação vertical com a tipologia.

Tais muros mudam de características ao longo dos percursos, ganham e perdem altura e podem mesmo desaparecer de um lado, ou em ambos, em certos troços, mas isso nada retira à sua função de barreira.

Os corredores, formados por esses muros paralelos em taipa desenhando uma rota, não constituem, por conseguinte, unidades arquitetónicas homogéneas: têm dimen-

sões variadas e acabamentos diferentes. Nalguns sítios, interrompem-se, noutros alargam, formando “barrigas” ou mesmo “pracetas”. A sua diversidade permite deduzir que não foram objeto de qualquer planeamento, tendo provavelmente sido construídos pelos proprietários das terras limítrofes e consoante a maior ou menor habilidade dos respetivos taapeiros. Nos seus limites, nos muros, muitas vezes encontramos uma sobreposição de épocas, onde a pedra ou tijolo original se encontra com chapas de alumínio que hoje limitam pequenas barracas de apoio à agricultura (por exemplo, na Azinhaga do Ferrão em Marvila) ou a mesma pedra/tijolo suporta novas vedações (como o caso da Azinhaga da Maruja, também em Marvila), o que nos permite concluir que alguns muros sofreram alterações ao longo das décadas.

O sistema viário criado pelas azinhagas de Marvila, embora tenha nascido dentro de um enquadramento rural e para responder a necessidades diferentes das atuais, representa pelas suas características de traçado uma rede, que, para além do interesse histórico, também mantém caminhos pedonais. É um sistema que se adapta à morfologia do território conectando-o.

Segundo Gaspar (1990), as dimensões das parcelas variavam entre 2 e 15 hectares, estas parcelas tomaram o nome de “Quintas” e “Hortas”.

As “Quintas” situadas, na sua maioria, na encosta, terço médio superior e situações de festo.

As parcelas do tipo “Horta” possuíam em geral proporções mais alongadas, correspondiam a ocupações do terço inferior da encosta e localizavam-se ao longo do vale de Chelas.

A estrutura deste local era dada por um sistema de azinhagas de compartimentação dos lotes, adaptando-se ao carácter fisiográfico da paisagem. Ao longo da linha de festo encontravam-se as principais azinhagas, sendo que as ligações entre elas ocorriam no encontro com outras azinhagas perpendiculares às encostas.

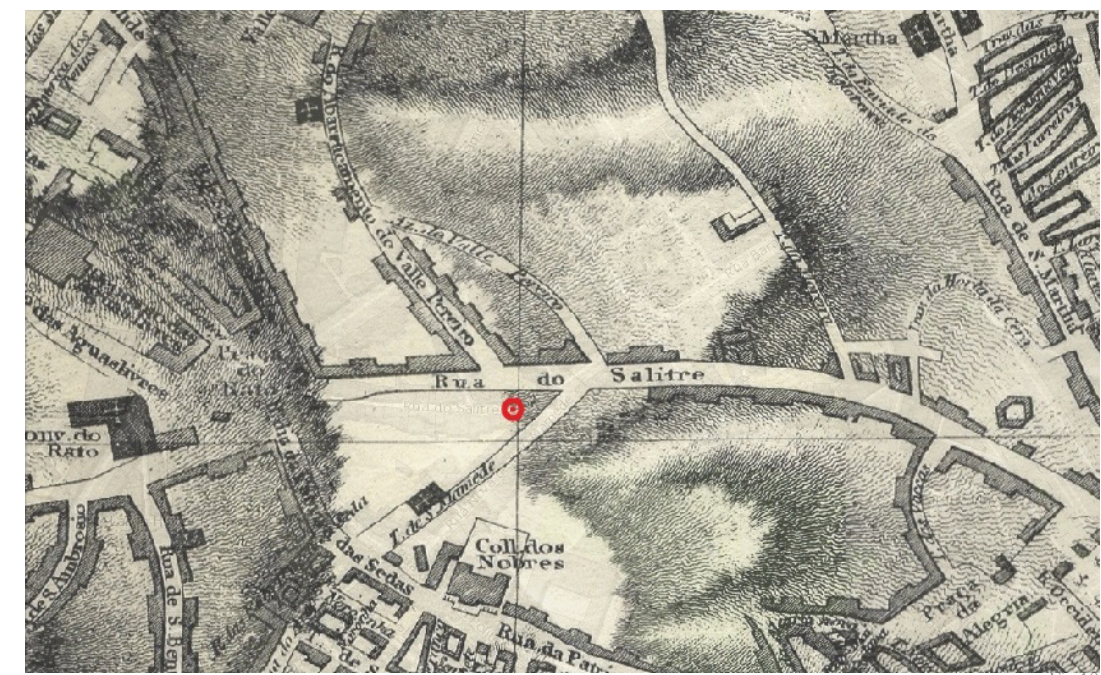


Fig.18

Figura 18 - Azinhaga Valle de Pereiro, Rua do Salitre (Planta do Duque de Wellington, 1812). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa

²⁰ OCHOA, Ana Rita - Da azinhaga à estrada. Memória e identidade na zona Oriental de Lisboa. Universidade de Barcelona, 2007, p. 38. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342393025_Da_azinhaga_a_estrada_Memoria_e_identidade_na_Zona_Oriental_de_Lisboa

²¹ CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA - Regulamento do Plano Diretor Municipal de Lisboa. Lisboa: CML. Disponível em: https://www.lisboa.pt/fileadmin/download_center/normativas/regulamentos/urbanismo/Regulamento_PDM.pdf p. 68.

²² REMESAR, Antoni; COSTA, João Pedro - Ideias e realidades, futuros expectantes. In AAVV - Lisboa capital do nada – Criar, debater, intervir no espaço público Lisboa: Extramuros/Junta Freguesia Marvila/CPID, 2002, p. 350-367.

A compartimentação externa das quintas é feita por muros em taipa e alinhamentos perimetrias de oliveiras. (VALIS)

A divisão interna das folhas é definida por caminhos, alinhamento de árvores e taludes²⁰

A sua permanência no território é evidente, pelo sistema que criam bem como pela memória que deixam ao local. Segundo o Plano Diretor Municipal de Lisboa são elementos relevantes a preservar na Cidade.

A estrutura morfológica e urbana das azinhagas tem de ser preservada, qualificada do ponto de vista paisagístico, integrada nos tecidos urbanos envolventes e reutilizada, preferencialmente para percursos de uso exclusivo pedonal e ciclável, salvo em situações de interesse público.²¹

No ano de 2001 foi realizado um projeto a partir de um conjunto de ações no âmbito do projeto “Lisboa Capital do Nada”. Uma série de debates e reflexões, iniciativas com a população, exposições e uma análise sobre o passado, presente e futuro de Marvila. Procurou-se abordar e pensar soluções para as manchas urbanas não contínuas e vazios existentes em Marvila, os espaços públicos e os resistentes caminhos rurais implantados neste território.²²

A atual dinâmica de ocupação territorial e modelo expansionista das cidades, com um aumento significativo nos últimos cem anos, obriga cada vez mais a pensar na sustentabilidade dos modelos a adotar.

Neste período de crescimento acelerado da cidade de Lisboa, a expansão realizou-se ao longo dos grandes eixos de saída, em contínuo; alguns vazios vieram a ser novas zonas edificadas, com urbanizações maioritariamente residenciais que implicaram novas acessibilidades.



Fig.19



Fig.20

Figura 19 - Azinhaga Cabeço da Bolla, Arroios (Filipe Folque, 1858) Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa
 Figura 20 - Azinhaga Cabeço da Bolla, Arroios (2020) Fonte: Google Maps

Como não foi observado um plano de conceção integrada entre urbanização e rede de acessibilidades, encontramos aqui um território urbano não compacto, resultando numa mistura desconexa de urbanizações, zonas rurais e terrenos expectantes onde os equipamentos e espaços públicos são escassos, fomentando uma certa segregação social.

O espaço público é definido como o espaço de interação social dos meios urbanos, capaz de fomentar e produzir encontros que permitem a coesão e integração social. Varia tipologicamente entre grandes parques urbanos e pequenos becos e pátios, até passeios e praças. Reconhecendo o seu valor estético, a sua personalidade, o seu valor ambiental, a preservação da sua identidade rural, este movimento cultural veio propor a reabilitação das azinhagas e fomentar uma consciencialização da sua capacidade estruturante no planeamento e desenho da cidade.

Dentro da perspetiva da sustentabilidade, é fundamental o equilíbrio entre espaços construídos e vazios naturais (entre os quais os espaços rurais). A inclusão de hortas rurais ou grandes zonas agrícolas são a forma de integrar estruturas não construídas dentro das cidades, contornando o fenómeno de densificação.

As azinhagas, com o seu perfil rural, podem servir como preservadores de sistemas ambientais, através da mobilidade dos seus utilizadores, deslocando-se entre sistemas e formando o que designam por “corredores biológicos”. Destaca-se ainda o seu interesse paisagístico e capacidade de referência ao passado, ajudando no equilíbrio do desenvolvimento urbano desta zona em conjunto com outros elementos-memória e constituindo a sua paisagem histórica.

Como referem Remesar e Costa²³ a integração desses caminhos nos novos traçados

urbanos é frequente na história do urbanismo, como por exemplo no caso das Ruas das Portas de Santo Antão, da Anunciada, São José, Santa Marta, São Sebastião da Pedreira, em Lisboa, que juntamente com a Estrada de Benfica e a Estrada da Luz, faziam parte de um único caminho rural de saída da cidade. Estas ruas são o exemplo da integração tanto dos antigos caminhos como do edificado pré-existente na nova malha urbana. Estas estruturas eram implantadas na rua pré-existente, mantendo a função de circulação, e a elas sucediam-se as zonas de lazer e espaços exteriores que se encontravam no interior das várias propriedades e espaços verdes.

Outra forma de integração das azinhagas existentes em Lisboa foi a sua assimilação por novas construções, que resultaram da junção de diferentes parcelas de terreno e alteraram a sua tipologia e imagem de conjunto e, consequentemente, as descaracterizaram.

Em Marvila, um território descaracterizado, estas estruturas são depósitos de identidade e têm uma personalidade própria. Não devem estar sujeitas a ser destruídas ou transformadas em modernas ruas que se lhes sobreporiam, como aconteceu em alguns troços da Estrada de Chelas.

Remesar e Costa²⁴ salientam ainda que, em Lisboa, até aos anos 80 estas tipologias de caminho sofreram alterações na cidade. As substituições de edifícios por novos equipamentos vieram descaracterizar as ruas, alteraram as escalas e as relações com a envolvente bem como as regras de recuo na construção e renovação de edifícios, desalinhando a estrutura pré-existente das azinhagas. O reconhecimento destas estruturas como parte do património da cidade é fundamental para combater os processos de destruição das mesmas. Segundo os autores, a forma de integração destas estruturas na cidade, passa pela manutenção dos alinhamentos iniciais e ocupação dos seus logradouros²⁵.

²⁴ GASPAR, J. (coord) (1990) Valis. Valorização de Lisboa Lisboa: CEDRU, p.365

²⁵ Terrenos e espaços anexados a habitações, espaços públicos para usufruto da população. [Consult. 9/08/2020]. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/logradouro>

Na cidade de Lisboa, já no século XX, a integração destes sistemas passou pela demolição dos muros das propriedades adjacentes e o alargamento das vias mantendo assim a sua morfologia inicial. Nas novas zonas urbanas, a integração desta tipologia é feita pela ligação das azinhagas aos espaços públicos, sendo estes espaços geradores de vida urbana. Em Marvila, a forma de integrar estes espaços recai sobre o último ponto apresentado, a ligação destes caminhos ao conjunto urbano, sendo que a maioria das azinhagas que se encontram neste território não têm escala automóvel, mas sim humana.

No passado, Marvila era maioritariamente composta por quintas e conventos implantados num enquadramento rural. Hoje, o território revela tanto na zona norte como na zona sul vestígios de treze Azinhagas: Alfenim, Alfinetes, Armador, Baptista, Bruxa, Ferrão, Planeta, Pombeiro, Salgadas, Broma, Patrocínio, Troca e Vale Fundão (barracas e bairro da Prodac). Embora nalguns casos (ou nalguns troços) os caminhos possam estar interditos, abandonados ou mesmo destruídos, este “modelo viário” ainda hoje funciona, continuando a ser utilizado pela população local.

Ademais, tais eixos de passagem foram atravessados nalguns pontos pelo caminho-de-ferro, por construções não adaptadas à morfologia inicial da azinhaga e por espaços abandonados. Quebrando a dinâmica original local, as linhas férreas são responsáveis pela separação entre uma zona norte e uma zona sul que dividem Marvila por completo, resultando em espaços vazios e descaracterizados.

Apesar de parcialmente destruídas, as azinhagas preservam a sua função de passagens pedonais, complementando o percurso de atravessamento pelas pontes criadas sobre as linhas férreas, servindo os transeuntes nos seus diversos trajetos. Embora ainda utilizadas, as azinhagas de Marvila sofreram uma alteração significativa com a

²⁶ GASPAR, J.(coord) - Valis. Valorização de Lisboa. Lisboa: CEDRU, 1990.

abertura da estrada da Circunvalação, em 1847, pois, a partir dessa época, deixam de ser o elo de ligação principal do território.²⁶

Procurou-se identificar as tipologias e características das azinhagas no território de Marvila, bem como reconhecer quais destas estruturas seguem a solução de integração sugerida por Remesar e Costa. Atualmente as azinhagas correspondem a uma extensão de quase 5km (4910m) da rede viária da cidade, sendo parte integrante no dia-a-dia da população aqui habitante enquanto estruturas públicas que conectam o território na sua forma mais orgânica.

Durante o trabalho de campo, no qual foi feito o levantamento de todas as azinhagas de Marvila, foi possível observar que as azinhagas dos Alfinetes, Patrocínio, Salgada, Ferrão, Vale Fundão (escala de automóvel), Bela Vista (sendo o acesso ao Colégio Valsassina) e Baptista (escala de automóvel) são os sistemas de circulação mais utilizados nos dias de hoje, pois a sua presença assume-me como eixo fundamental de circulação. Verifica-se então que todas as azinhagas (com exceção da Azinhaga da Troca) mantêm a sua função na dinâmica urbana de Marvila.



Fig. 21



Fig. 22



Fig. 23



Fig. 24



Fig. 25

Figura 21 – Azinhaga de Marvila II (Eduardo Macedo, 1938). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/001266
 Figura 22 – Azinhaga da Feiteira, Benfica (Artur João Goulart, 1961). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/002440
 Figura 23 – Azinhaga do Fidié (Artur João Goulart, 1960). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/000067
 Figura 24 – Azinhaga da Bruxa, Marvila (Artur João Goulart, 1961). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/001620
 Figura 25 – Azinhaga Cova da Onça, Carnide (Arnaldo Madureira, 1961). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/001454



Fig.26



Fig.27



Fig.28



Fig.29



Fig.30

Figura 26 – Azinhaga das Murtas II, Campo Grande (Artur João Goulart, 1961). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/001676
 Figura 27 – Azinhaga das Galhardas II (Artur João Goulart, 1961). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/000859
 Figura 28 – Azinhaga da Picheleira, Beato (Artur João Goulart, 1962). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/002919
 Figura 29 – Azinhaga das Galhardas (Joshua Benoliel, Ano desconhecido). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/004760
 Figura 30 - Azinhaga da Panasqueira (Eduardo Macedo, 1939). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/002241



Fig. 31



Fig. 32



Fig. 33



Fig. 34



Fig. 35

Figura 31 – Azinhaga da Torrinha III (Fernando Manuel de Jesus Matias, 1959). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FJM/000076
 Figura 32 – Azinhaga da Torrinha I (Fernando Manuel de Jesus Matias, 1959). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FJM/000074
 Figura 33 – Azinhaga da Torrinha (Fernando Manuel de Jesus Matias, 1959). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FJM/000062
 Figura 34 – Azinhaga da Torrinha II (Fernando Manuel de Jesus Matias, 1959). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FJM/000075
 Figura 35 – Azinhaga da Torrinha IV (Fernando Manuel de Jesus Matias, 1959). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FJM/000078



Fig.36



Fig.37

Figura 36 - Azinhaga de Marvila (Eduardo Macedo, 1940). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/001760
Figura 37 - Azinhaga das Murtas (Artur João Goulart, 1960). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/000422



Fig.38



Fig.40



Fig.39



Fig.41

Figura 38 – Azinhaga das Sardinhas, Olivais (Artur João Goulart, 1961). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/001444
 Figura 39 – Azinhaga de Telheiras II (Artur João Goulart, ano desconhecido). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/001014
 Figura 40 – Azinhaga das Teresinhas (Arnaldo Madureira, 1960). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/000858
 Figura 41 – Azinhaga de Santa Clara (Joshua Benoliel, Ano desconhecido). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/004769



Fig.42

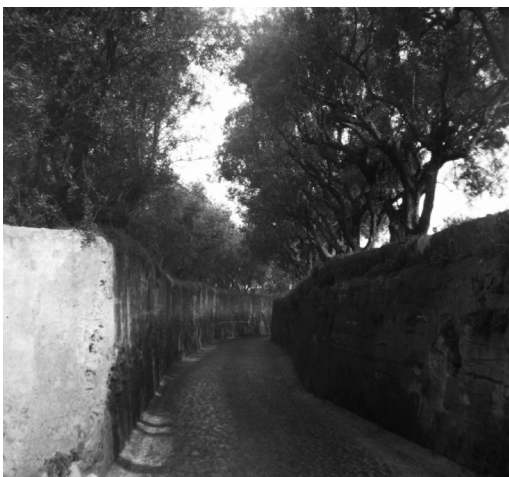


Fig.44



Fig.43



Fig.45

Figura 42 – Azinhaga de Telheiras III (Artur João Goulart, ano desconhecido). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/001020
 Figura 43 – Azinhaga de Telheiras (Artur João Goulart, ano desconhecido). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/001011
 Figura 44 – Azinhaga do Poço de Baixo, Lumiar (Artur João Goulart, 1961). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/001031
 Figura 45 – Azinhaga dos Barros, Carnide (Artur João Goulart, 1961). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/002009



Fig.46

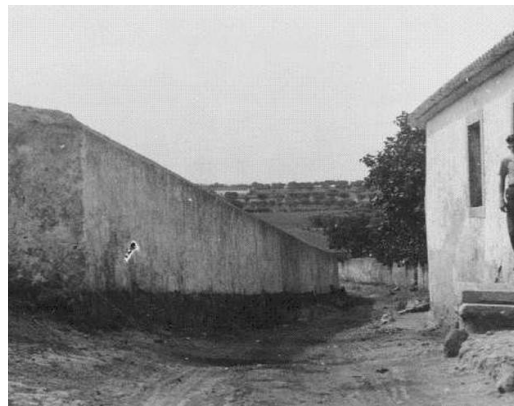


Fig.48



Fig.47



Fig.49

Figura 46 - Azinhaga em Benfica (Joshua Benoliel, Ano desconhecido). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/JBN/001785
 Figura 47 - Azinhaga Fonte do Louro, Areeiro (Artur João Goulart, 1961). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/AJG/001054
 Figura 48 - Azinhaga para os Olivais (Eduardo Macedo, 1940). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/EDP/002212
 Figura 49 - Azinhaga Quinta da Chapela (Armando Maia Seródio, 1958). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/SER/001929



Fig.50

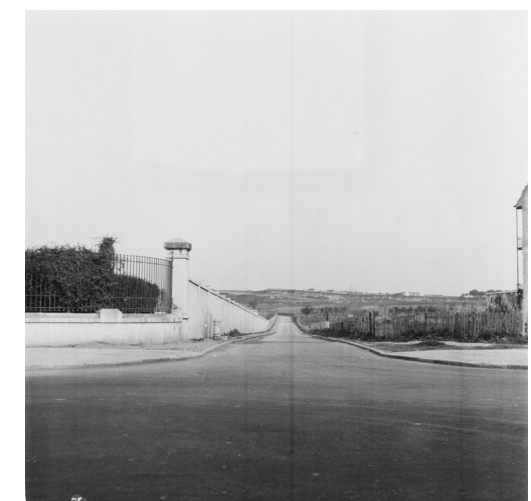


Fig.51



Fig.52

Figura 50 – Azinhaga Rua Doutor Gama Barros, Alvalade (Arnaldo Madureira, 1960). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/000594
 Figura 51 – Azinhaga junto ao Hospital Júlio de Matos (Arnaldo Madureira, 1961). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/ARM/001249
 Figura 52 – Azinhaga, Local desconhecido (Alberto Carlos Lima, ano desconhecido). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/LIM/001129

- 1 - Azinhaga da Bruxa
- 2 - Azinhaga Viegas
- 3 - Azinhaga do Patrocinio
- 4 - Azinhaga Vale Fundão
- 5 - Azinhaga da Troca
- 6 - Azinhaga da Salgada
- 7 - Azinhaga do Planeta
- 8- Azinhaga do Ferrão
- 9 - Azinhaga Baptista
- 10 - Azinhaga Broma
- 11 - Azinhaga Armador
- 12 - Azinhaga Maruja
- 13 - Azinhaga da Bela Vista
- 14 - Azinhaga da Quinta de Alfenim
- 15 - Azinhaga do Pombeiro
- 16 - Azinhaga dos Alfinetes

O desenho atual da cidade mostra uma clara relação com o passado vivido neste local. No mapa estão assinaladas as principais azinhagas da freguesia de Marvila bem como alguns troços de azinhagas que já não se encontram visíveis no território atual. Estes caminhos ainda representam funções fundamentais no território, sendo ainda hoje, os principais eixos pedonais que unem o bairro

Figura 53 - Azinhagas de Marvila, Esc. 1:8000



A Estrada de Marvila

A Estrada e Rua de Marvila localizam-se entre as linhas férreas; várias azinhagas começam neste caminho entrando no território ao subirem a encosta. No cruzamento com a Azinhaga Viegas a Estrada passa a Rua, abre a sua escala e até à Azinhaga dos Alfinetes assume um carácter de Avenida larga e laçada por árvores.

Figuras 54/60 - Estrada de Marvila, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.54



Fig.55



Fig.56



Fig.57



Fig.59



Fig.58



Fig.60



Azinhaga da Bruxa



A Azinhaga da Bruxa começa na Estrada de Marvila e acaba no princípio da atual Rua da Quinta dos Ourives. Os estreitos muros de pedra, semelhantes entre si, definem o princípio da Azinhaga, quando a mesma encontra a Rua Marquês Olhão podemos reconhecer a escala da cidade; embora ainda parcialmente ladeada por árvores é também limitada por edifícios de habitação social.

Largura: entre 2,75m (entre muros) e 6,50m (no troço de rua alcatroada)
Extensão: 425m

Figuras 61/69 - Azinhaga das Bruxas, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.61



Fig.62



Fig.63



Fig.64



Fig.65



Fig.67



Fig.66



Fig.68



Fig.69

Azinhaga das Viegas



A Azinhaga das Viegas reconhece-se desde a Estrada de Marvila até à linha férrea, embora provavelmente a estrutura inicial fosse até à Rua Dinah Silveira de Queiroz. Os seus limites atuais surgem dos lotes da Casa de São Vicente e na fachada posterior do Campo do Ferroviário, limites estes bem diferentes entre si.

Largura: entre 4,30m (no troço em caminho de terra) e 6m (no troço de rua alcatroada)
Extensão: 315m

Figuras 70/75 - Azinhaga Viegas, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.70



Fig.71



Fig.72



Fig.73

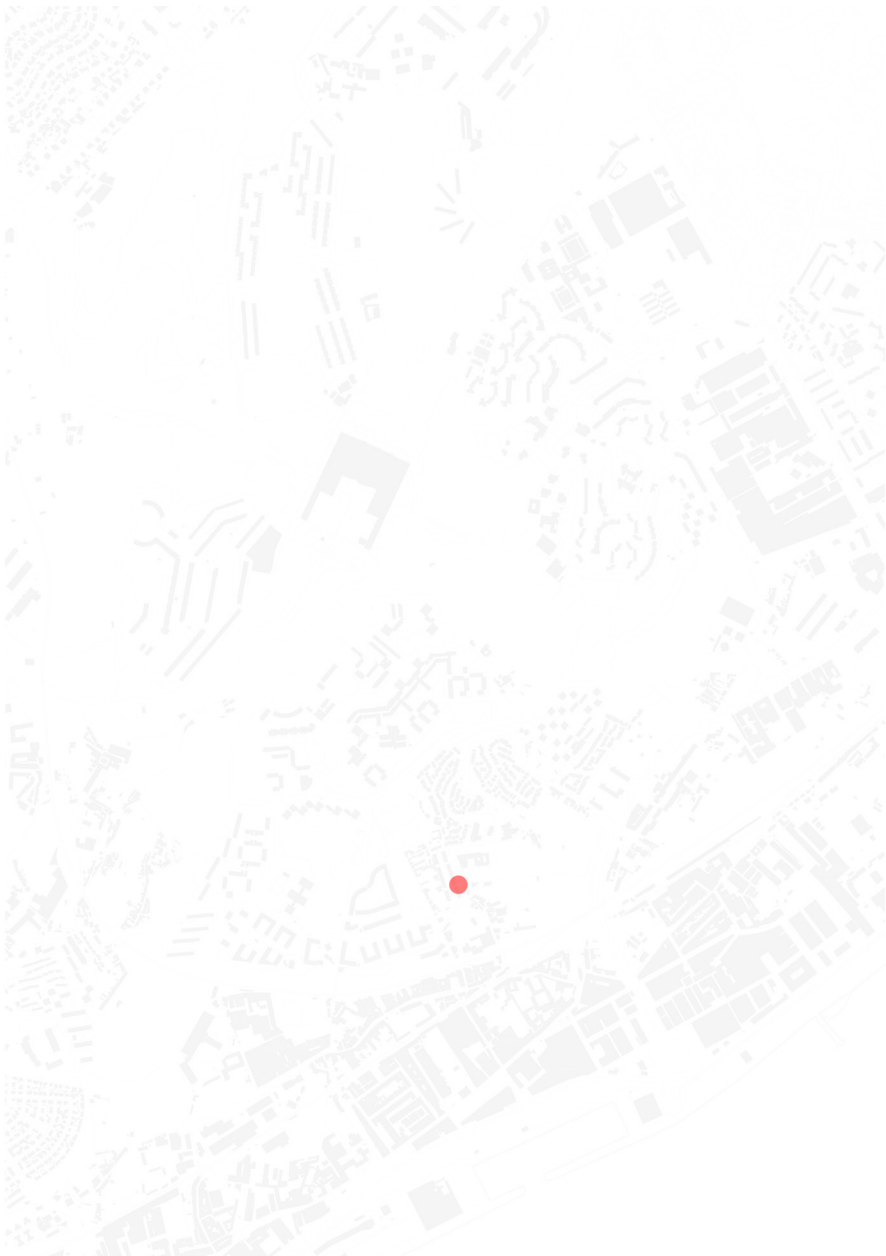


Fig.74



Fig.75

Azinhaga do Patrocínio



A Azinhaga do Patrocínio liga a Avenida de São Paulo à Estrada de Marvila. Os muros estreitos e pedonais que definem por norma uma azinhaga são facilmente conhecidos neste percurso. O último troço da azinhaga encontra a fachada posterior do Campo desportivo *O Oriental*.

Largura: entre 2,70m (entre muros) e 7m (no troço de rua alcatroada)
Extensão: 470m (600m até à Estrada de Marvila, provavelmente morfologia inicial agora atravessada pelas linhas férreas)

Figuras 76/88- Azinhaga do Patrocínio, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Azinhaga do Vale Fundão



A Azinhaga do Vale Fundão é das mais extensas que encontramos no território de Marvila, a sua fisiomia inicial já não é facilmente reconhecível, a sua escala aumentou ao nível da cidade e atualmente é um dos principais eixos de circulação do bairro. Começa da Rua do Vale Formoso de Cima e só termina no encontro entre as ruas Pedro de Azevedo com Sousa Bastos.

Largura: entre 7m e 10m (ruas alcatroadas)
Extensão: 600m

Figuras 89- Azinhaga do Vale Fundão, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.89



Fig.90



Fig.91



Fig.92



Fig.93



Fig.94



Fig.95

Azinhaga da Troca



A Azinhaga da Troca, que começa na Avenida Paulo VI, é das mais curiosas deste local. Está camuflada pela densa camada de vegetação que caracteriza esta avenida. O pavimento com calçada preta é dificilmente reconhecido entre a terra e as silvas que o cobrem, o seu interior é estreito e leva-nos a uma Quinta, de nome desconhecido, actualmente em ruínas. No lote desta quinta, pertencente à Câmara Municipal de Lisboa, encontramos pequenas barracas de apoio a hortas informais.

Largura: 2,5m (Entre vegetação e muro)
Extensão: 75m

Figuras 96/103 - Azinhaga da Troca, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.96



Fig.97

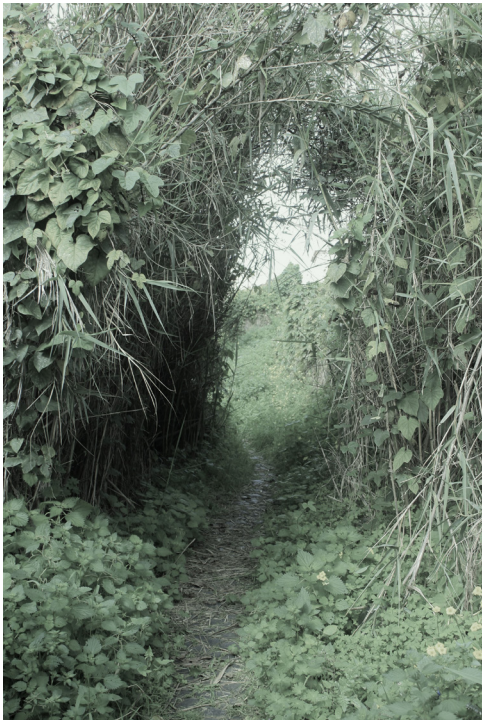


Fig.99



Fig.98



Fig.100



Fig.101



Fig.102



Fig.103



Azinhaga da Salgada



A Azinhaga da Salgada difere bastante ao longo do território, em certos pontos nem chegamos a reconhecer os seus limites iniciais, como no encontro com a Rua João César Monteiro, embora a partir deste cruzamento a Azinhaga volte a ter uma escala humana e confinada, que remete ao que em tempos seriam os seus limites originais. Nela encontramos também registos de antigas quintas, hoje abandonadas.

Largura: entre 3m (zona habitacional com muros pré existentes) e 7m (no troço de rua alcatroada)
Extensão: 550m

Figuras 104/114 - Azinhaga da Salgada, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.104



Fig.105



Fig.106



Fig.107



Fig.108



Fig.109



Fig.110



Fig.111



Fig.112



Fig.113



Fig.114

Azinhaga do Planeta



A Azinhaga do Planeta tem início na Rua da Quinta dos Ourives, onde os seus limites no lado direito ainda são bastante visíveis enquanto no lado oposto encontramos edifícios de grande escala de habitação social.

Largura: entre 3m (no troço inicial) e 9m (no troço que alberga estacionamento)

Extensão: 235m

Figuras 115/123 - Azinhaga do Planeta, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.115



Fig.116



Fig.117



Fig.118



Fig.120



Fig.121



Fig.122



Fig.123

Azinhaga do Ferrão



A Azinhaga do Ferrão inicia-se no final da Azinhaga da Salgada acabando na Rua João Cesár Monteiro. No encontro entre as azinhagas encontramos 3 quintas abandonadas. O percurso é limitado por muros, que suportam barracas de apoio a hortas.

Largura: entre 3m (entre muros) e 5m (no troço nos troços onde o muro interrompe)
Extensão: 160m

Figuras 124/133 - Azinhaga do Ferrão, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.124



Fig.125



Fig.127



Fig.126



Fig.129



Fig.128



Fig.130



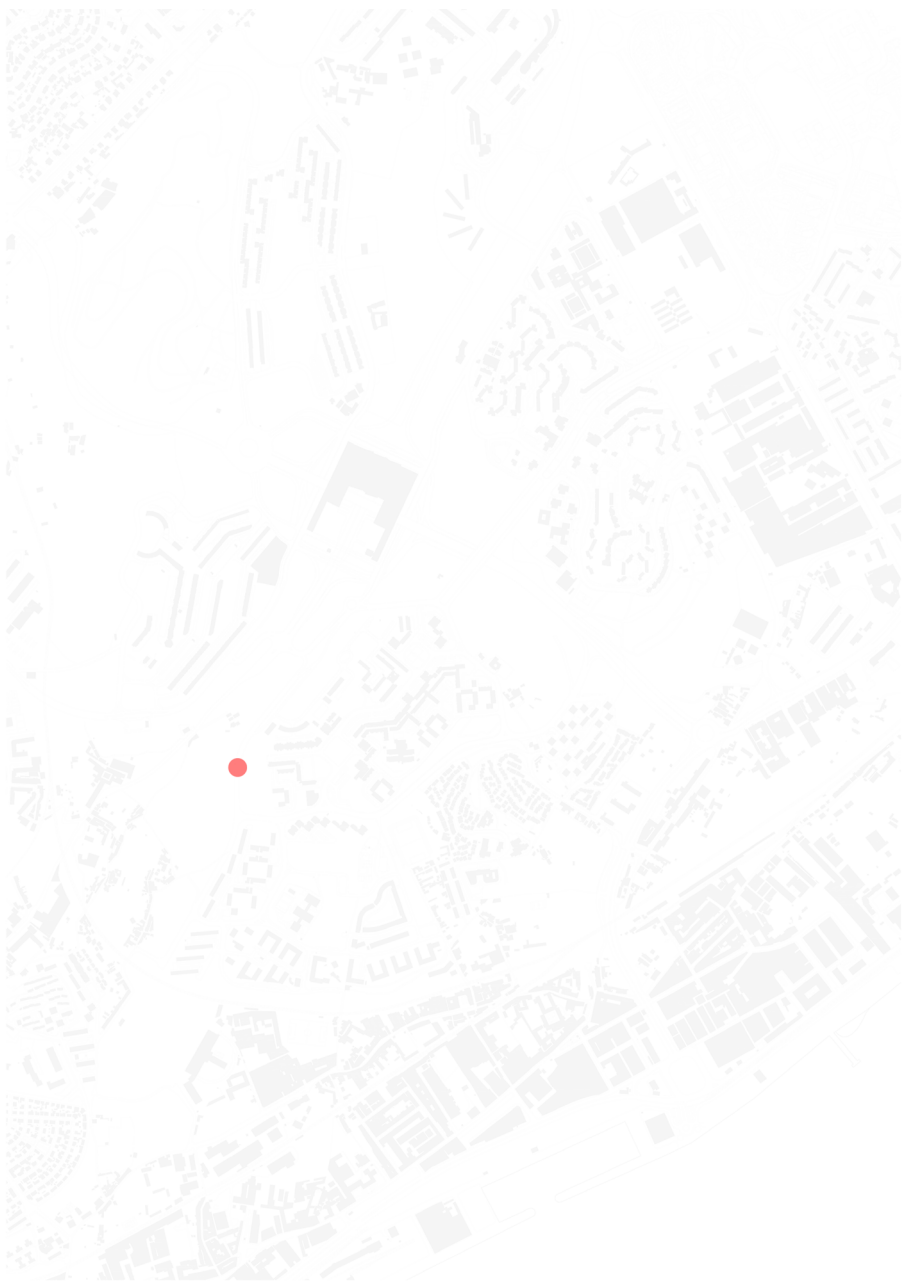
Fig.131



Fig.132



Fig.133



A Azinhaga Baptista assume a continuação de um dos principais eixos viários da zona, a Rua João César Monteiro. É larga e aberta à paisagem, pois ao seu redor encontramos vegetação abundante, embora não esteja qualificada.

Largura: 20m com ciclovias de 2m em ambos os lados

Extensão: 415m

Figuras 134/137 - Azinhaga Baptista, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.134



Fig.135

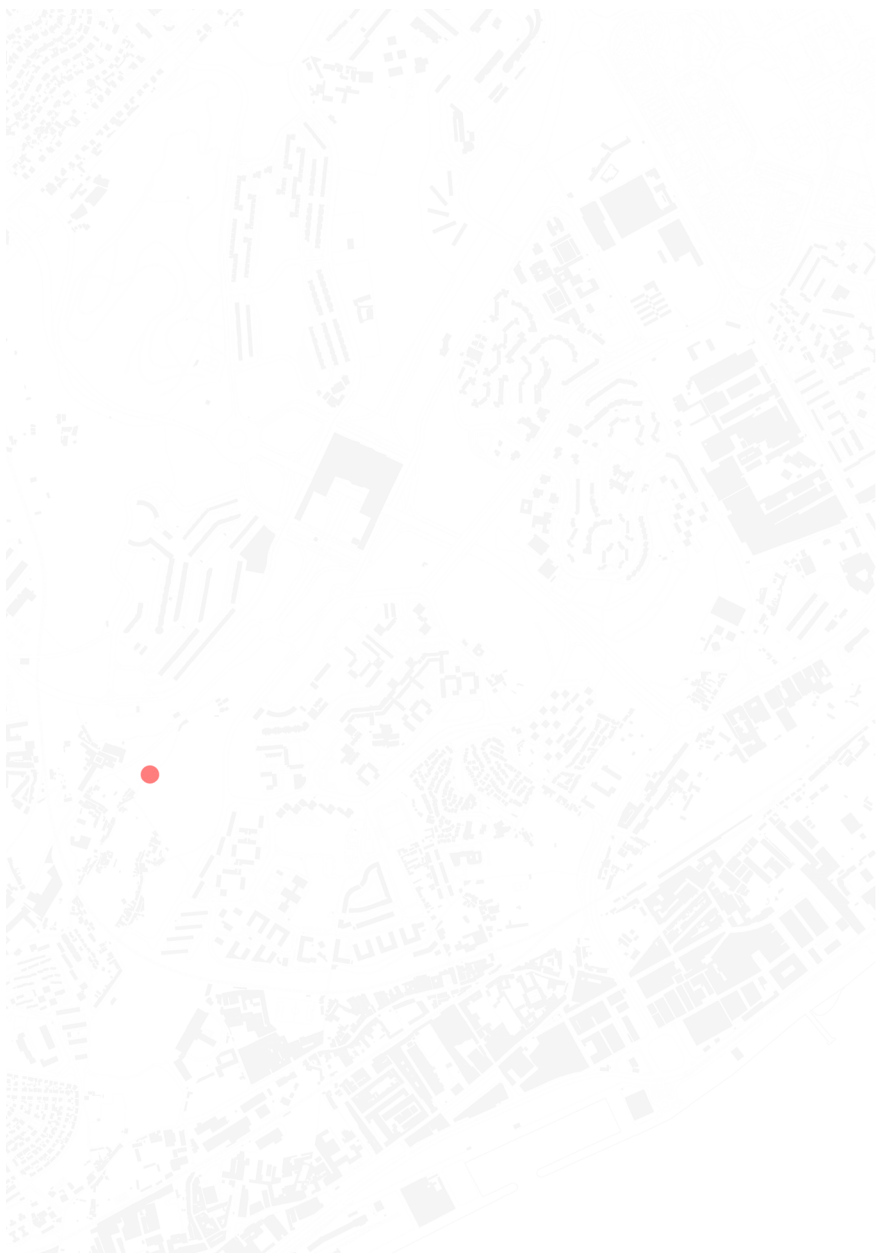


Fig.136



Fig.137

Azinhaga da Broma



A Azinhaga da Broma é gerada no cruzamento da Rua de Cima de Chelas com a Calçada dos Vinagreiros sendo que só acaba na Avenida Santo Condestável. Mantém sempre a sua largura excepto na entrada de uma antiga quinta. É limitada por altos muros de pedra e assume um declive notório.

Largura: entre 3,20m (entre muros) e 7m (onde o muro abre para as entradas das quintas)
Extensão: 210m

Figuras 138/145- Azinhaga da Broma, Marvila (fotografias da autora, 2021)



Fig.138



Fig.139



Fig.140



Fig.141



Fig.142



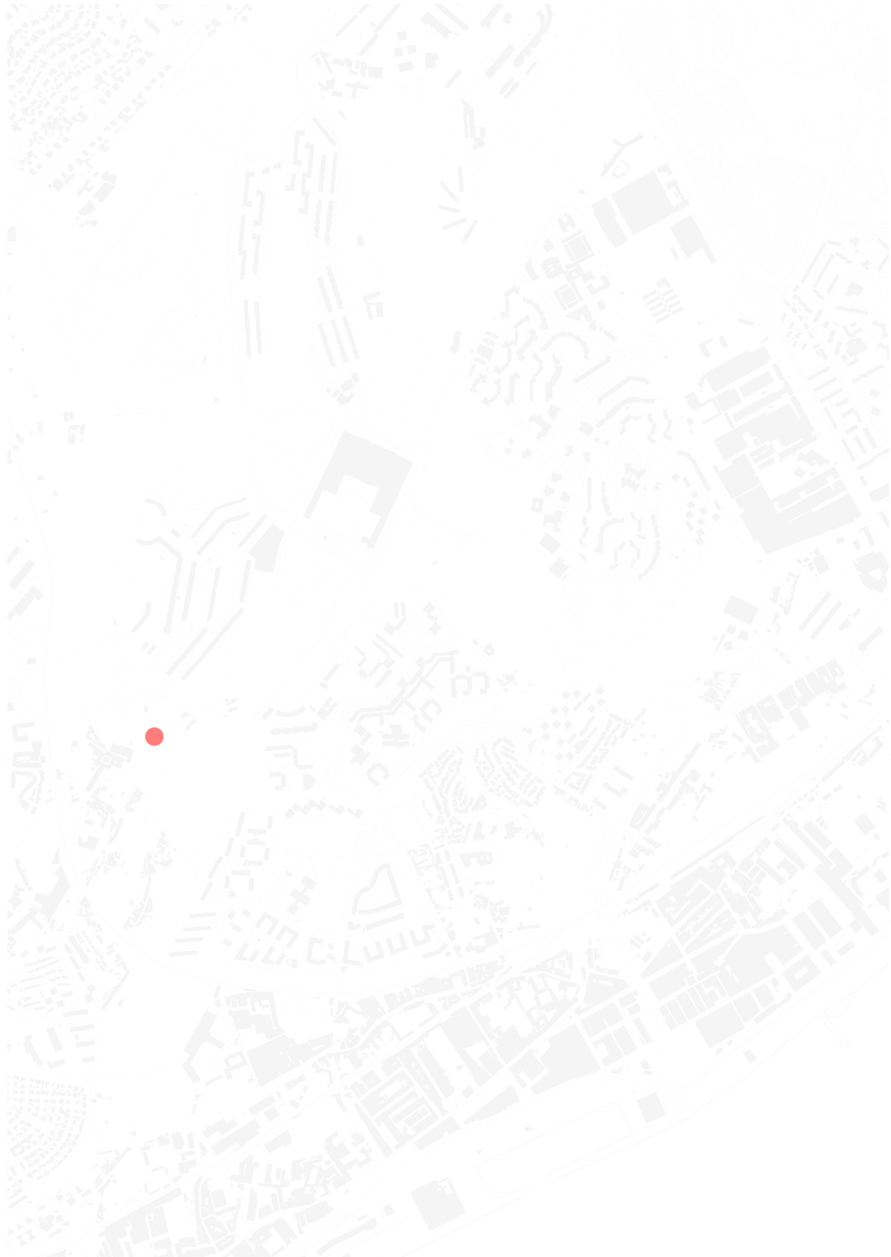
Fig.143



Fig.144



Fig.145



A Azinhaga Armador localiza-se no lado apostro da Azinhaga da Broma, separadas pela Avenida. No seu percorrer encontramos diversas paragens e alargamentos dos limites, onde o muro se abre, supondo então que seriam aqui as entradas para as quintas que ladeavam este caminho.

Largura: 4,60m
Extensão: 195m

Figuras 146/151- Azinhaga Armador, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.146



Fig.147



Fig.148



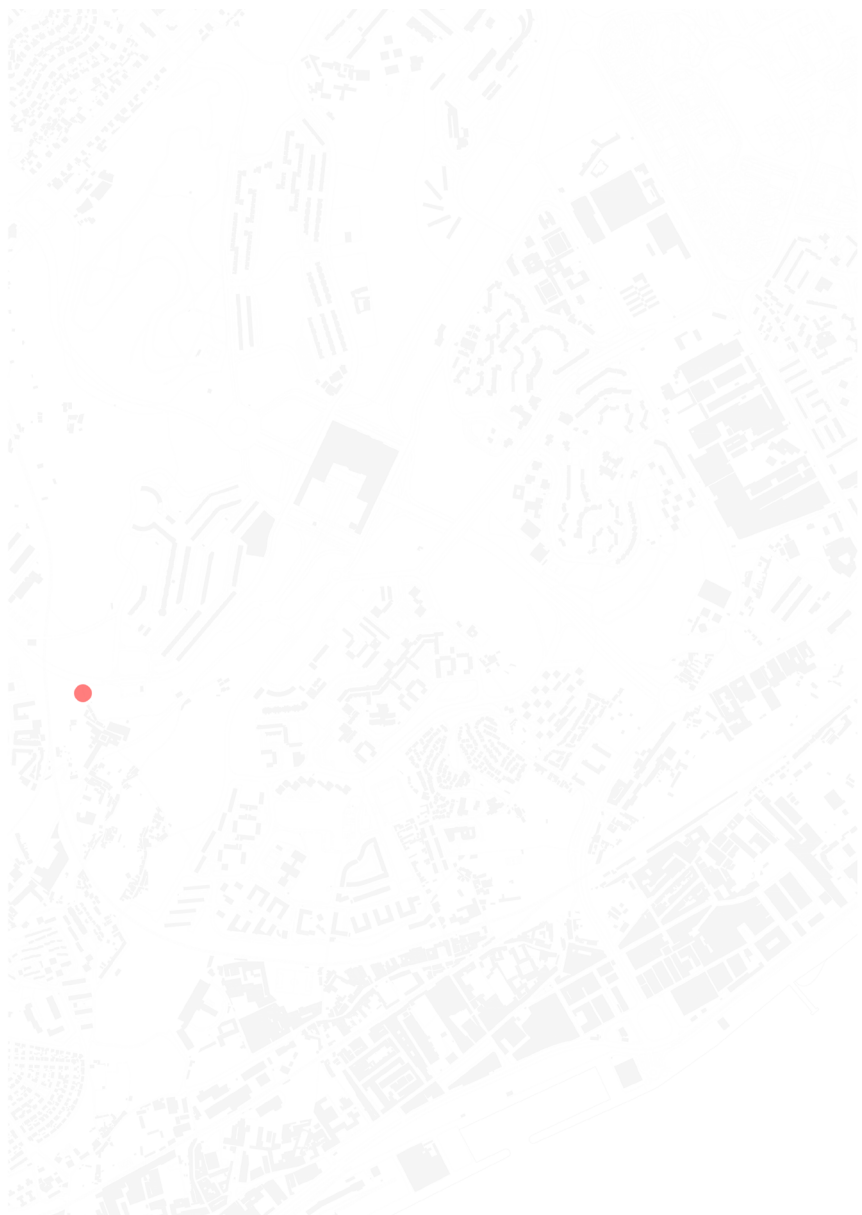
Fig.149



Fig.151



Fig.150



A Azinhaga Maruja fica na continuação da Azinhaga Armador, o seu fim está interrompido por vegetação.
A vegetação é hoje o elemento dominante deste espaço e o seu limite é feito através de uma vedação.

Largura: 2,50m (entre vegetação)
Extensão: 130m (260m extensão original da azinhaga, hoje atravessada por vegetação)

Figuras 152/159- Azinhaga Maruja, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.152



Fig.153



Fig.154



Fig.155



Fig.157



Fig.156



Fig.158



Fig.159



Azinhaga da Bela Vista



A Azinhaga da Bela Vista é hoje a entrada do colégio Valsassina. Localiza-se na Avenida Avelino Teixeira da Mota.

Largura: 6,80 (largura da rua alcatroada, adiconando 5m a cada lateral para estacionamento)

Extensão: 100m

Figuras 160/162- Azinhaga da Bela Vista, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.160



Fig.161



Fig.162



Azinhaga da Quinta do Alfenim



A Azinhaga da Quinta do Alfenim vai da Rua do Vale Formoso de Cima até à Rua Lino Ferreira. No lote inicial encontramos uma quinta em ruínas, provavelmente a quinta que deu o nome a esta Azinhaga; junto à Quinta o caminho é estreito e limitado embora no fim do lote ganhe uma nova escala.

Largura: entre 2,70 (entre muros) e 3,70) (no troço de rua alcatroada)

Extensão: 180m

Figuras 163/170- Azinhaga da Quinta do Alfenim, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.163



Fig.164



Fig.166



Fig.165



Fig.168



Fig.167



Fig.169



Fig.170

Azinhaga do Pombeiro



A Azinhaga do Pombeiro embora seja facilmente encontrada é mais difícil ser reconhecida pois atualmente encontra-se no interior do Parque da Bela Vista. A Quinta do Pombeiro, que deu o nome à Azinhaga, é hoje uma Casa de Acolhimento para Crianças Refugiadas CACR/CPR, localizada dentro do jardim.

Largura: Não é reconhevel a sua largura original pois só temos uma lateral do muro pré existente
Extensão: 170m

Figuras 171/174 - Azinhaga do Pombeiro, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.171



Fig.172



Fig.173



Fig.174

Os troços visíveis da Azinhaga coincidem com a delimitação inicial das quintas e, por serem adjacentes a um dos lados do seu perímetro, conseguiam interligá-las, criando o sistema de comunicação. Uma vez devidamente reabilitada, esta estrutura será capaz de recuperar a morfologia original, devolver identidade ao local e reavivar o passado esquecido.

Tal como no caso dos limites das Quintas, também a Azinhaga dos Alfinetes (representada na sua totalidade nos mapas de Silva Pinto, 1911) é redesenhada nesta proposta, evocando o que este local foi um dia. Trata-se de revalorizar a relação com o rio, bem como a relação praça coberta - praça aberta ao céu.

A Azinhaga dos Alfinetes deve a sua denominação ao facto de na Quinta dos Alfinetes se ter instalado uma fábrica de produção de alfinetes (trefilaria). Anteriormente a Azinhaga tinha o nome de Azinhaga da Fonte.

A Azinhaga dos Alfinetes, ainda hoje muito utilizada pela população residente em Marvila, assume um percurso claro no território. Embora com zonas interrompidas consegue-se visualizar todo o caminho que em tempos ocupou. Do complexo desportivo, O Oriental²⁷ até à Rua de Marvila, o caminho de escala humana passa em importantes pontos neste local, a Quinta dos Alfinetes, a Escola Básica de Marvila, a Biblioteca, a linha férrea e o Campo do Ferroviário. Ao longo do seu percurso também encontramos edifícios abandonados, como é o caso da Quinta da Fonte, edifício do final do século XVII, onde apenas se destaca um painel de azulejo que resistiu à degradação desta casa de verancio.

Nos anos 50, o cenário desta rua era diferente do que encontramos hoje; ladeada de barracas que constituíam o maior bairro da zona, o já referido “Bairro Chinês”, era um caminho degradado e não alcatroado.

²⁷ Marvilense, fundido, a partir de 8 de agosto de 1946, com o Chelas Futebol Clube e o Grupo Desportivo “Os Fósforos”²³, para criar o Clube Oriental de Lisboa, ainda hoje uma referência incontornável desta zona, e do desporto lisboeta.



A Azinhaga dos Alfínets, caso de estudo deste trabalho, tem início no parque do Campo desportivo o Oriental, virado à Avenida Paulo VI, terminando na Rua de Marvila. A sua morfologia, materialidade e escala varia ao longo do percurso, atravessa a linha férrea e distribui a população pelo território, sendo este caminho ainda bastante usado pela comunidade que habita no local.

Largura: entre 3,20m (entre muros) e 7m (no troço que contorna o terreno da escola)
Extensão: 680m

Figuras 175/180- Azinhaga dos Alfínets, Marvila (Fotografias da autora, 2021)



Fig.175



Fig.176



Fig.177



Fig.178



Fig.179



Fig.179



Fig.180



Fig.181



Fig.182



Fig.183



Fig.184



Fig.185



Fig.186



Fig.187



Fig.188



Fig.189



Fig.190



Fig.191



Fig.192



Fig.193



Fig.194



Fig.195



Fig.196

Antigos moradores referem que, quando chovia, as águas escorriam pela encosta, do *Oriental* até lá abaixo à passagem de nível.²⁸ Nesta altura era já uma rua larga, onde do lado direito existiam barracas e do lado esquerdo casas mais pequenas, de tijolo ou cimento; hoje o cenário é diferente, mas ficou a memória do que ali se viveu, os mesmos muros e espaços de convívio que mantêm a sua imponentia e escala até aos dias de hoje, o património deste lugar.

A estratégia proposta para reestruturação deste local passa, primeiramente, pela intervenção na Azinhaga dos Alfinetes, mantendo o seu nome e estrutura, respeitando a sua ocupação no espaço e no tempo, promovendo a reconstrução da sua memória. Ao encontrar estas tipologias de espaço voltamos atrás no tempo e entendemos a origem deste sistema.

O percurso que permanece desta tipologia de circulação passa pelos principais pontos deste território, unindo-os entre si num só sistema, e relacionando a diferenças de cotas de uma forma harmoniosa. A sua história, permanência e escala humana contrasta com a situação atual deste local, com o seu edificado e com os sistemas de acessos de grande escala. Desmontando esta tipologia de escala humana entende-se que há um sistema de compartimentação dos lotes que lhes está associado bem como um sistema claro de circulação entre equipamentos que persiste até aos dias de hoje, deste modo pretende-se a sua reconstrução.

Marvila tem uma particularidade, os equipamentos existem bem como espaços de comércio, os seus espaços de transição é que não estão resolvidos, segmentando os bairros e quarteirões. Tal também acontece no local por onde a azinhaga passa, nos locais onde a Azinhaga já não existe, essencialmente na zona da Biblioteca de Marvila, foram criadas novas construções, embora os seus acessos não tenham sido pensados e requalificados.

²⁸ SILVA, João Santana da - A Vida No Bairro, O Bairro Chinês, na primeira pessoa. Blogue Lisboa de Antigamente, 2015. [Consult. 5/05/2020]. Disponível em: lisboadeantigamente.blogspot.com2020/08/bairro-chines-marvila.html



Fig. 197



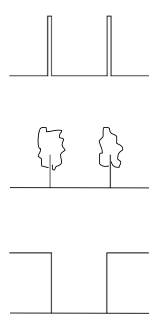
Fig. 198



Fig. 199

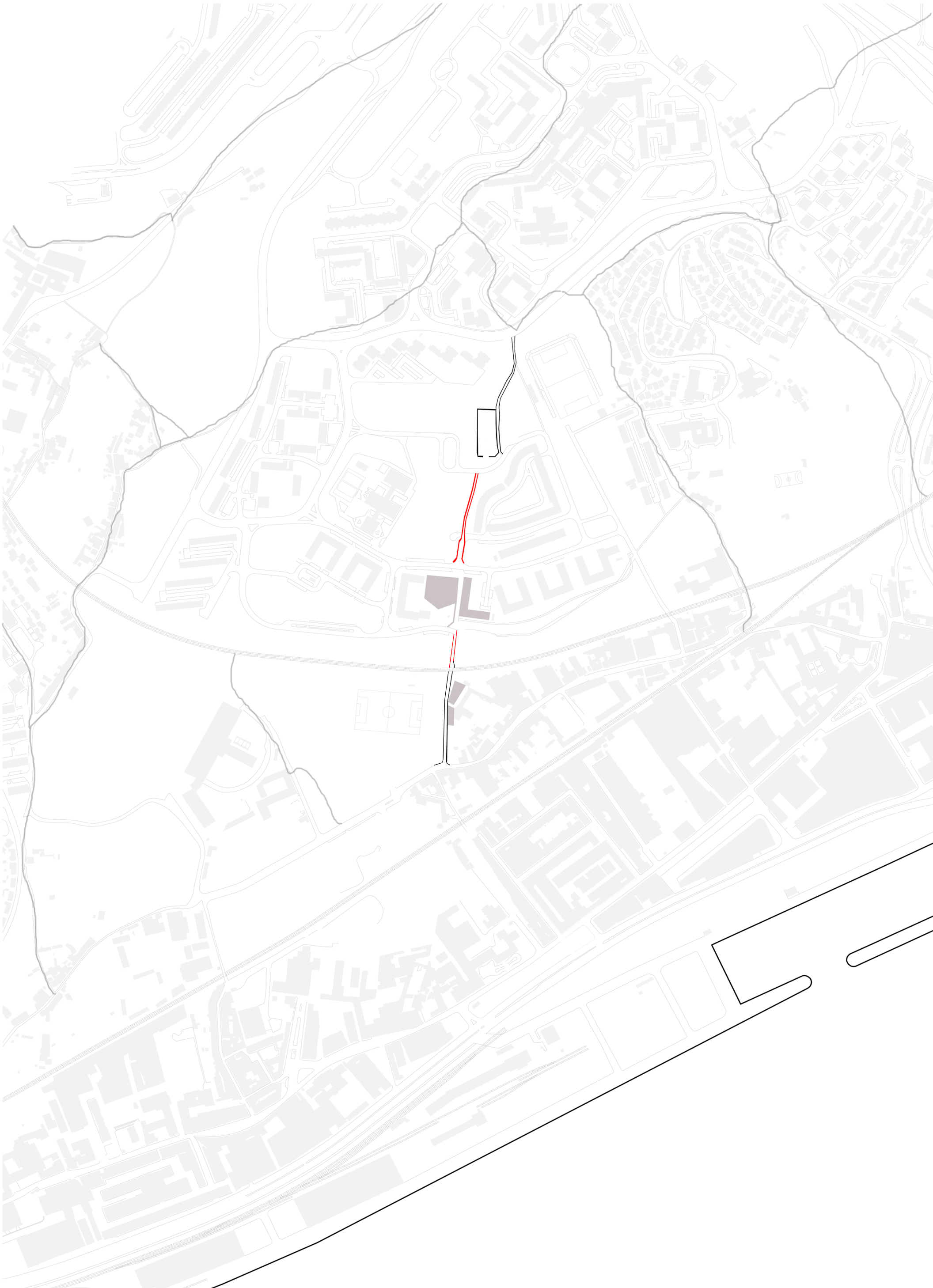
Figuras 197/199- Azinhaga dos Alfinetes, Marvila (Fotografias do Autor, 2020)

Planta Azinhaga dos Alfinetes



As barreiras que ladeiam certos troços da azinhaga dos Alfinetes podem ter diferentes dimensões e materialidades: em alguns casos são estreitos muros construídos (limites das antigas quintas), noutros o limite é delineado por vegetação (proposta) e por último por edifícios existentes, como representado em esquema.

Figura 196 - Tipologia Muro, Esc: 1:5000



Os vazios no território

Os vazios também caracterizam este território, é através deles que articulamos a cidade e os ambientes que rodeiam os espaços habitacionais. A Azinhaga dos Alfinetes tem um papel fundamental não só na distribuição dos equipamentos mas também nos espaços públicos, evidenciando-os e relacionando-os entre si.

Figura 197- Parques e espaços verdes, Esc: 1:5000



O Património no território

- 1- Quinta das Salgadas.
- 2- Convento do Beato
- 3- Quinta da Mitra
- 4- Quinta das Fontes, actual biblioteca de Marvila
- 5- Asílio D. Luis + Igreja Paroquial de Santo Agostinho a Marvila
- 6- Quinta da Flores
- 7- Quinta Marquês de Abrantes
- 8- Quinta dos Alfinetes
- 9- Palácio de Marialva
- 10- Quinta do Condado
- 11- Quinta do Ferrão dos Ciprestes
- 12- Quinta das Claras
- 13- Quinta Leal
- 14- Palácio do Duque de Lafões

Figura 198 - Equipamentos de Marvila, Esc: 1:5000



²⁹ Lugar de destaque pela sua configuração, posição de domínio e topologia do território - skyscrapercity. com

A observação da realidade atual convida a acordar este espaço adormecido: um troço que se destaca no mapa, uma desafogada vista de rio e ainda a liberdade do espaço não construído em seu redor. Trata-se de reavivar a memória do passado aqui vivido, respeitando a fisionomia da Azinhaga dos Alfinetes, ainda adjacente ao que em tempos foi a Quinta dos Alfinetes, hoje sob a tutela da Camara Municipal de Lisboa.

A quinta, construída durante o século XVIII, fazia parte de um conjunto de edifícios religiosos, grande parte dos quais ruiu com o terramoto de 1755.

O seu primeiro nome foi Palácio do Condado, mas mais tarde chamaram-lhe Quinta dos Alfinetes pois aqui funcionou no século XIX a Fábrica Estrela (trefilaria) que pertenceu a José Júlio Pereira de Morais, 2º Visconde de Morais. Segundo consta, também pertenceu a António Joaquim Correia Monção, em 1762. Há ainda a hipótese de ter pertencido ao duque de Lafões e ao Convento dos Lóios.

O Duque de Lafões, um dos supostos proprietários, possuía um complexo composto por um conjunto de edificações e uma zona de terreno livre. Ao longo dos anos, este local deu lugar a diferentes cenários - a sua capacidade de adaptação a diferentes programáticas é mesmo notória: evoluiu de Quinta de Recreio a fábrica ou a zona de escritórios, e até a oficina de automóveis - tudo metamorfoses que aconteceram de forma natural. Após um incêndio que, em 1964, destruiu toda a estrutura de madeira, deixando somente as paredes de alvenaria, esta Quinta assumiu o estado de abandono. Anos mais tarde, foi doada para um projeto da Fundação Luso-Brasileira para o desenvolvimento da Língua Portuguesa, que, por falta de fundos, não chegou a realizar-se, tendo assim retornado à alçada da Câmara Municipal.

O núcleo central edificado sugere uma posição de pódio²⁹ face à envolvente, atendendo também à centralidade que o perímetro da quinta tomou no desenvolvimento da

malha urbana deste local.

Através da cartografia de Silva Pinto, em 1911, que enquadra esta zona da cidade, encontramos o desenho da implantação na Quinta dos Alfinetes da época. Vemos também o desenho claro da zona ajardinada da mesma, na sua praça central e à esquerda do centro da Quinta.

Houve necessidade de reconhecer o valor a dar a esta construção (edifício de traça barroca, que constitui um dos exemplos deste magnífico e rebuscado estilo), ganhar consciência das qualidades que a Quinta de Recreio apresentava e reenquadrá-las num panorama de requalificação de espaços, com diferentes programas possíveis para o seu suporte físico, parcialmente existente. Esta ação de salvaguarda da memória do local é a principal preocupação presente em todas as decisões propostas para este território, numa lógica de aproveitamento da estrutura inicial.

Nos anos 80, a cargo do arquiteto Pedro Formosinho Sánchez, a Câmara Municipal de Lisboa mandou retirar o lago localizado na praça frontal da Quinta dos Alfinetes, dado que, devido ao seu abandono, foram danificados e roubadas os elementos pertencentes ao lago, as suas pedras. Após feito um levantamento foram guardadas na Quinta Conde dos Arcos nos Olivais onde se mantém até aos dias de hoje.

O projeto procura contemplar espaços públicos qualificados que sirvam de elementos unificadores tanto do território como da comunidade que ali habita, devolvendo o devido destaque ao perímetro da Quinta, que se vê como “refúgio e abrigo” de Marvila. Dá-se prioridade à requalificação do espaço público, mantendo sempre a preocupação com a origem, autenticidade e identidade do local.

A identidade que se procura devolver na requalificação da Quinta dos Alfinetes é



Fig. 199

Figura 199 - Quinta dos Alfinetes, Marvila (Filmarte, ano desconhecido) Fonte Arquivo Municipal de Lisboa, PT/AMLSB/CMLSBAH/PCSP/004/FIL./000139

agora também extensível ao seu perímetro, procurando unir a zona do complexo desportivo à Quinta e ao terreno onde atualmente se encontra a plataforma do projeto do arquiteto Óscar Niemeyer, de 1995, para onde estava prevista a criação da sede da Fundação.

A estrutura original da quinta seria composta pelo portal de armas, cavalações, casa, pombal, torreão e zona agrícola, zonas estas sucedidas de vários pátios murados pela Azinhaga dos Alfinetes e pelos limites da quinta. O centro da mancha edificada encontra-se na zona central da casa, enquanto o centro da zona agrícola se encontra na zona central do terreno lateral, que se assume atualmente como um vazio neste território.³⁰

Hoje, esta Quinta de Recreio perdeu a sua cobertura, os seus jardins, o pavimento e a maioria das suas paredes interiores, embora através do seu exterior consigamos ainda reconhecer a sua fisionomia inicial, escala e presença no território. Atualmente, a ruína da Quinta dos Alfinetes é rodeada por 5 torres de habitação a norte, a escola básica a sul, e a nascente o campo de futebol do *Oriental*. A Azinhaga dos Alfinetes separa a quinta e o complexo desportivo, permitindo o diálogo norte-sul.

A Quinta dos Alfinetes surge como edifício-âncora para a solução de sistema apresentado e para a definição dos espaços. Não se descolando da sua configuração inicial, a quinta surge como elemento de união de sistemas de muros, praças e plataformas.

Uma vez que não há um registo rigoroso da quinta original, propõe-se que a ruína seja consolidada e que no seu interior nasça um espaço de cafetaria, na extremidade esquerda do edifício central, descolado da pré-existência e respeitando a memória do local. A cafetaria vira-se à fachada posterior e relaciona-se com o jardim que volta a ganhar forma, trazendo a memória das praças ajardinadas representadas no mapa de

³⁰ OLIVEIRA, Hugo Manuel Cardoso - Reabilitação Quinta dos Alfinetes Casa Museu Marvila. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2012. [Consult. 21/09/2019]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/5783>



Fig. 200



Fig. 201



Fig. 202



Fig. 203

Figuras 201/203 - Quinta dos Alfinetes, Marvila (Fotografias do autor, 2020)

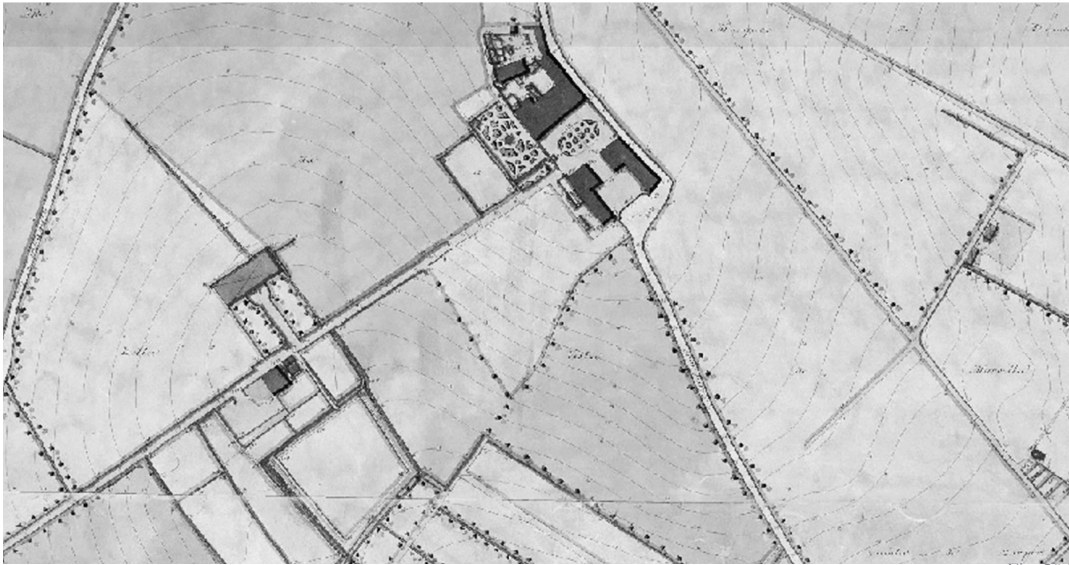
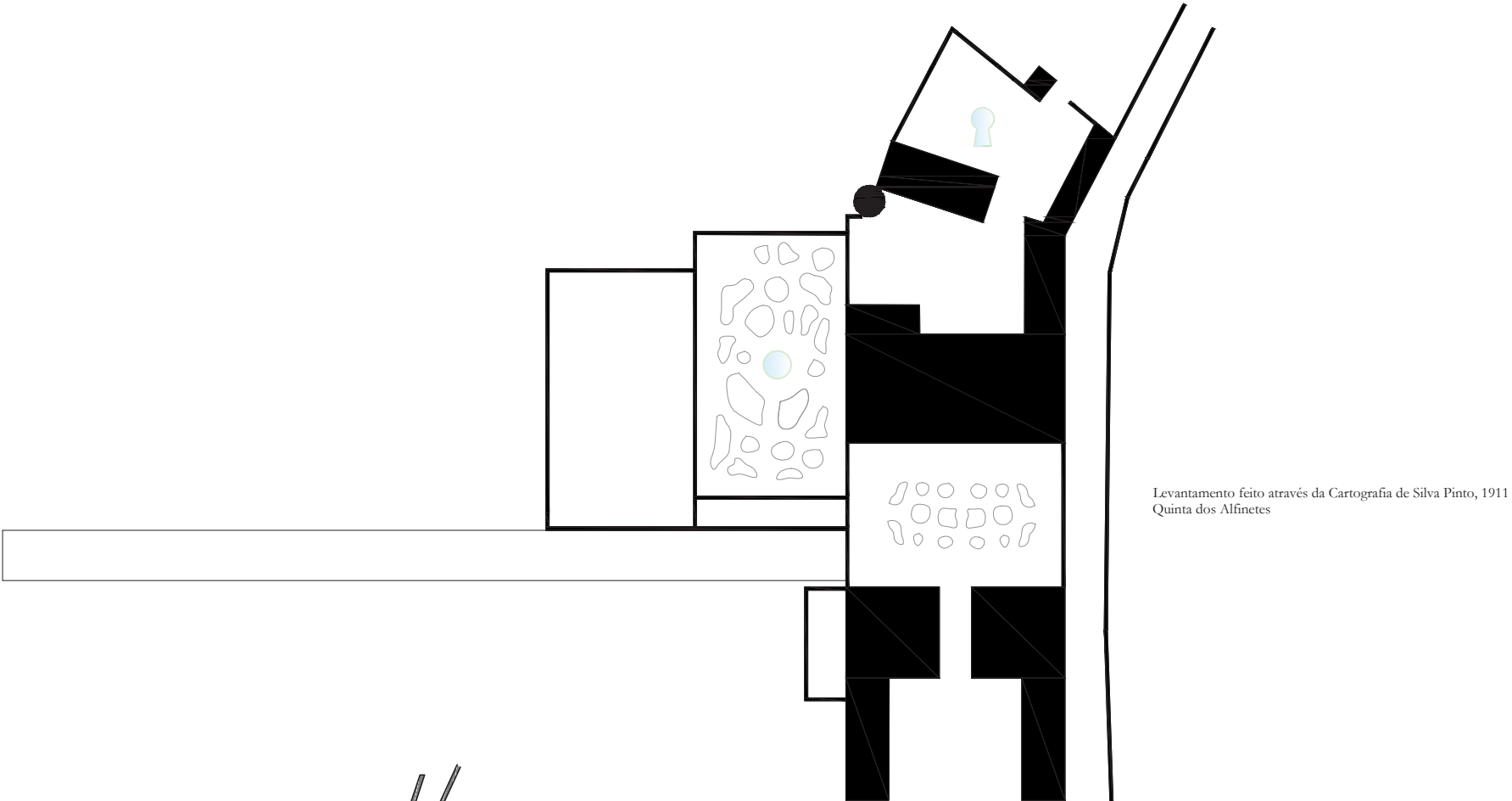


Fig. 204

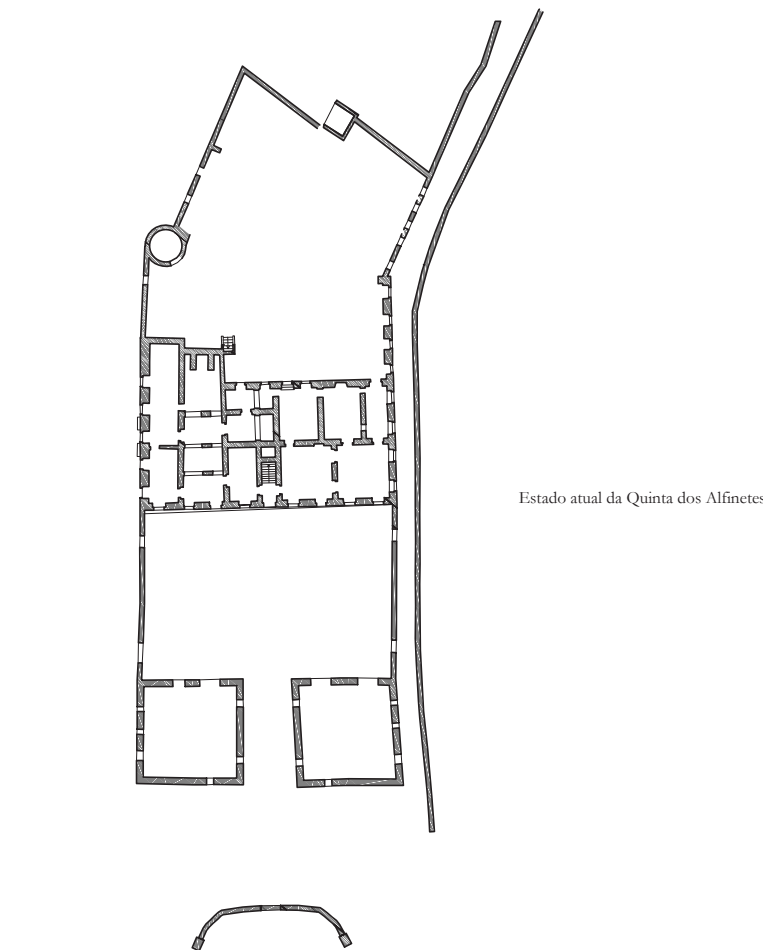


Fig. 205

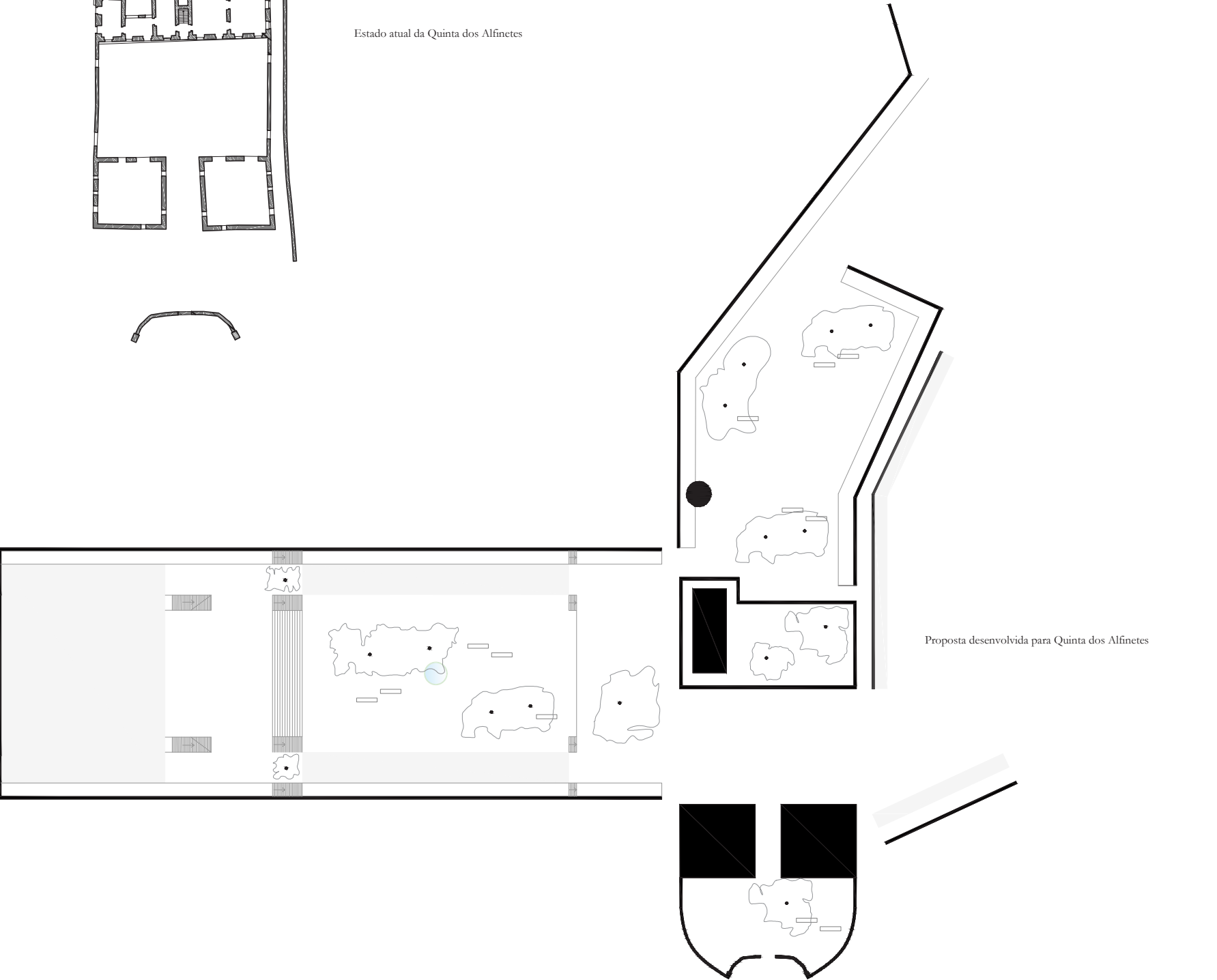
Figura 204 - Terreno Quinta dos Alfinetes (Silva Pinto, 1904-1911). Fonte: Arquivo Municipal de Lisboa
Figura 205 - Cidade atual (2020) Fonte: Lisboa Interactiva



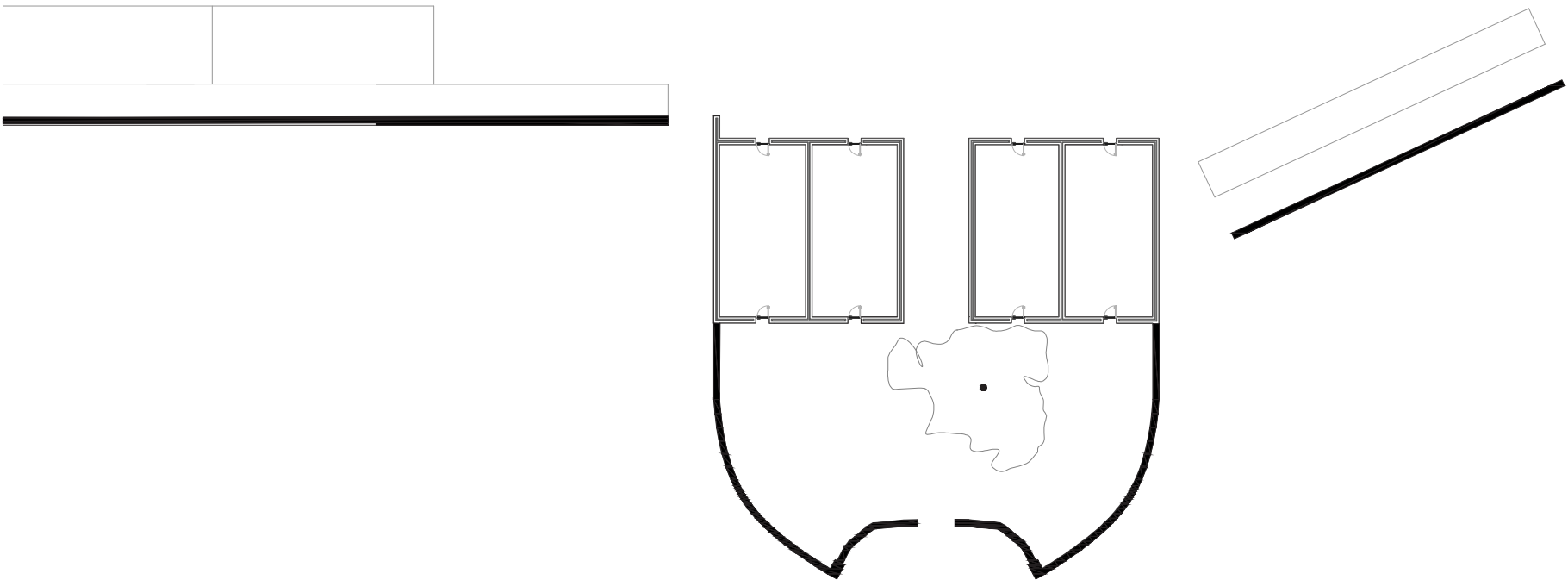
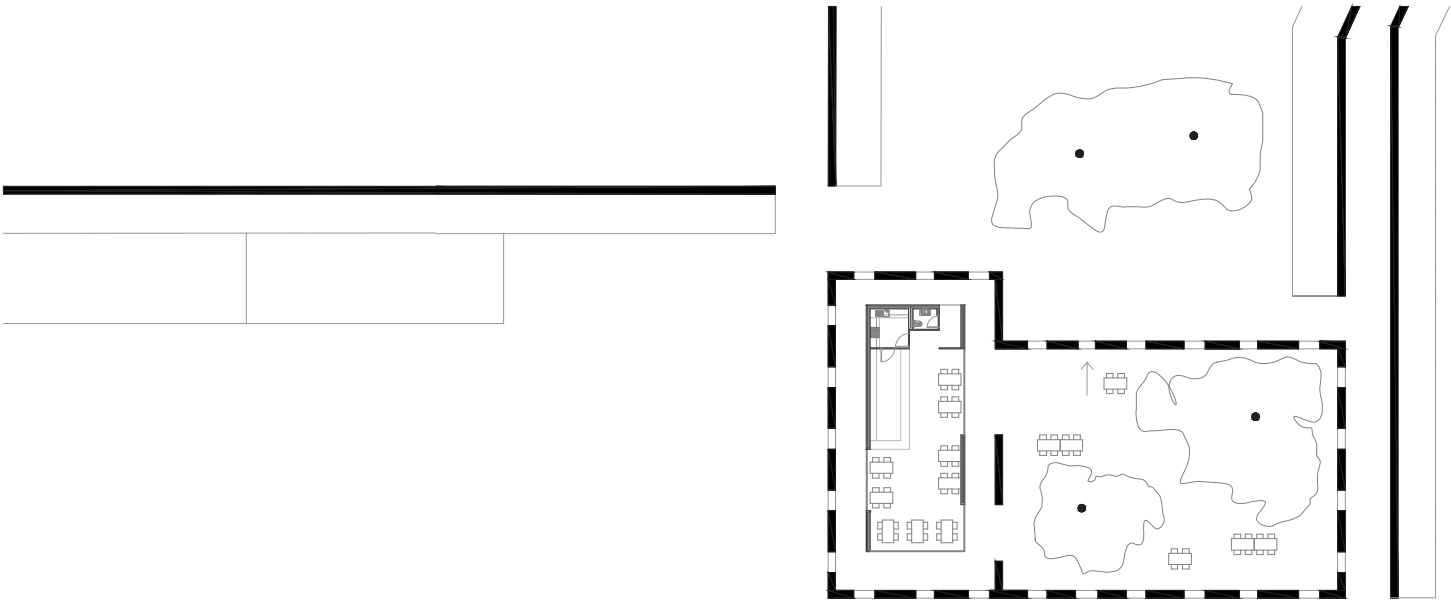
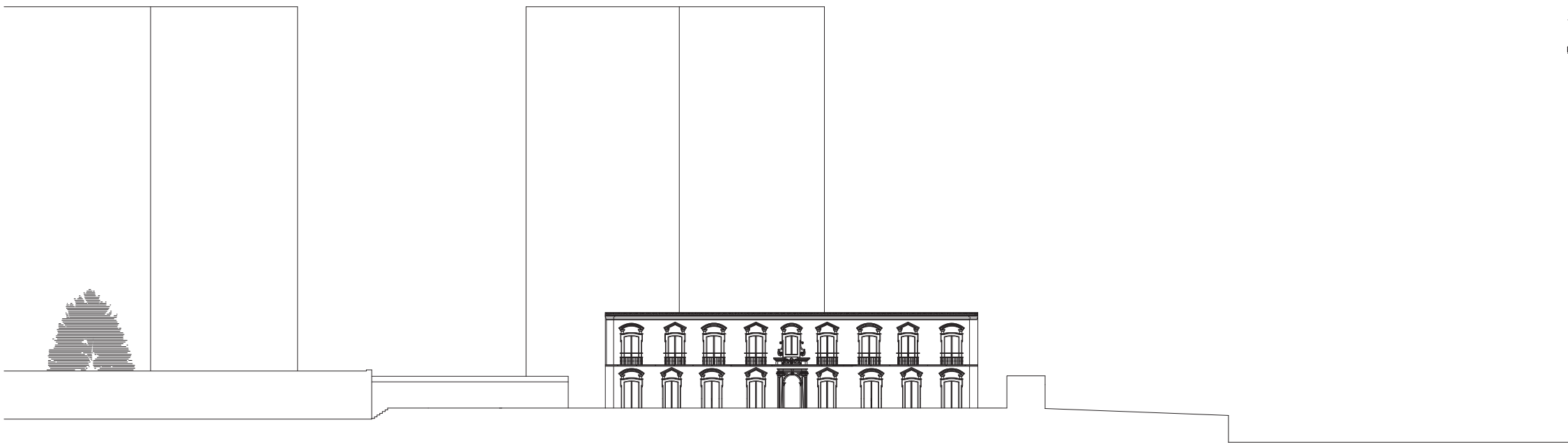
Levantamento feito através da Cartografia de Silva Pinto, 1911
Quinta dos Alfinetes



Estado atual da Quinta dos Alfinetes



Proposta desenvolvida para Quinta dos Alfinetes

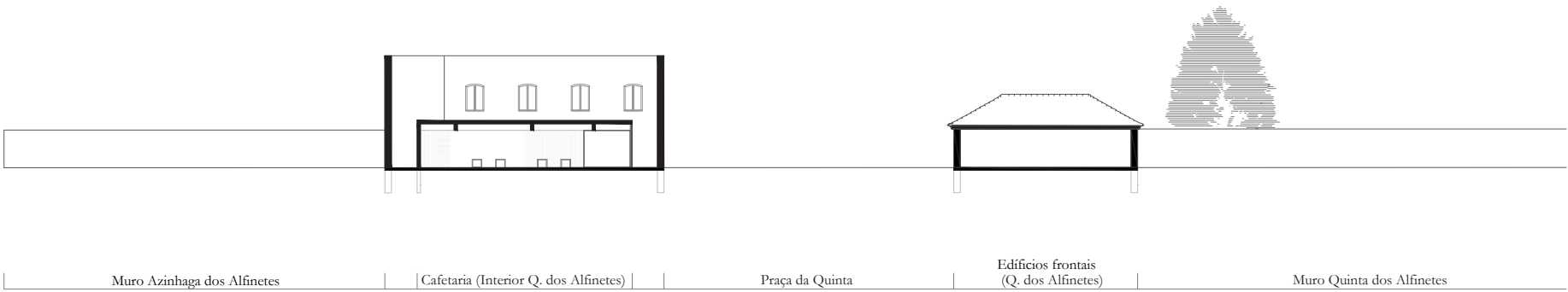


67 Cobertura Quinta dos Alfinetes

61,65 Cobertura Cafetaria

61 Muros do recinto

58 Quinta dos Alfinetes e praça mercado



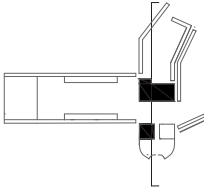
Muro Azinhaga dos Alfinetes

Cafetaria (Interior Q. dos Alfinetes)

Praça da Quinta

Edifício frontal (Q. dos Alfinetes)

Muro Quinta dos Alfinetes



Alçado Quinta dos Alfinetes, Esc: 1:500

Planta Quinta dos Alfinetes, Esc: 1:500

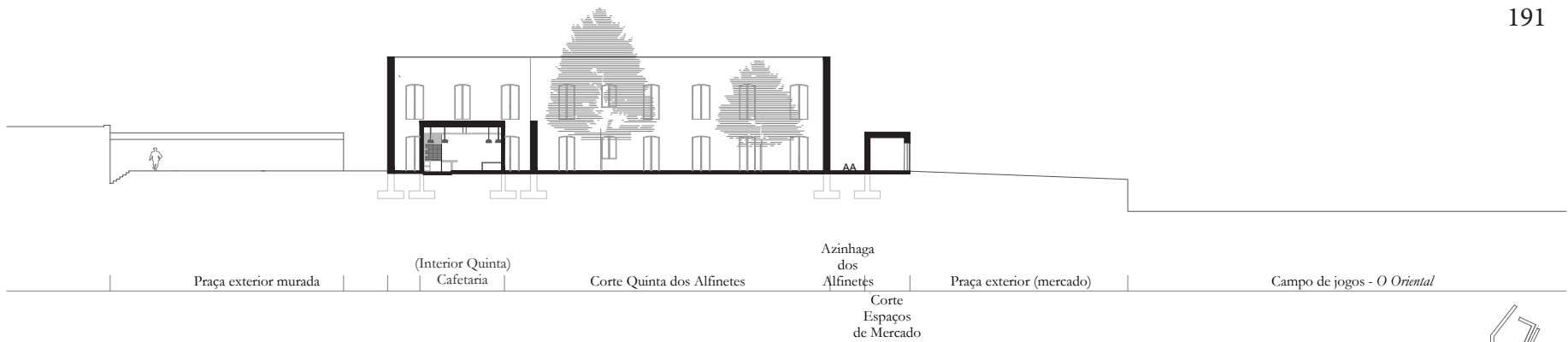
Cortes Quinta dos Alfinetes, Esc: 1:500

67 Cobertura Quinta dos Alfinetes

61,65 Cobertura Cafetaria

61 Muros do recinto

58 Quinta dos Alfinetes e praça mercado



Praça exterior murada

(Interior Quinta) Cafetaria

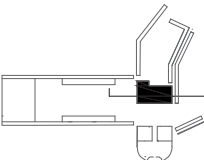
Corte Quinta dos Alfinetes

Azinhaga dos Alfinetes

Praça exterior (mercado)

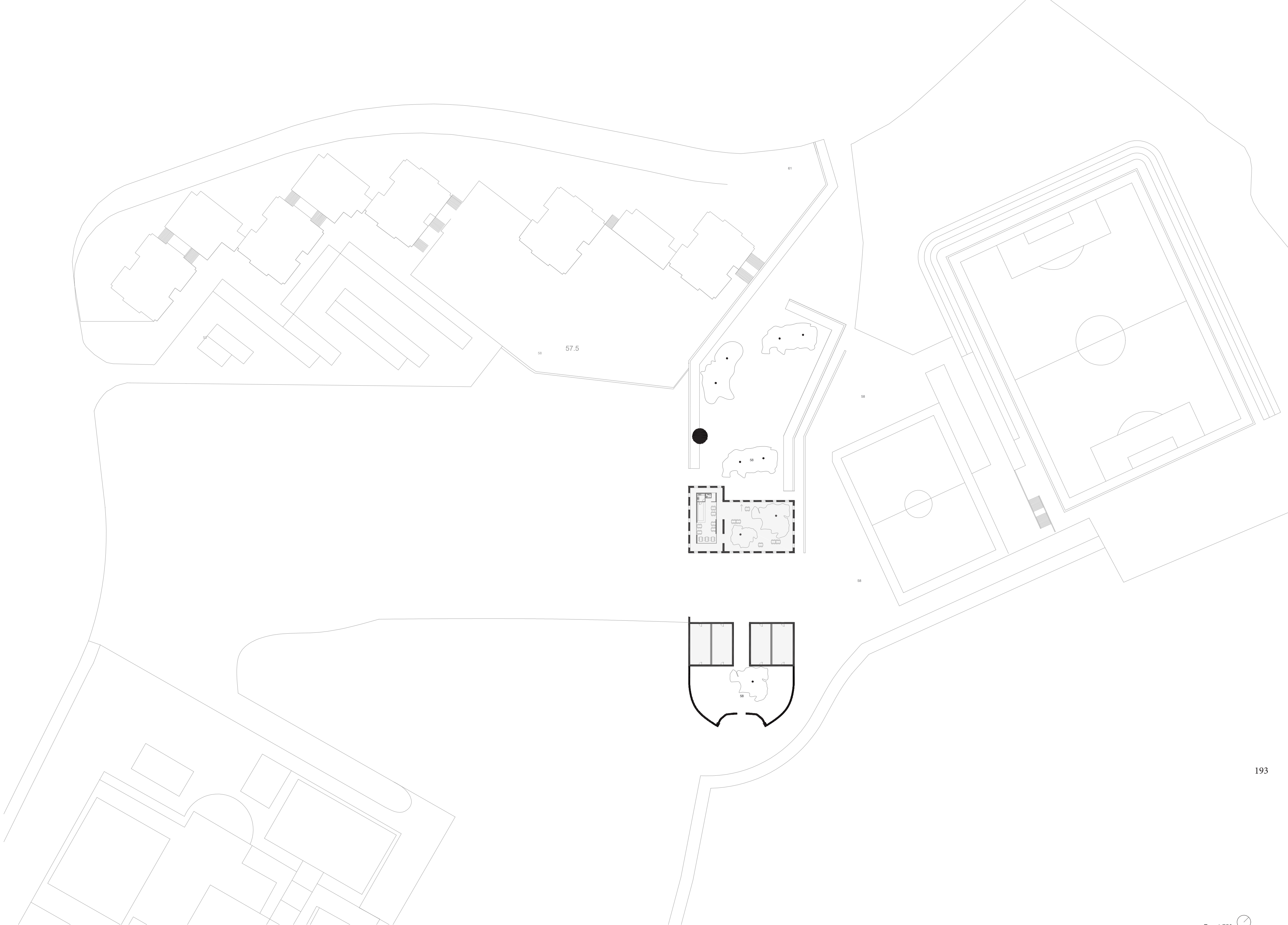
Campo de jogos - O Oriental

Corte Espaços de Mercado



1:500





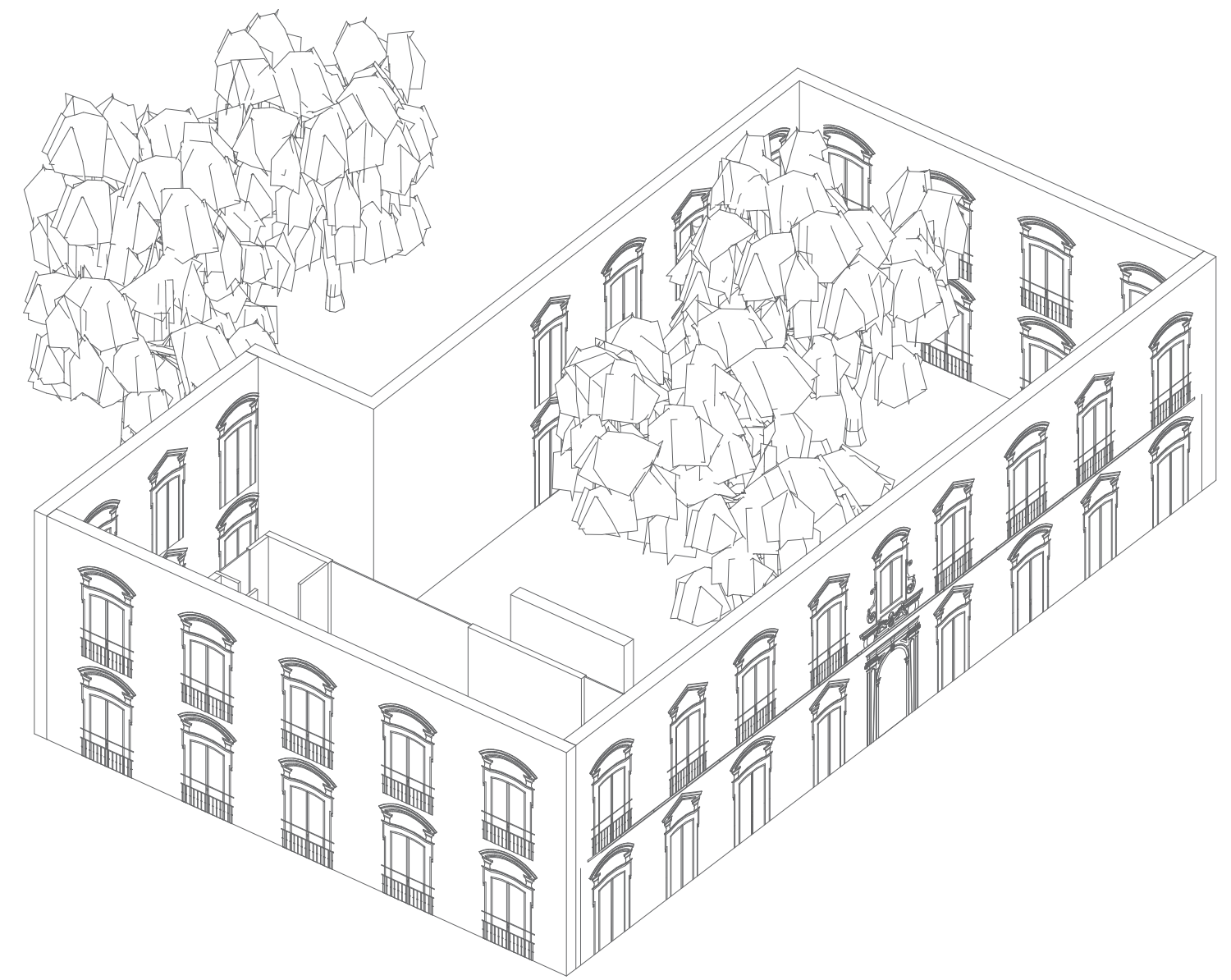




Fig. 206

Figura 206 - 3D Cafetaria no interior da Quinta dos Alfinetes



Figura 207 - Esquisso tipologia muro

A proposta desenvolvida encontra-se no prolongamento do terreno onde atualmente se encontra a Quinta dos Alfinetes, edifício que se pretende manter e relacionar com a intervenção.

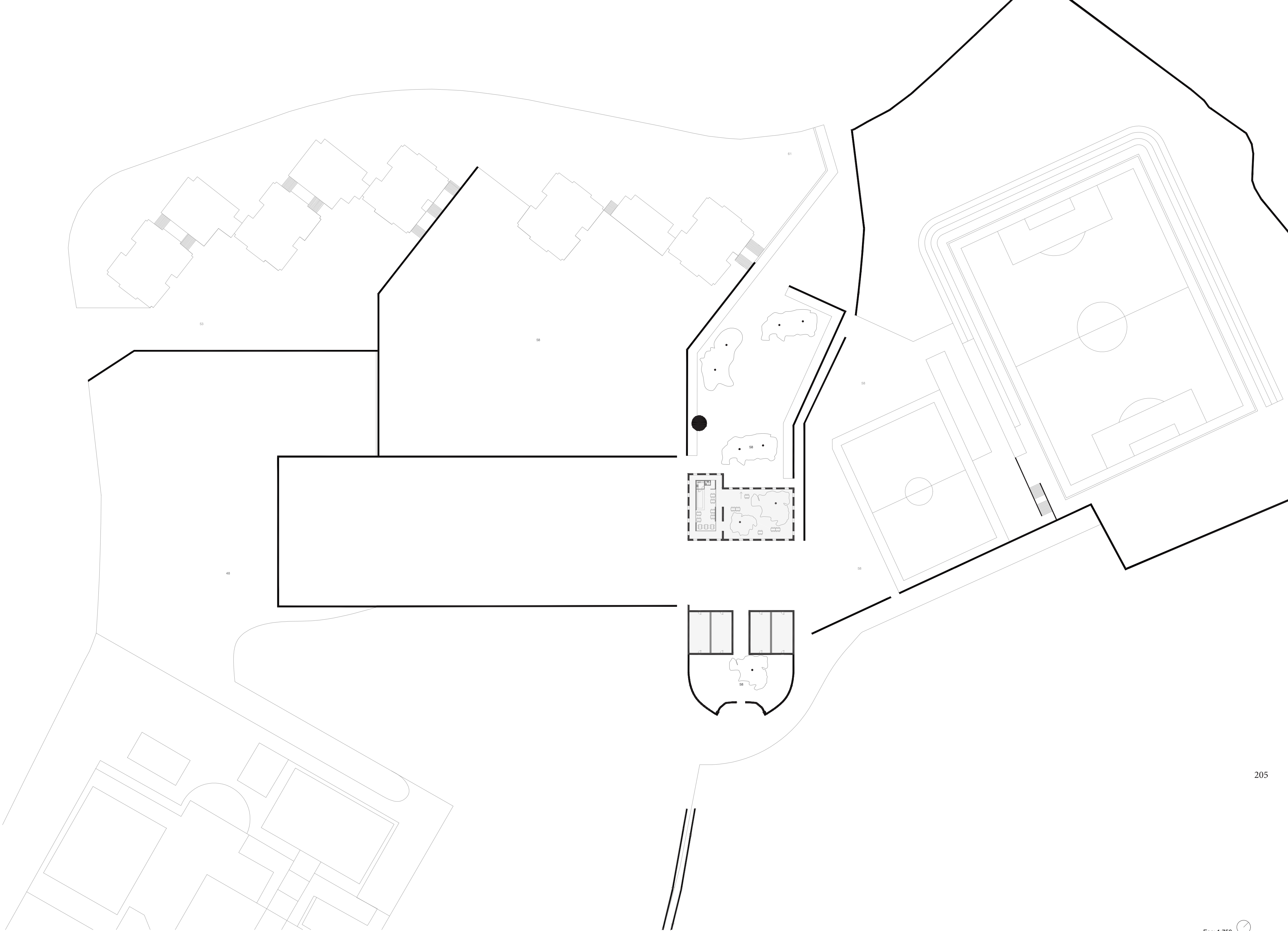
A estratégia inicial sugere a definição de um percurso contido por diferentes limites. Procura unificar o território, redesenhar acessos, rever os equipamentos existentes e sarar os golpes causados pelas linhas férreas, ou seja, unir a frente sul à frente norte de forma harmonizar a zona.

Os muros apresentam-se como elementos geradores de espaços, espaços multifunções. A grande flexibilidade programática que lhes é dada sugere que estes espaços sejam utilizados de acordo com as necessidades e vontades da comunidade.

O conceito de espaço murado resultante das azinhagas engloba espaços de diferentes escalas que se comportam também de diferentes formas.

O percurso criado através dos limites-muro assume aqui diferentes tipologias. Nalguns pontos é murado e noutros serve-se dos edifícios existentes. A vegetação também o delimita, bem como a construção de novos equipamentos.

Procura-se criar uma nova tipologia de espaço público, um espaço confinado. Os quarteirões, que atualmente decalcam os limites do que antigamente eram as unidades de produção das casas senhoriais, voltam a ganhar um limite visível através da construção de muros em torno dos grandes espaços vazios. Estas estruturas muradas procuram ser refúgios da cidade. Esta ligação territorial procura também criar uma lógica de ativação destes espaços vazios, requalificando-os e dando-lhes o devido destaque promovendo uma relação direta com a cidade e com o rio.





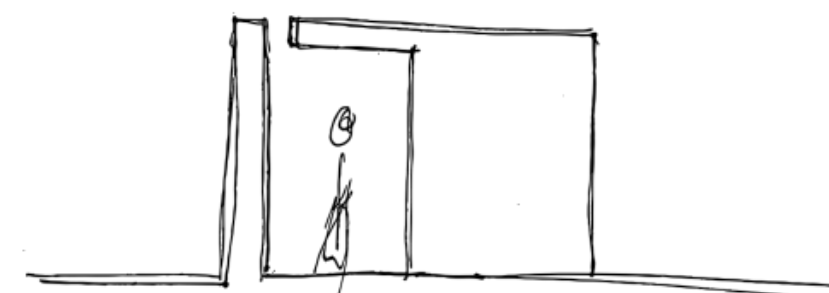


Figura 208 - Esquisso tipologia Edifícios Muro

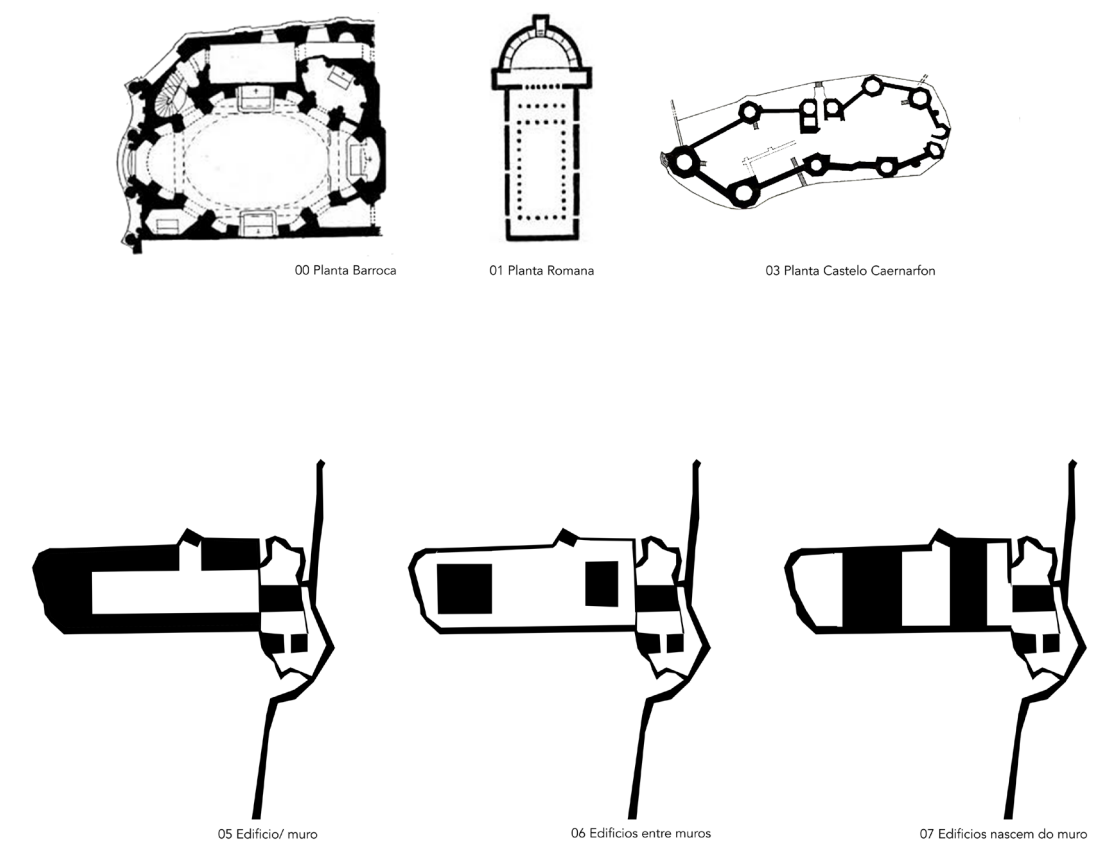


Fig. 209



Fig.210

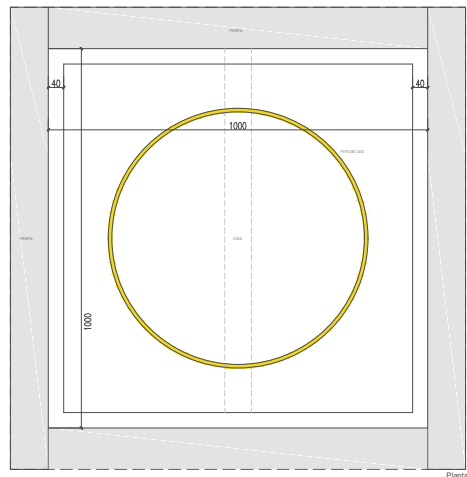
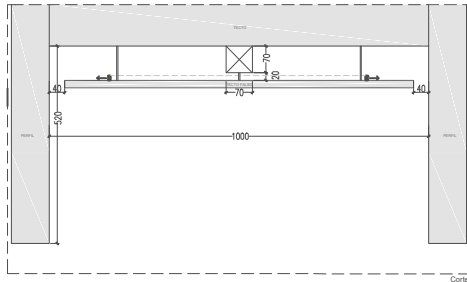


Fig. 211

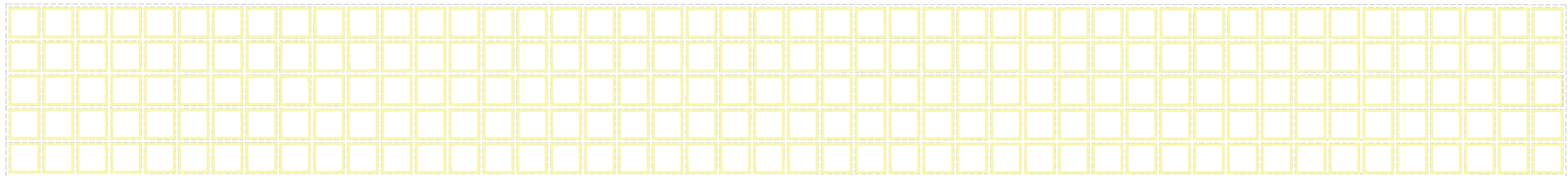
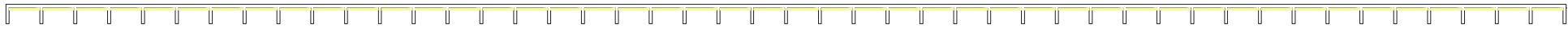


Fig. 212

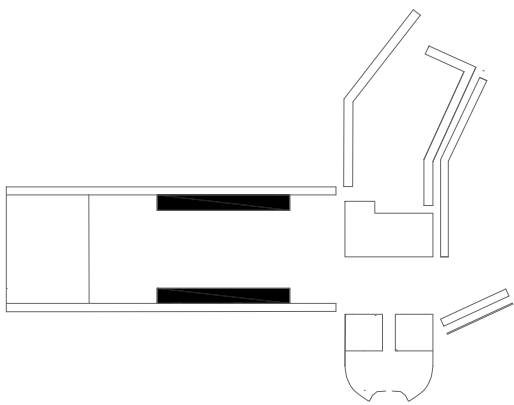
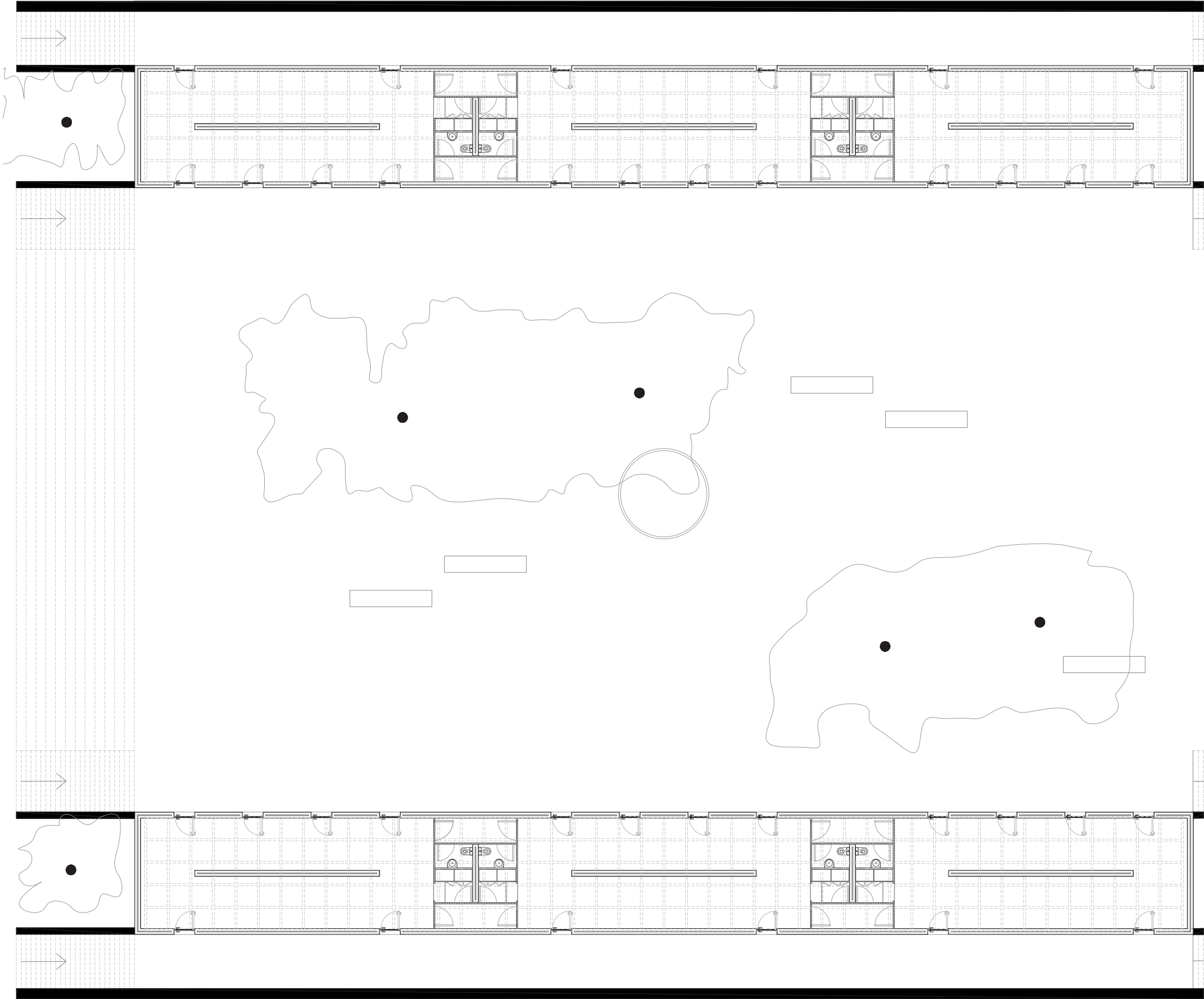
Figuras 210/212 - Espaço da intervenção (Fotografias do autor, 2020)



Esc: 1.20



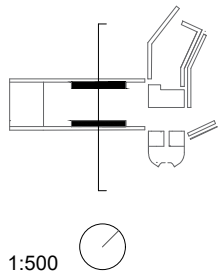
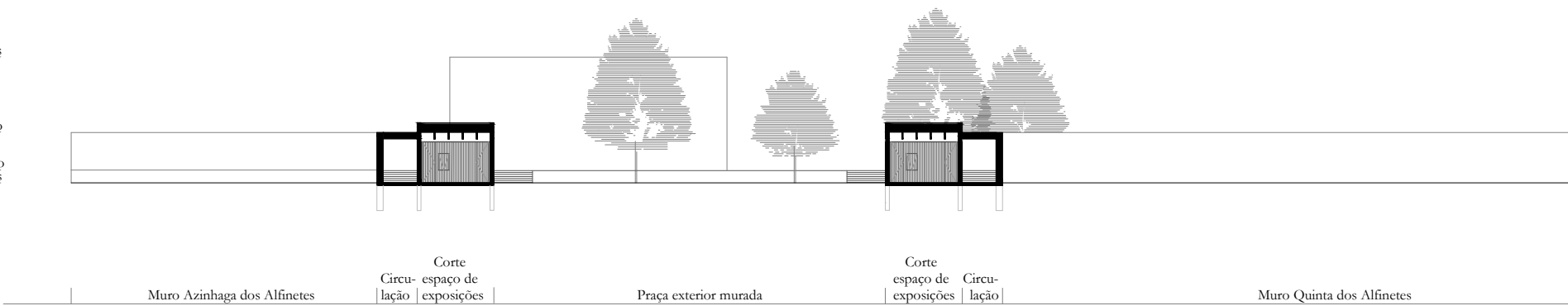
Esc: 1.200



Esc: 1.200

Cobertura Quinta dos Alfinetes

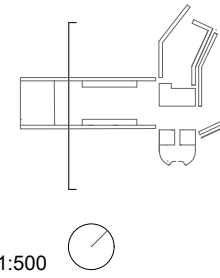
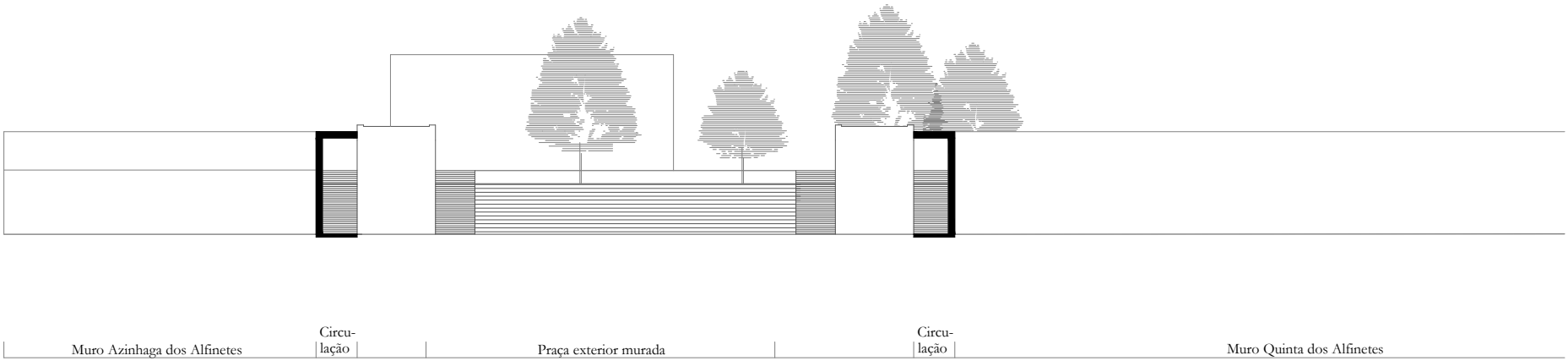
Muros do recinto
Quinta dos Alfinetes e praça mercado
Espaço de Exposições

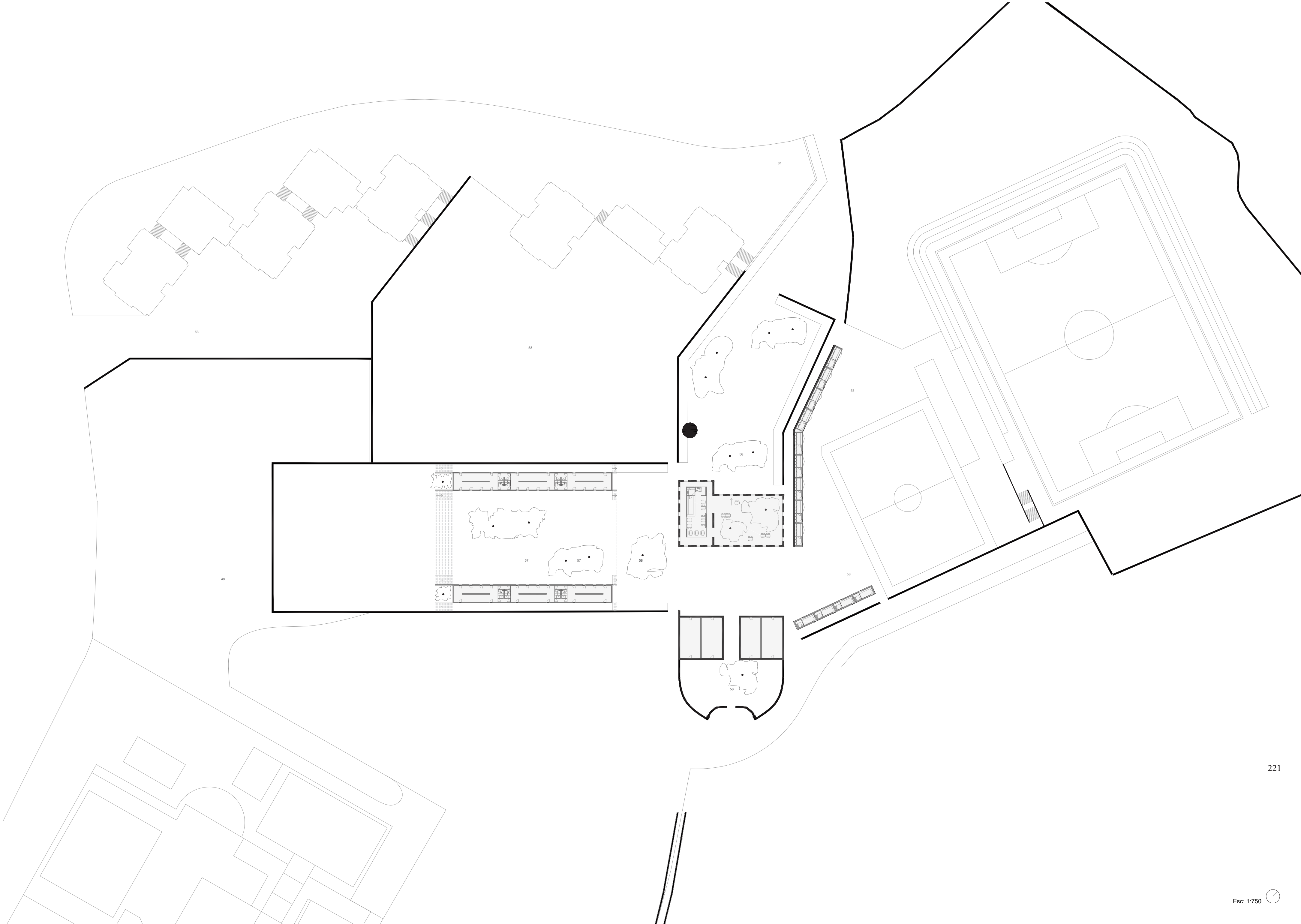


67 Cobertura Quinta dos Alfinetes

61 Muros do recinto

58 Quinta dos Alfinetes e praça mercado
57 Espaço de Exposições
55 Campo O Oriental
53 Pavimento Edifício da Sala Multiusos





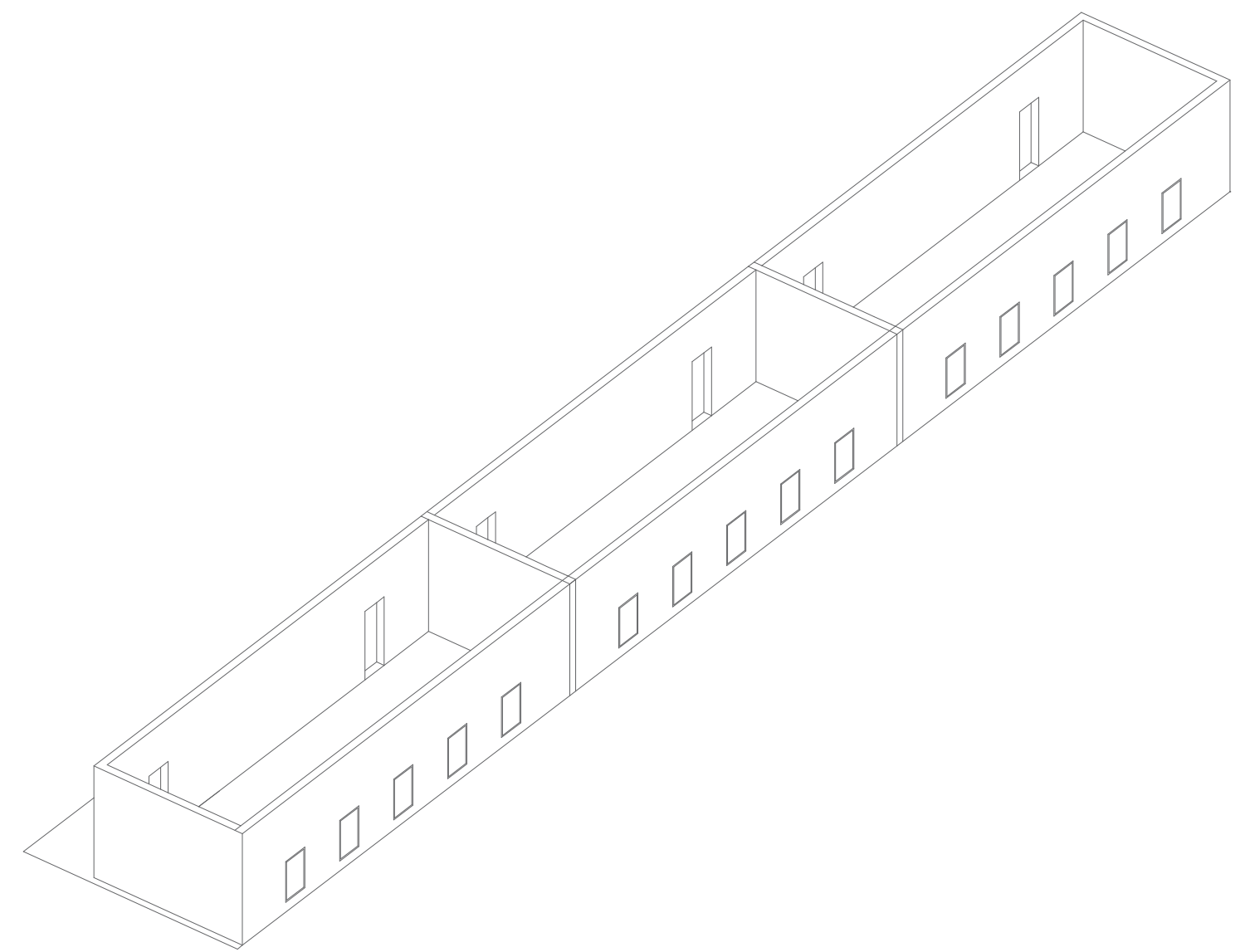
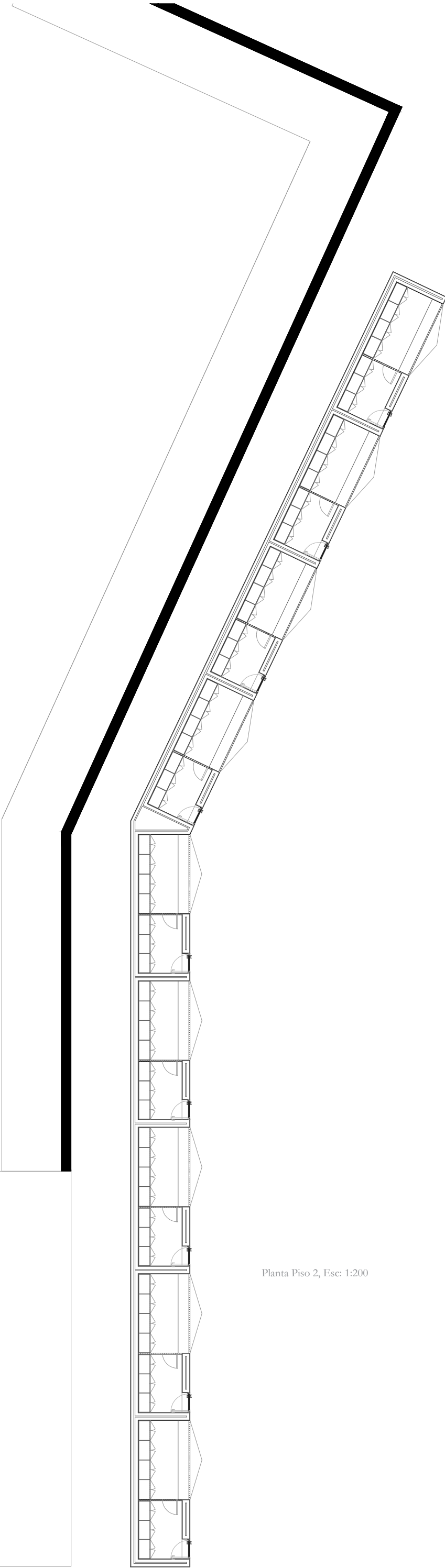


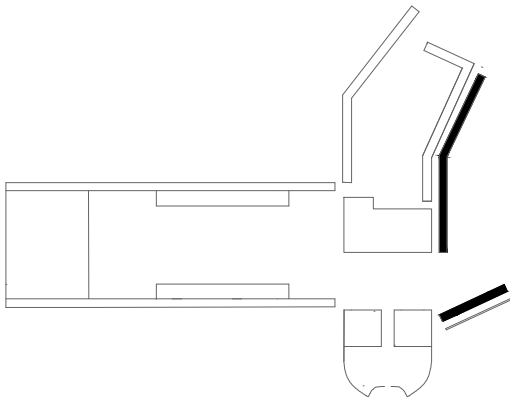
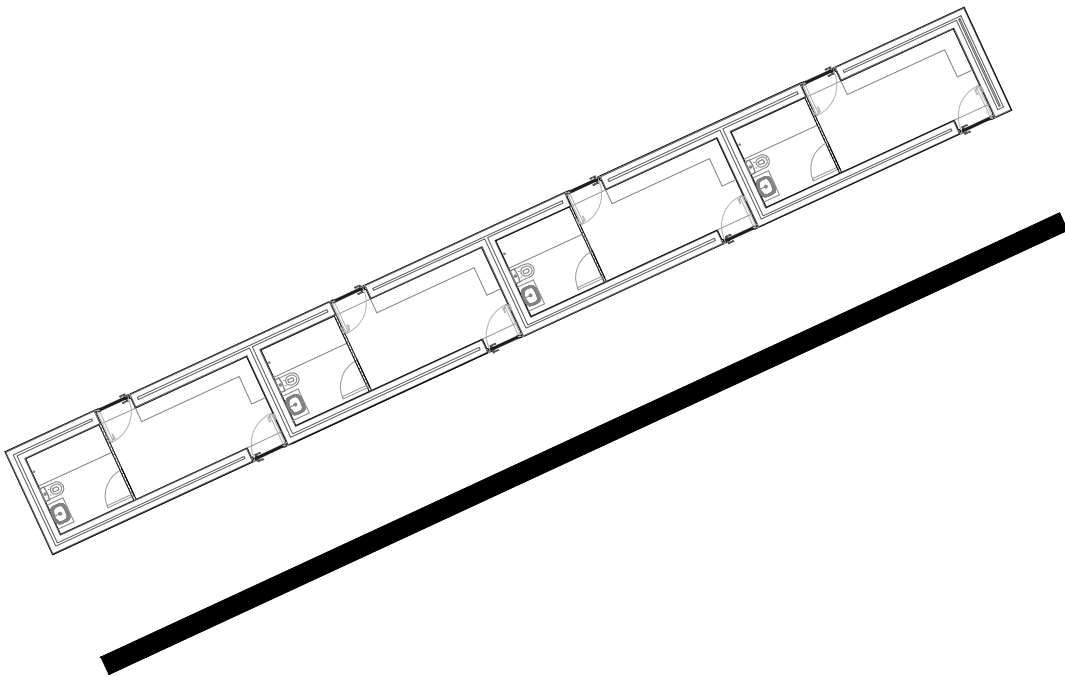


Fig. 213

Figura 213 - 3D Interior dos módulos de exposição



Planta Piso 2, Esc: 1:200



Esc: 1.200

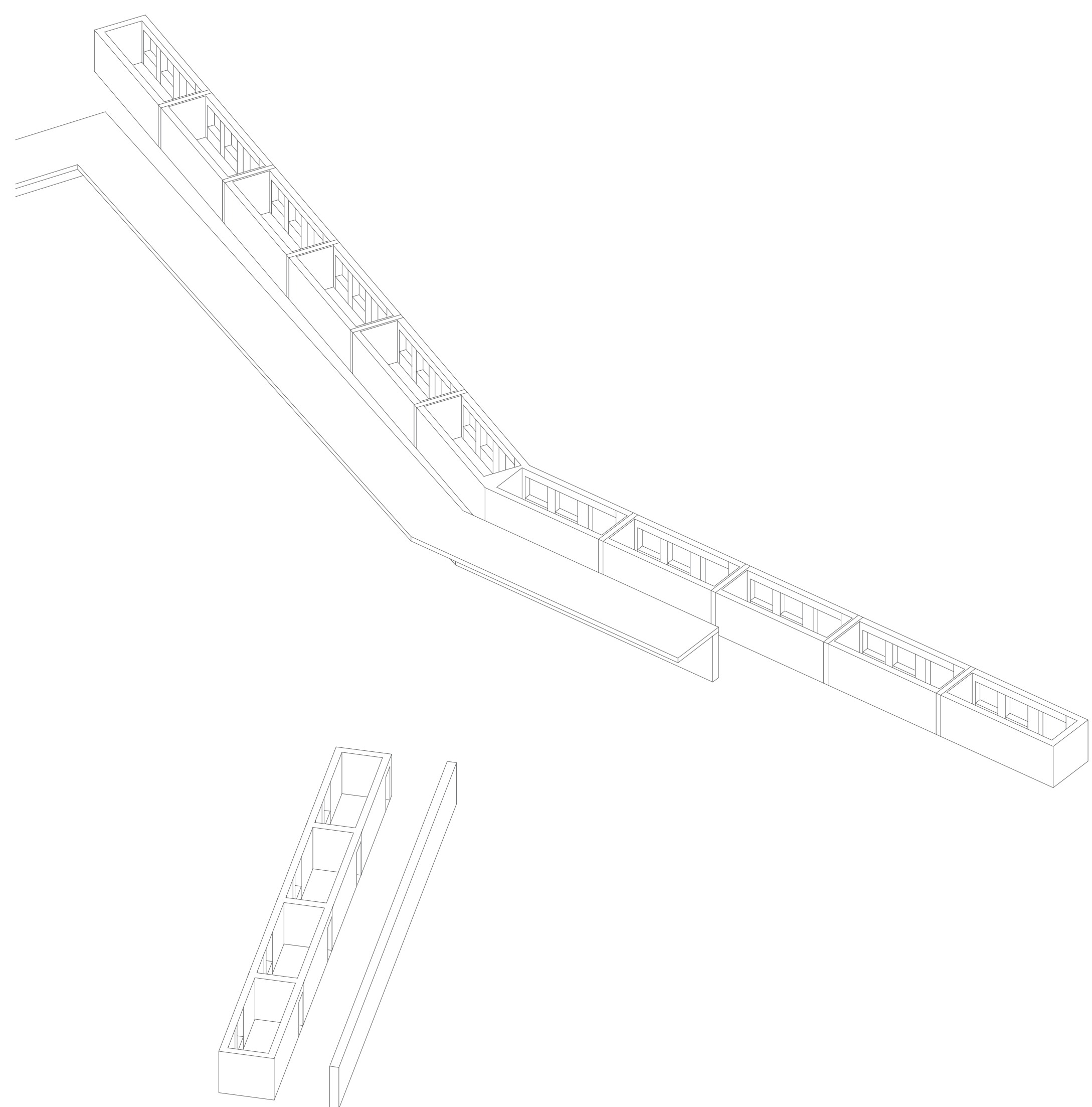




Fig. 214

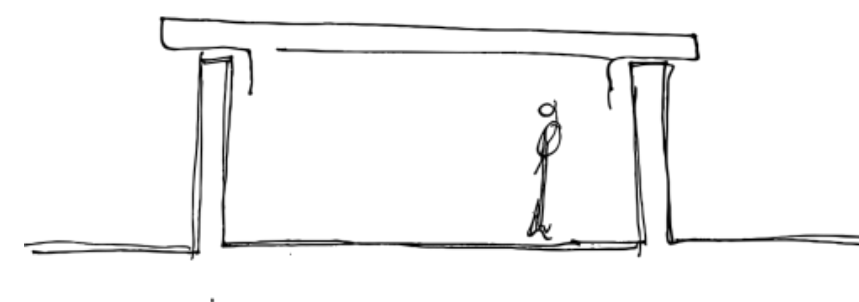


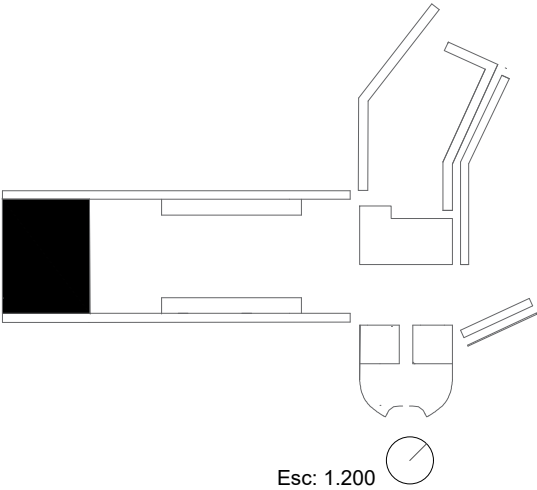
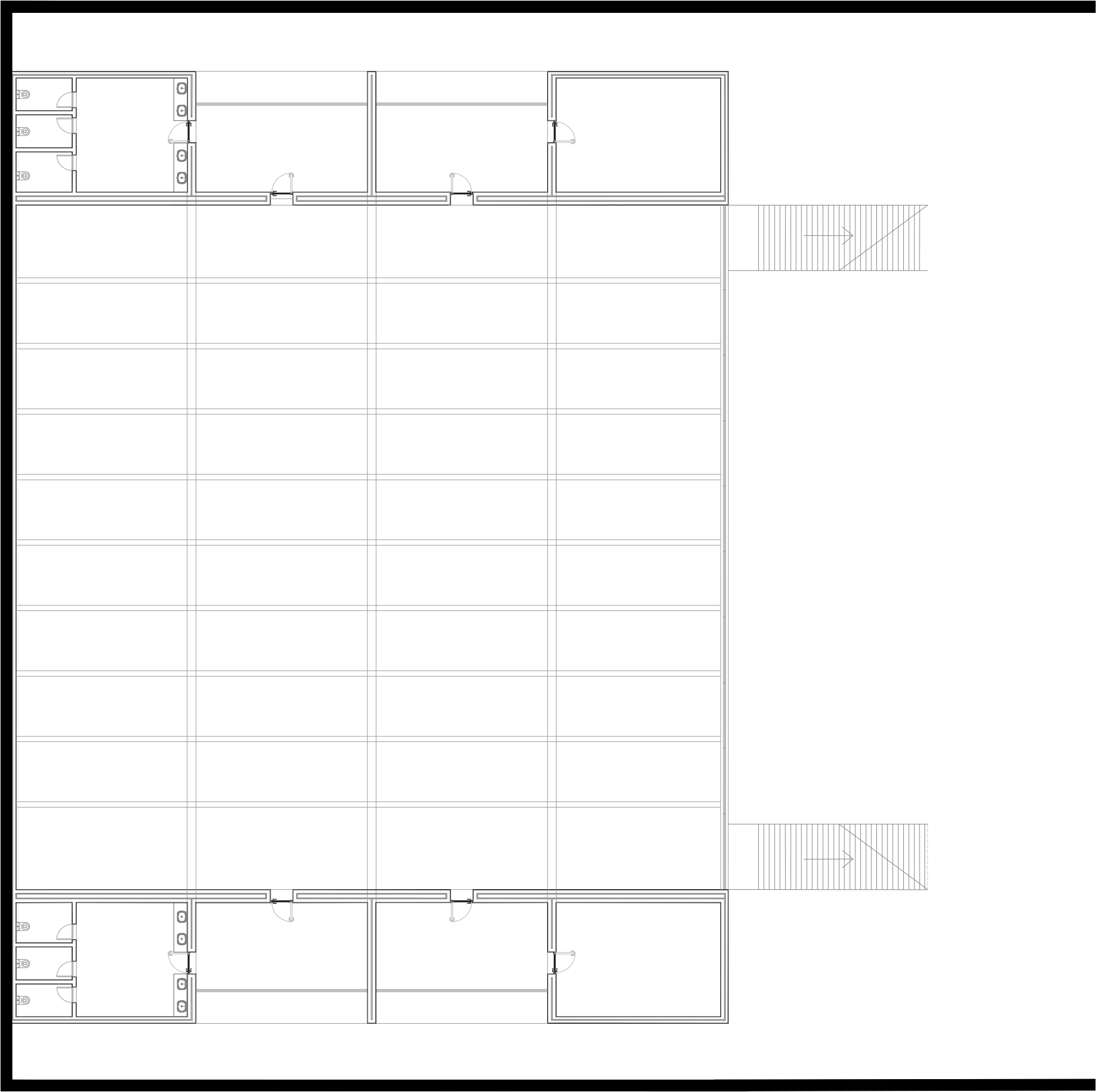
Figura 215 - Esquisso tipologia Cobertura Muro

As coberturas contidas entre muros geram espaços, espaços interiores e exteriores, que dialogam entre si, fazendo parte de um sistema de muros que gera recintos que por sua vez geram programas.

O acesso é feito pela quinta e pela praça coberta criada pelo edifício que servirá o vão aberto. Nesta zona, o edifício olha a cidade, emoldurando-a e criando no seu acesso um anfiteatro ao ar livre que contrasta com a praça esmagada no piso térreo. O muro descola-se do edificado, criando estreitas entradas nestas fissuras. Os corredores criados pelo muro servem os acessos a toda a proposta. O muro dobra-se nas praças, criando uma pala e abre-se ao céu quando encontra o edificado, assim criando um jogo de cheio/vazio na sua cobertura.

Houve necessidade de renaturalizar o ambiente, quer na sua fachada posterior (onde foi criado um parque de estacionamento subterrâneo) quer nos acessos frontais, agora inexistentes, o que se deve não só à sua pouca relevância, mas sobretudo à linguagem escolhida para este território. O grande vazio criado na fachada frontal procura amenizar a relação com a escala da pré-existência através da sua vegetação e consolidar o espaço público/verde deste grande espaço que coabita com a escola, o campo, a habitação e o centro cívico, transformando toda esta zona num grande sistema capaz de funcionar em sintonia.

Desta forma será possível reinventar este espaço com poucas operações. O novo espaço público sobrepor-se-á à realidade existente, requalificando a zona e religando os troços separados pelas linhas do comboio. A escala, materialidade e a espacialidade procuram ser semelhantes em toda a intervenção, reforçando a harmonia desejada para a zona.



Esc: 1.200

67 Cobertura Quinta dos Alfinetes

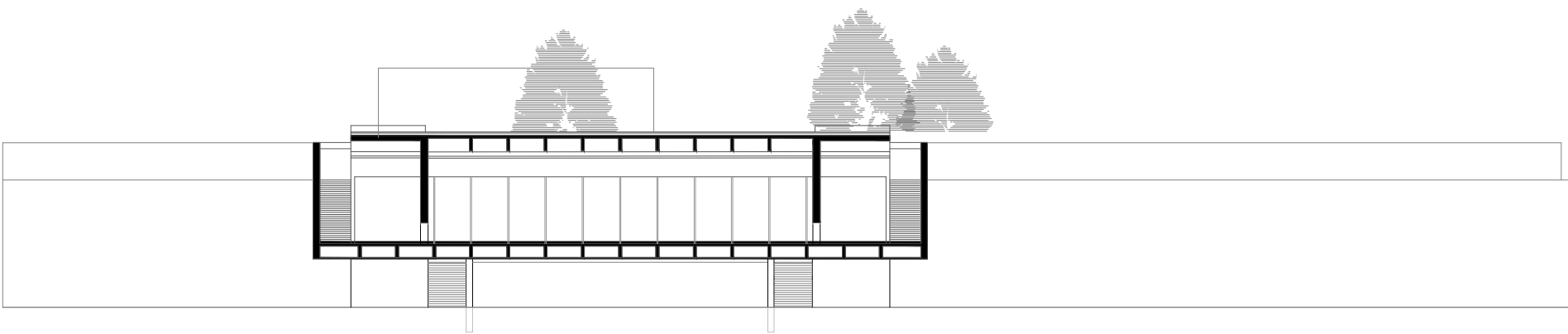
61 Muros do recinto

58 Quinta dos Alfinetes e praça mercado
57 Espaço de Exposições

55 Campo *O Oriental*

53 Pavimento Edifício da Sala Multiusos

48 Pavimento Praça Coberta



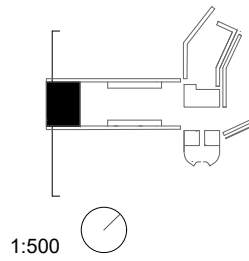
Muro Azinhaga dos Alfinetes

Circu- Núcleos
lação | Técnicos |

Corte Sala Multiusos (Espectáculos, danças, concertos...)

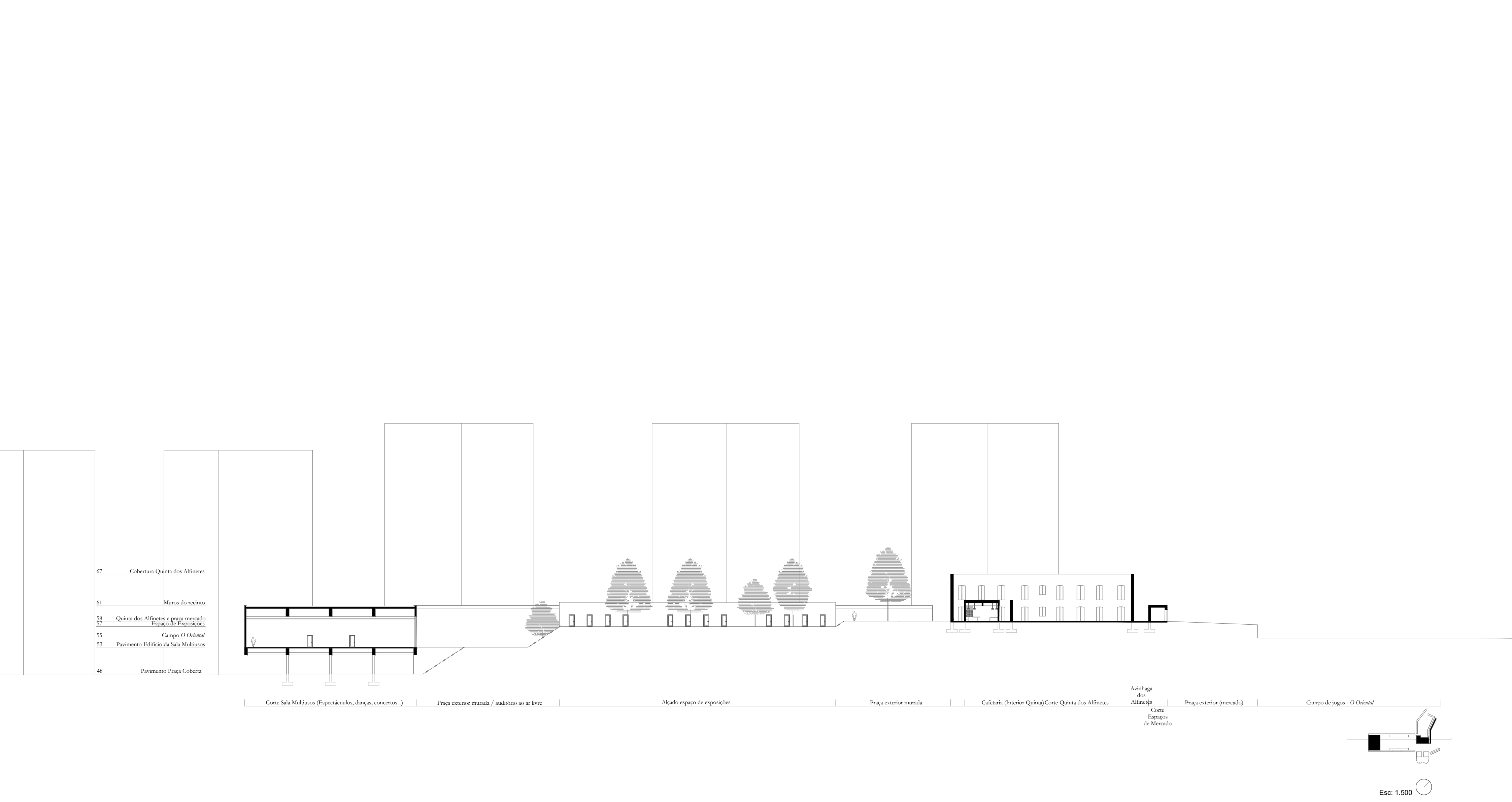
Núcleos Circu-
Técnicos | lação |

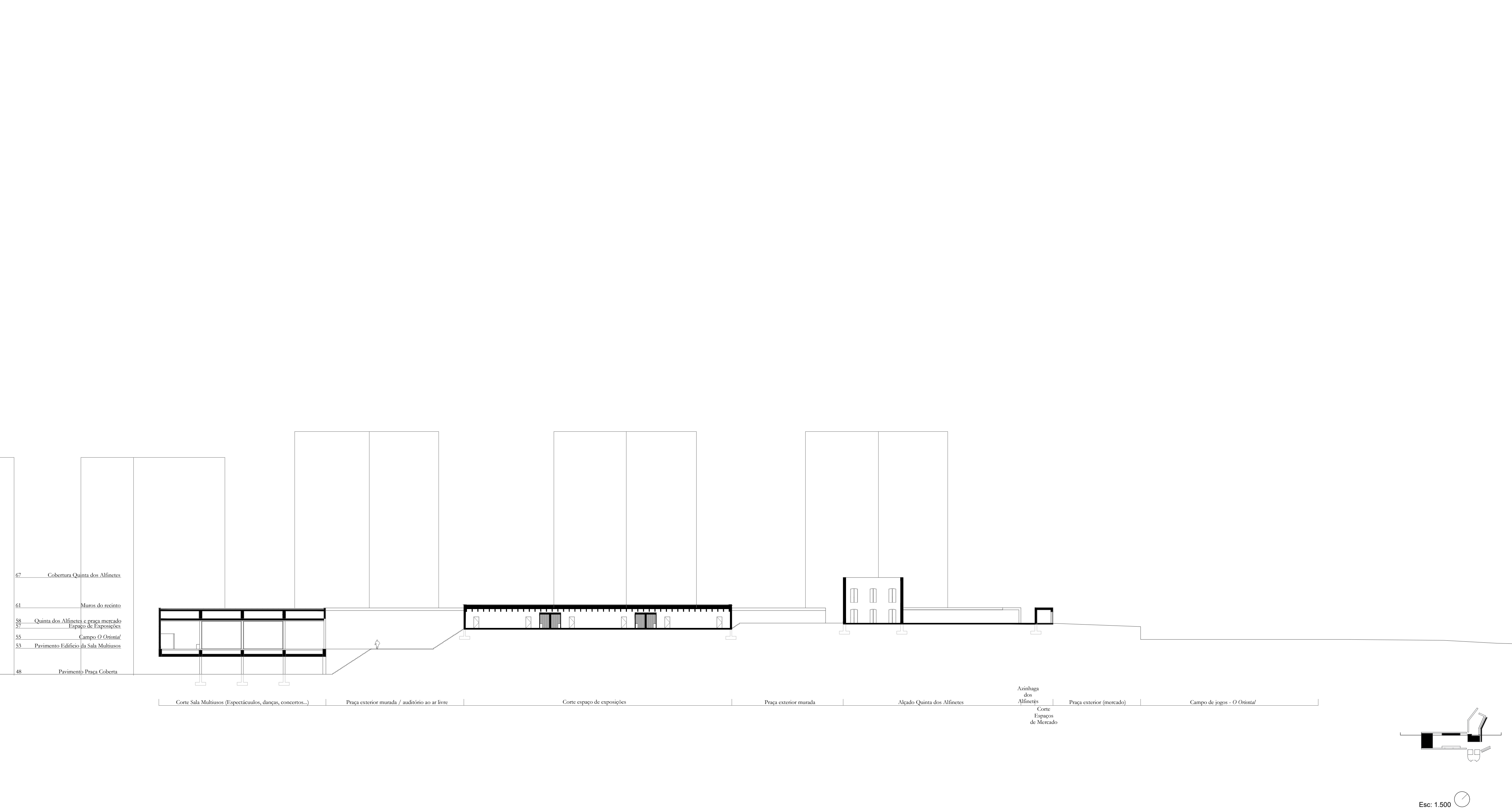
Muro Quinta dos Alfinetes

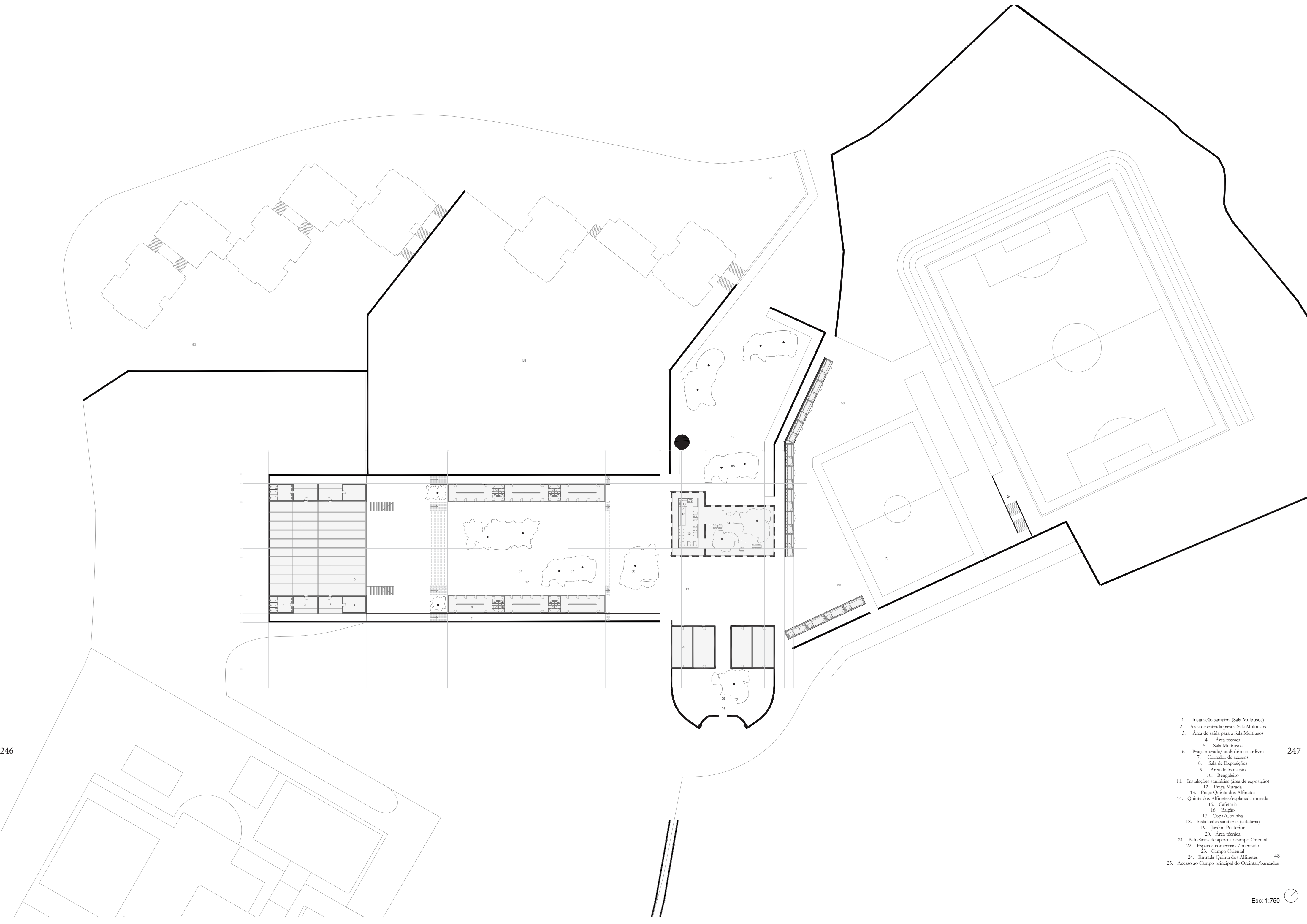


1:500

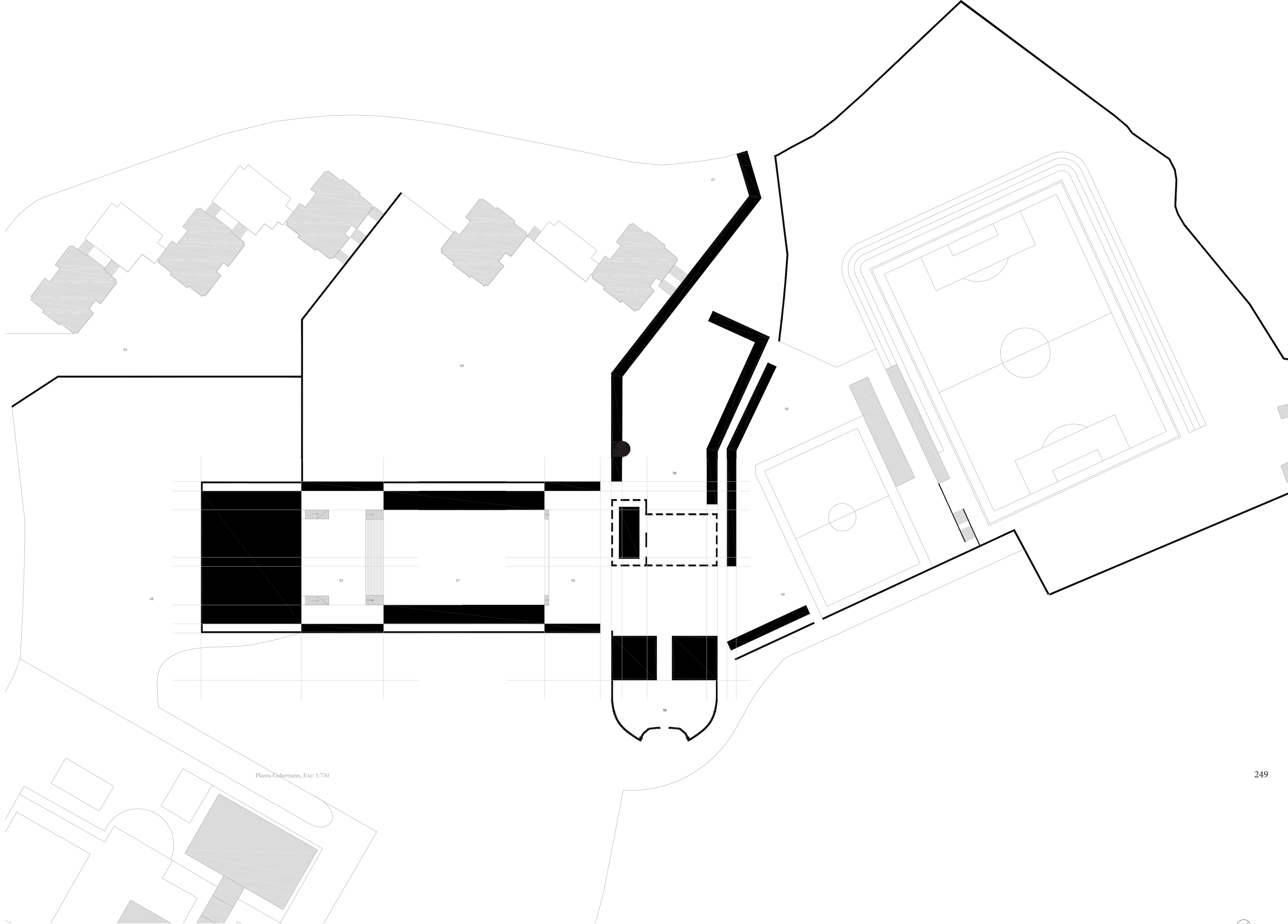








- 1. Instalação sanitária (Sala Multiusos)
- 2. Área de entrada para a Sala Multiusos
- 3. Área de saída para a Sala Multiusos
- 4. Área técnica
- 5. Sala Multiusos
- 6. Praça murada/ auditório ao ar livre
- 7. Corredor de acessos
- 8. Sala de Exposições
- 9. Área de transição
- 10. Bengaleiro
- 11. Instalações sanitárias (área de exposição)
- 12. Praça Murada
- 13. Praça Quinta dos Alfinetes
- 14. Quinta dos Alfinetes/esplanada murada
- 15. Cafeteria
- 16. Balção
- 17. Copa/Cozinha
- 18. Instalações sanitárias (cafeteria)
- 19. Jardim Posterior
- 20. Área técnica
- 21. Banheiros de apoio ao campo Oriental
- 22. Espaços comerciais / mercado
- 23. Campo Oriental
- 24. Entrada Quinta dos Alfinetes
- 25. Acesso ao Campo principal do Oriental/bancadas



Planta Coberturas, Esc: 1:750

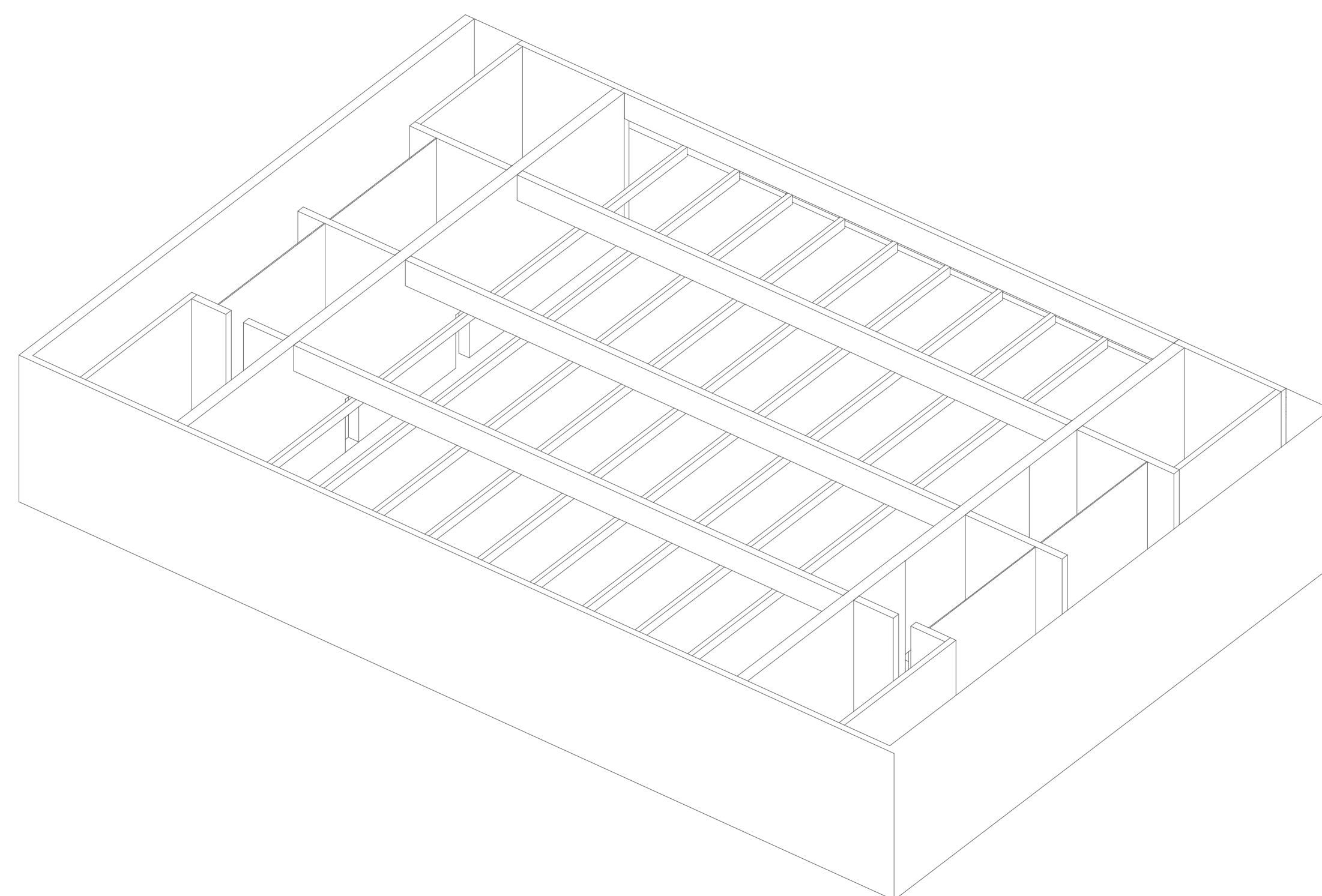
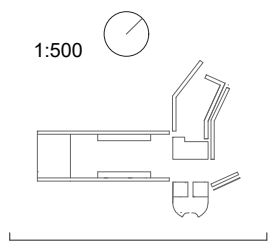
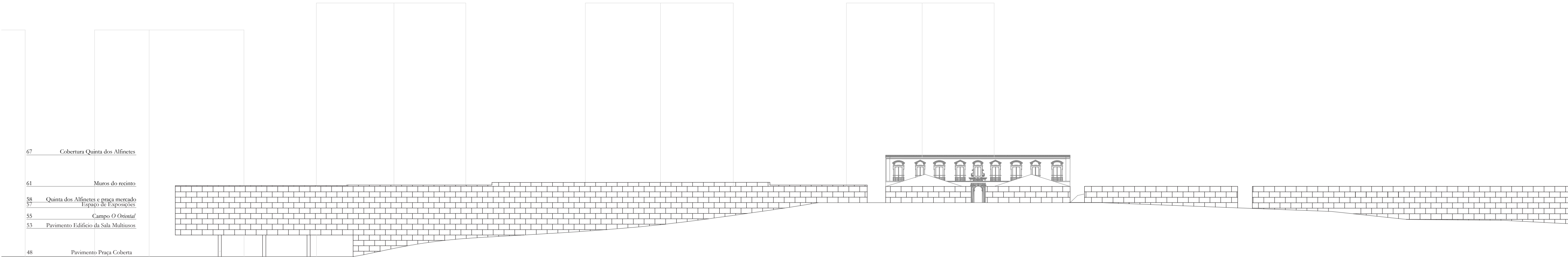
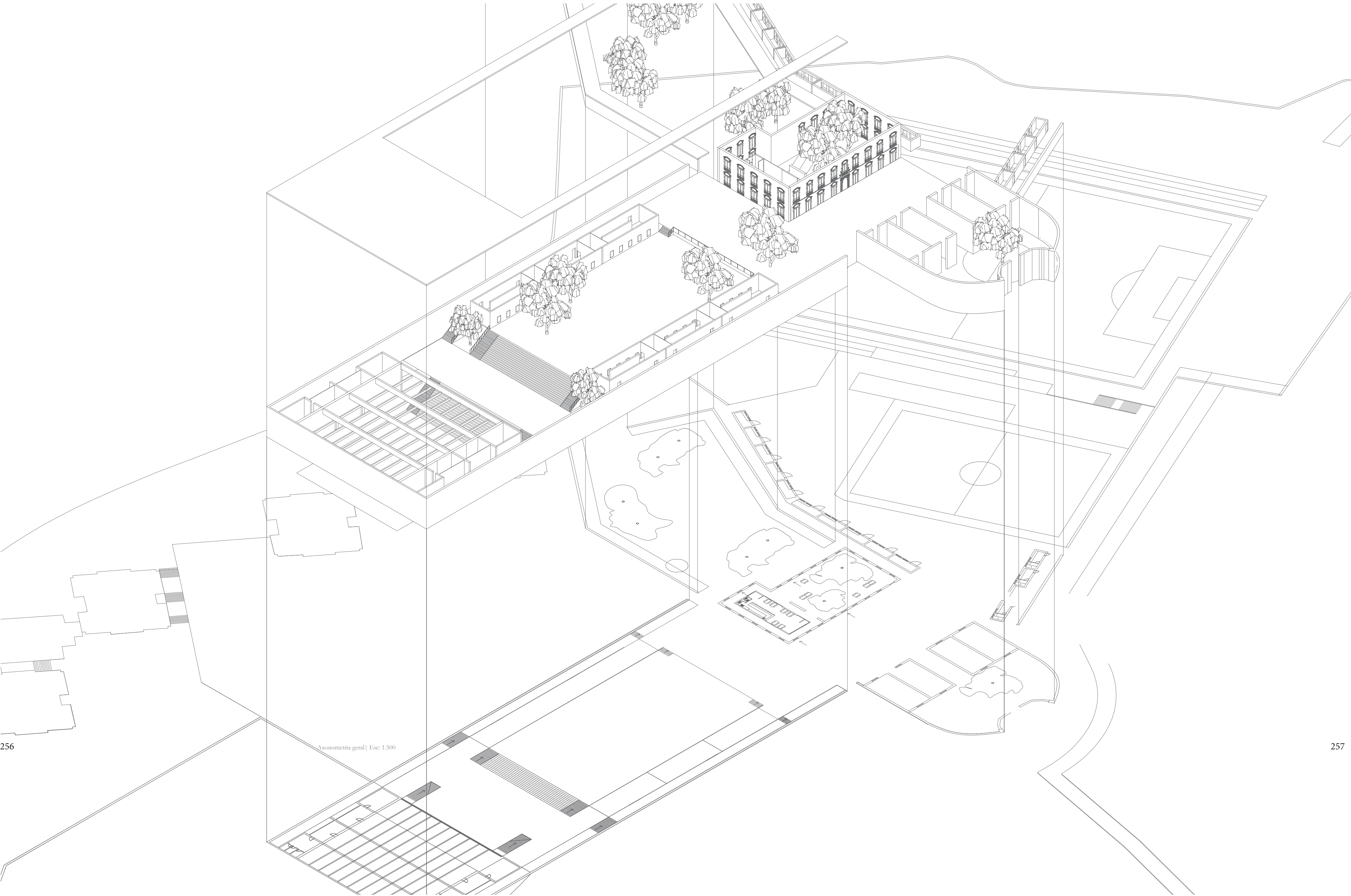




Fig. 216

Figura 216 - 3D Praça central com bancadas viradas ao edifício multiusos





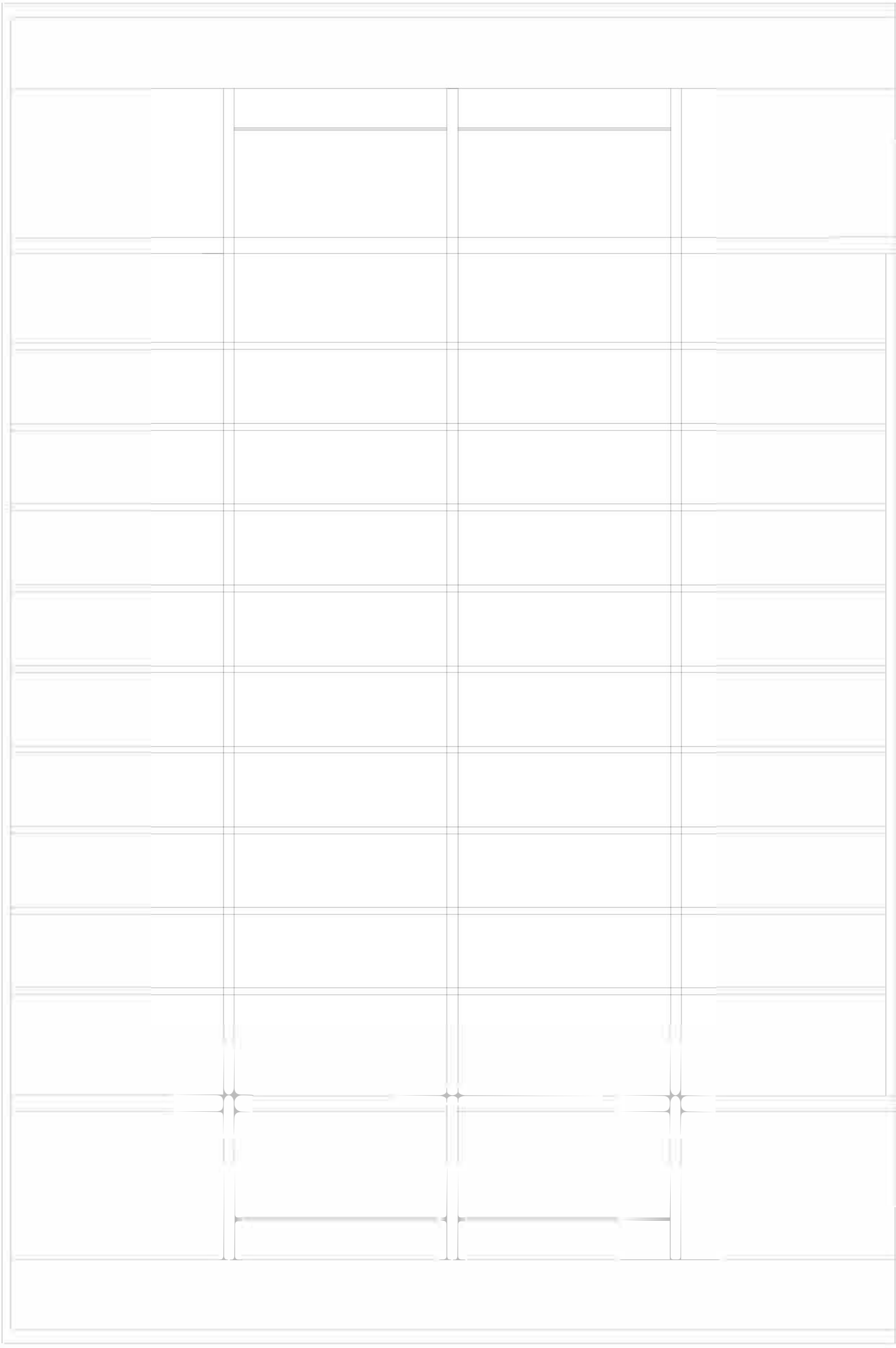
Axonometria geral | Esc: 1:500

Os grandes muros abraçam todo o projeto. Com 50cm de espessura, estes grandes planos prologam-se na azinhada e revestem a proposta. São estruturas em betão, e revestidas a plantas GRC de 2mx1m.

Na sua extremidade, o edifício encontra a escala mais monumental da cidade. Levanta-se do chão e apoia-se em 6 pontos, 6 lâminas de 6mx0,40m, que suportam este núcleo de 30mx50m. Este espaço de vão aberto, sugerido pelo concurso da Trienal, é suportado por 3 grandes vigas transversais e por uma trama de vigas longitudinais mais pequenas.

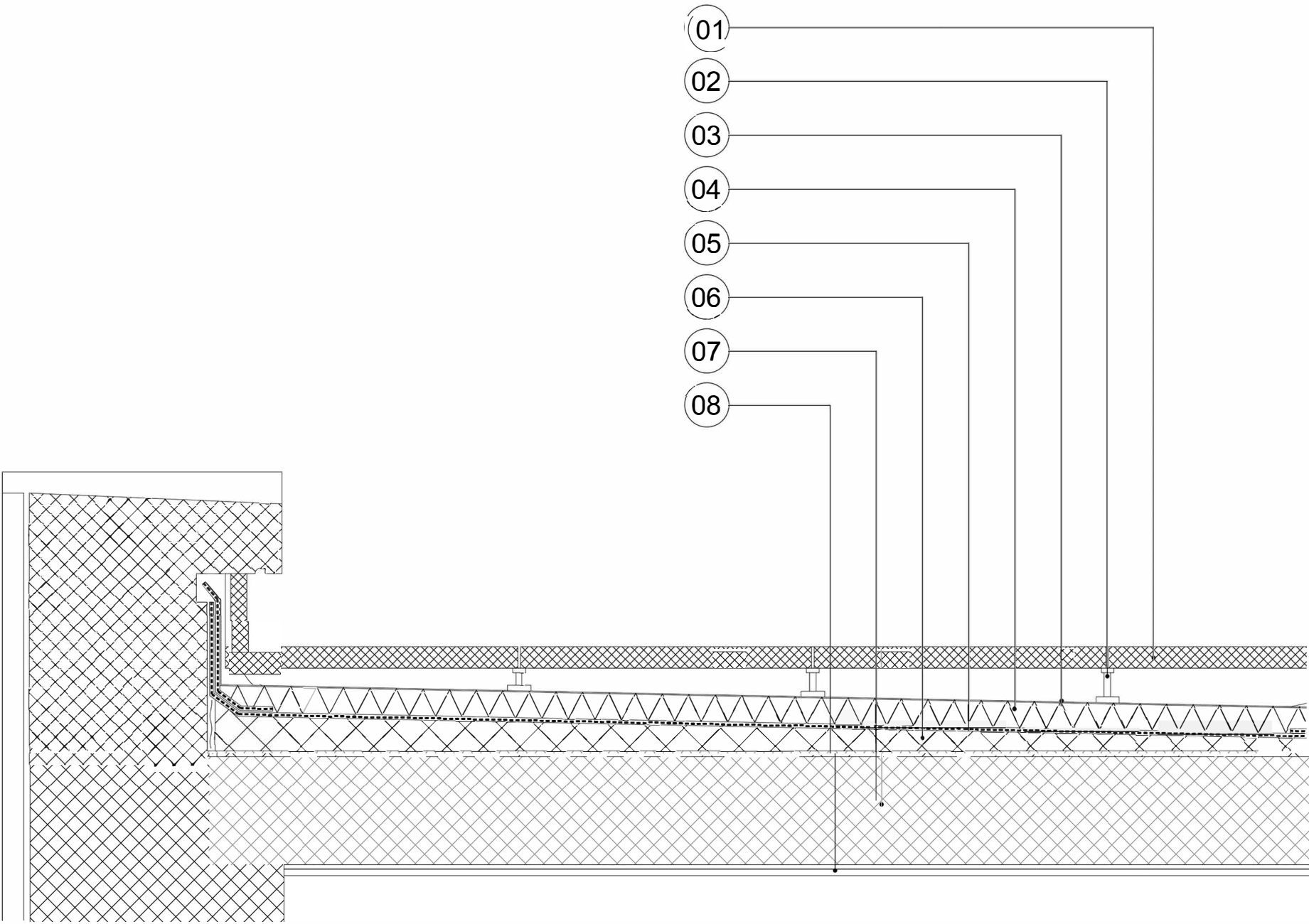
O edifício procura assumir uma rigidez quase de muralha; por isso os materiais escolhidos foram pedra e betão para que não se perca o carácter de estrutura fortificada que a proposta sugere.

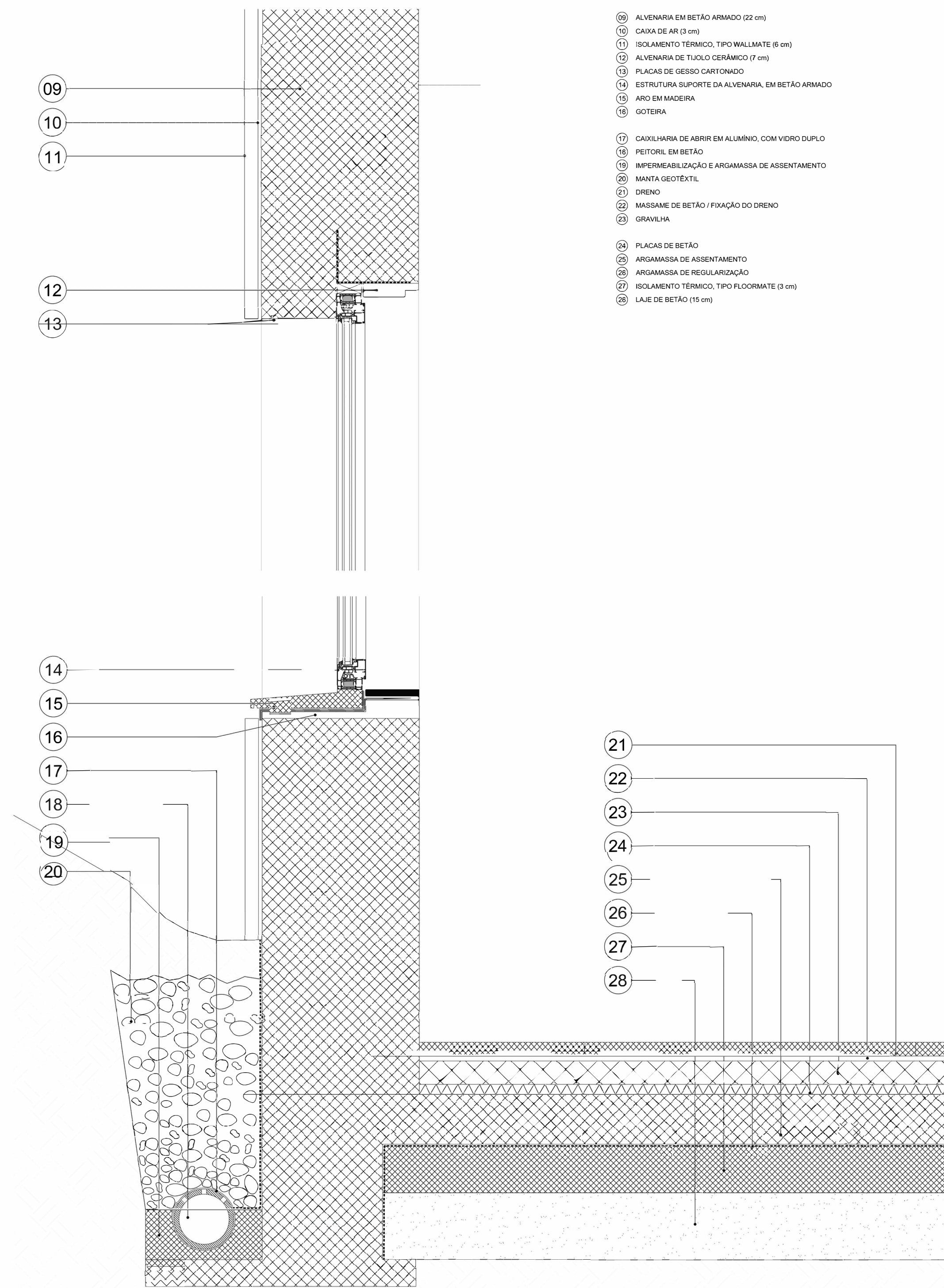
Planta | Esc: 1:300



LEGENDA:

- 01 PLACAS DE BETÃO PRÉ-FABRICADAS (4 cm espessura)
- 02 DISTANCIADORES PLÁSTICOS REGULÁVEIS
- 03 FELTRO GEOTÉXTIL
- 04 ISOLAMENTO TÉRMICO, TIPO ROOFMATE SL (5 cm)
- 05 IMPERMEABILIZAÇÃO
- 06 CAMADA DE FORMAÇÃO DE PENDENTE, EM BETÃO LEVE
- 07 LAJE ALIGEIRADA DE BETÃO (20 cm)
- 08 PLACAS DE GESSO CARTONADO





Os seguintes casos de estudo foram instrumentos de reflexão no desenvolvimento da proposta. A materialidade, a escala, a presença no território e a relação com a envolvente, foram alguns dos temas que despertaram especial interesse nos projectos estudados.

Figura 217 - Caso de Estudo | Convento das Bernardas, Távira, Arq. Eduardo Souto de Moura (Luis Ferreira Alves, 2012)
Figura 218- Casos de Estudo | Santa Maria do Bouro de Moura, Arq. Eduardo Souto de Moura e Humberto Vieira (Pousada de Amares, 1997)
Figura 219 - Casos de Estudo | Casa em Messines, Arq.Vítor Vilhena (2018)
Figura 220 - Casos de Estudo |Convento das Bernardas, Távira, Arq. Eduardo Souto de Moura (Luis Ferreira Alves, 2012)



Fig. 217



Fig. 218



Fig. 219



Fig. 220



Fig. 221



Fig. 222

Figura 221 - Caso de Estudo | Fundação Calouste Gulbenkian, Arq. Alberto Pessoa, Pedro Cid, Rui d'Áthouguia, (1996)
Figura 222 - Vik Winery, Arq. Smiljam Radić, (Cristobal Palma / Estudio Palma, 2014)

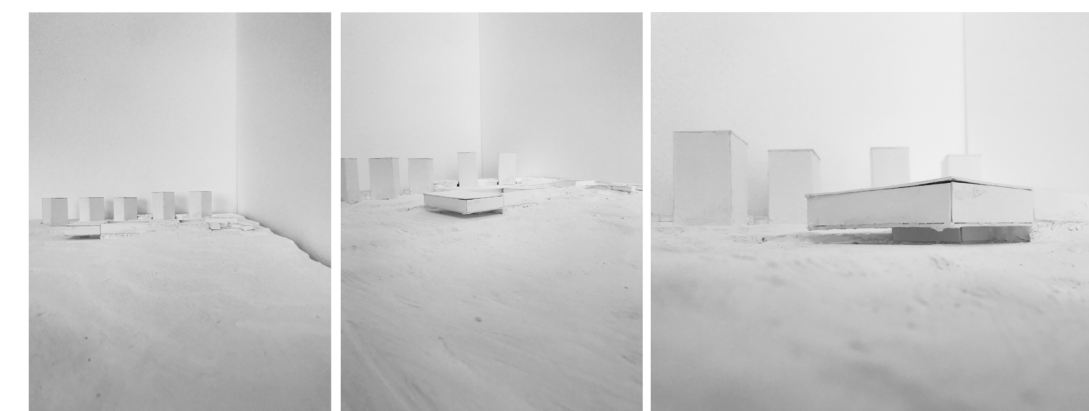


Fig. 223

A maquete foi desenvolvida numa primeira fase de reconhecimento do território, foi bastante relevante a sua execução para um melhor entendimento da topografia adjacente à Quinta dos Alfinetes. As curvas de nível foram cobertas de gesso, de forma a reconhecer o lugar e os seus limites com uma maior aproximação à realidade.

Figura 223 - Maquete cartão branco / gesso. Esc.1:500

Embora o edifício proposto tenha sofrido alterações no seu interior, a sua forma exterior e presença no território foi desde o início uma certeza. A escala monumental da peça como um todo e a fragilidade do seu interior. Foi também importante a elaboração desta maquete de estudo para entender e reconhecer os limites do edifício proposto face à topografia.

Figura 224 - Maquete K line / esfevovite. Esc.1:200

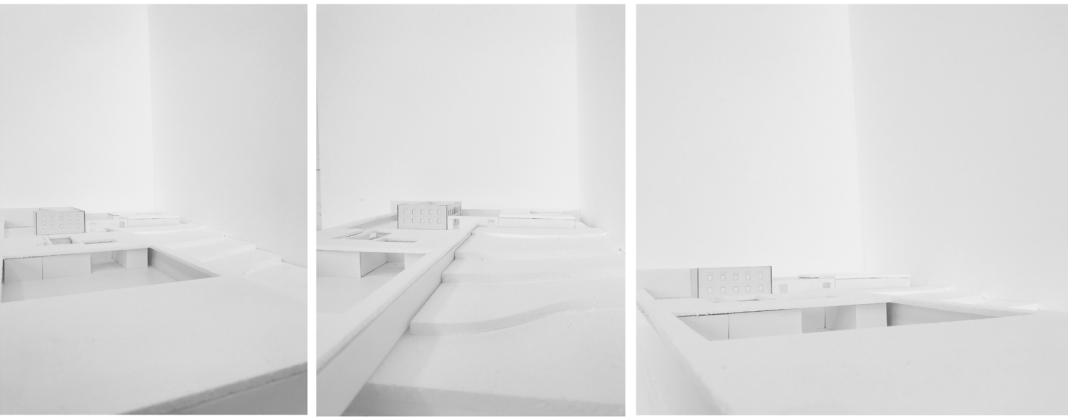


Fig. 224



Os esquisos foram uma forma de, à mão levantada e no local, reconhecer o espaço e a sua escala. De diferentes perspetivas, reconhecer o espaço da intervenção e começar a experimentar diferentes soluções para a intervenção.

Figura 225 - Esquisso, Azinhaga dos Alfinetes (da autora, 2021)

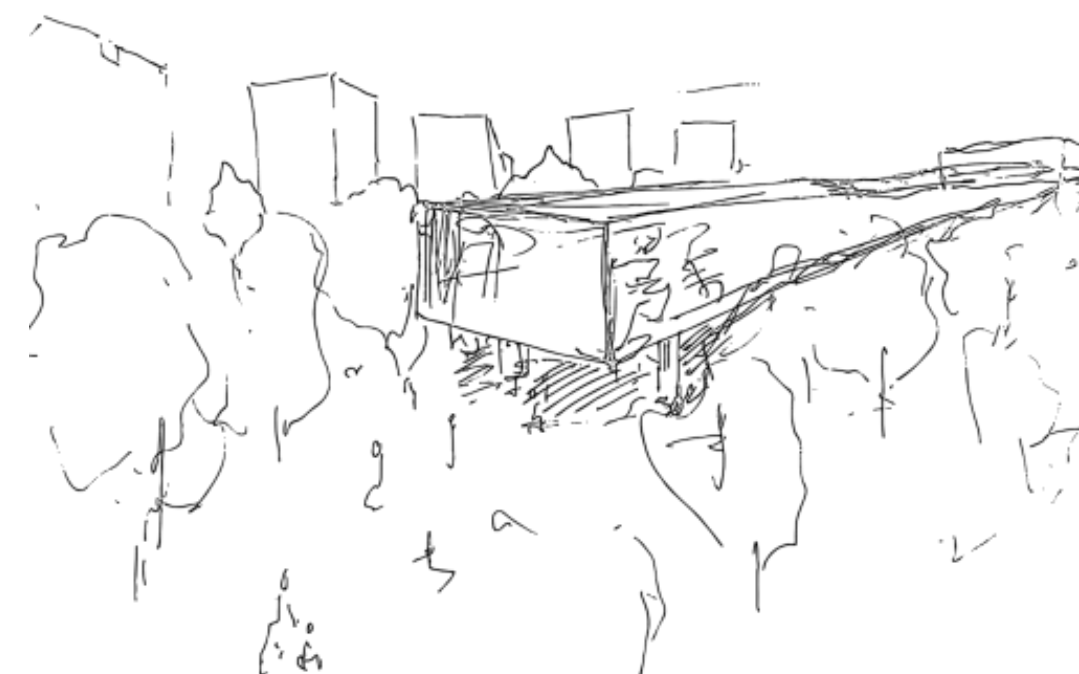


Figura 226 - Esquisso, Praça à cota 48 (da autora, 2021)



Figura 227 - Esquisso, vista Quinta/Azinhaga/Edifício-muro (da autora, 2021)

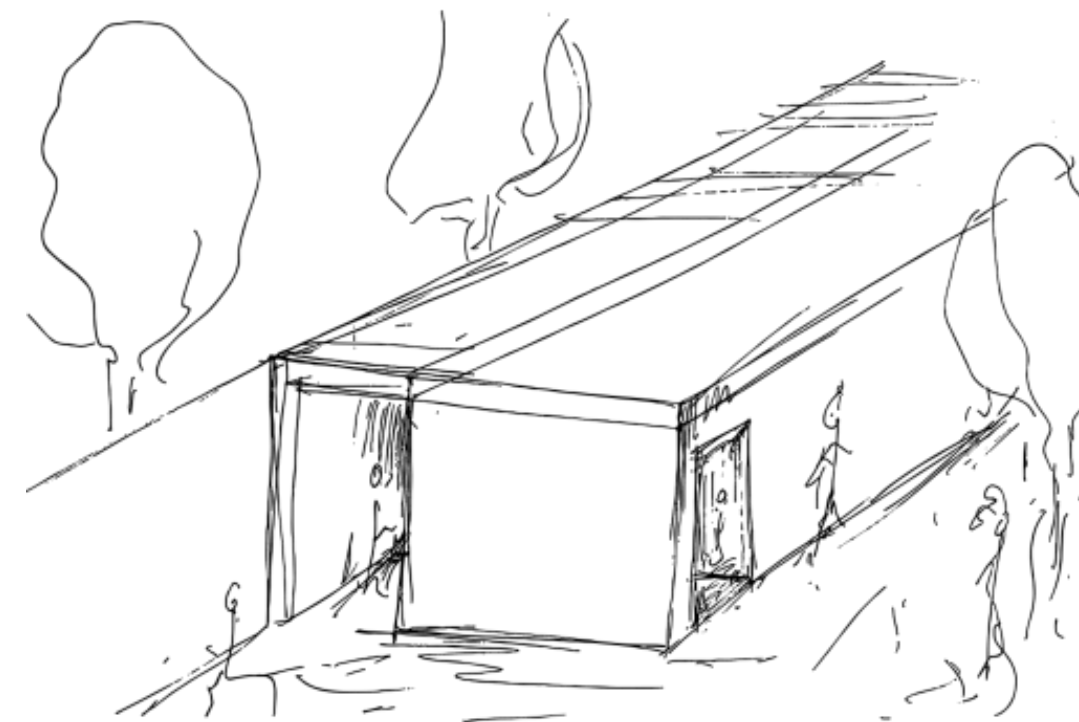


Figura 228 - Esquisso, Praça central com edifícios muro (da autora, 2021)

CONCLUSÃO

Num panorama teórico procurou-se reconhecer o território desde os registos da sua existência rural, de forma a conhecer o passado e refletir sobre a maneira como este lugar era vivido. As azinhagas foram, desde cedo, um objeto de grande interesse para o ensaio. A sua capacidade de distribuir e evidenciar espaços, simultaneamente gerar acessos suscitou uma especial atenção enquanto sistema.

Ao perceber a sua configuração original e, consequentemente, a evolução até aos dias de hoje, vários fragmentos foram evidenciados na malha urbana, desde a desconexão com a frente ribeirinha, a falta de espaços públicos de qualidade para que a comunidade possa conviver e não se apresentar como uma população desconectada entre si, até ao abandono de muitos lotes, que se assumem como espaços vazios e descaracterizados no território. Procurou-se reerguer os vestígios da Azinhaga dos Alfinetes voltando a um sistema de circulação pedonal, de modo a recuperar as suas ligações, integrando o acesso aos equipamentos e salvaguardando a sua memória. O sistema de muros procura unificar o território bem como otimizar os recursos existentes evidenciando-os no território. O sistema procura ser flexível, preservando a memória, a comunidade e a relação com a zona ribeirinha de uma forma clara e evidente.

A proposta divide-se em 3 momentos, os muros/alinhamentos arbóreos, os espaços de circulação/edifícios-muro e os muros que entalam coberturas. A programática destes espaços é flexível, possibilitando espaços multifunções que dialogam com a pré-existência, evidenciando-a. O terreno da Quinta dos Alfinetes abre-se ao complexo desportivo *O Oriental*, e ao grande vazio em cima da escola criando um único sistema.

A Azinhaga e Quinta dos Alfinetes são o rótulo desta proposta, a tipologia de caminho é trazida para toda a intervenção funcionando como elemento reestruturador de todos os espaços.

BARROS, António Augusto Salgado de - Lisboa na confluência das rotas comerciais: efeitos na saúde pública (séculos XV a XVII). *Cadernos do Arquivo Municipal*. 2ª Série Nº 2 (janeiro - junho 2015), p. 259 [Consult. 26/03/2020] Disponível em http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/fotos/editor2/Cadernos/2serie/3/014_varia.pdf

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA - Atlas da carta topográfica de Lisboa sob a direcção de Filipe Folque - 1856-1858. Lisboa: CML - Departamento do Património Cultural/Divisão de Arquivos, 2000.

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA - Regulamento do Plano Diretor Municipal de Lisboa. Lisboa: CML. Disponível em: https://www.lisboa.pt/fileadmin/download_center/normativas/regulamentos/urbanismo/Regulamento_PDM.pdf

CÂMARA MUNICIPAL DO BARREIRO - Regulamento n.º 229-A/2007. Diário da República n.º 168/2007, 1º Suplemento, Série II de 2007-08-31.

CARAPINHA, Aurora da Conceição Parreira da - *Da Essência do Jardim Português*. Tese para obtenção do grau de Doutor no ramo de Artes e Técnicas da Paisagem. Évora: Universidade de Évora, 1995.

COELHO, Alexandra Lucas - *Os resistentes de Marvila*. Pública, 506, 5 de fevereiro de 2006, p. 44-57.

CONSIGLIERI, Carlos; RIBEIRO, Filomena; VARGAS, José Manuel; ABEL, Marília – *Pelas Freguesias de Lisboa – Lisboa Oriental: São João, Beato, Marvila, Santa Maria dos Olivais*. Lisboa: Câmara Municipal de Lisboa – Pelouro da Educação, 1993, p. 26, 101.

CONSIGLIERI, Carlos; ABEL, Marília - *O formoso sítio de Marvila*. Lisboa: Junta Freguesia Marvila, 2002.

CUSTÓDIO, Jorge - *Reflexos da industrialização na fisionomia e vida da cidade – O mundo industrial na Lisboa oitocentista*. In MOITA, Irislva (coord.) - O Livro de Lisboa. Lisboa: Livros Horizontem, 1994, p. 435-492.

DELGADO, Ralph - (do grupo de amigos de Lisboa). Antiga freguesia dos olivais. Lisboa: Imprensa Municipal de Lisboa, 1969

FOLGADO, Deolinda; CUSTÓDIO, Jorge - *Caminho do oriente: guia do património industrial*. Lisboa: Livros Horizonte / Caminho do Oriente, 1999, p. 145-147.

GASPAR, J.(coord) - Valis. Valorização de Lisboa. Lisboa: CEDRU,1990.

GRAÇA, Ana Luísa Gomes dos Santos - *Projectar com o lugar: Sustentabilidade Patrimonial – projecto de reabilitação para Quinta dos Alfinetes*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2014. [Consult. 2/03/2021]. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/7756/1/Ana%20Luisa%20Gra%C3%A7a_PFM_Quinta%20dos%20Alfinetes.pdf

Lisboa, *Um Passeio a Oriente*. Lisboa: Parque EXPO e Metropolitano de Lisboa, 1994.

LOPES, João Caria - A mancha, a linha e o ponto. A metropolização de Lisboa revisitada. *Estudo Prévio* 12. Lisboa: CEACT/UAL - Centro de estudos de Arquitetura, Cidade e Território da Universidade Autónoma de Lisboa, 2017. ISSN: 2182-4339 [Consult. 22/02/2021] [Disponível em: www.estudoprevio.net]. DOI: <https://doi.org/10.26619/2182-4339/12.4>

NUNES, João Pedro Silva; SEQUEIRA, Ágata Dourado - O Fado de Marvila. Notas sobre a Origem Citadina e o Destino Metropolitano de uma Antiga Zona Industrial de Lisboa. *Fórum Sociológico*, nº 21, 2011, p. 33–41.

OCHOA, Ana Rita - *Da azinhaga à estrada. Memória e identidade na zona Oriental de Lisboa*. Universidade de Barcelona, 2007. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/342393025_Da_azinhaga_a_estrada_Memoria_e_identidade_na_Zona_Oriental_de_Lisboa

OLIVEIRA, Hugo Manuel Cardoso - *Reabilitação Quinta dos Alfinetes Casa Museu Marvila*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa, 2012. [Consult. 21/09/2019]. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10400.5/5783>

PEREIRA, Patrícia – *A transformação da zona ribeirinha oriental de Lisboa: um caso de gentrificação por nova construção*. EURE (Santiago). Vol.43, n.130, 2017, p. 47-71. Disponível

em: <http://dx.doi.org/10.4067/s0250-71612017000300047>. .ISSN 0250-7161

Plano de Urbanização de Chelas – Lisboa: Camara Municipal de Lisboa/ Gabinete técnico da habitação, – 2 ªedição, agosto 1965.

REMESAR, Antoni; COSTA, João Pedro - Idéias e realidades, futuros expectantes.

In AA.VV., *Lisboa capital do nada – Criar, debater, intervir no espaço público*, Lisboa: Extra-muros/Junta Freguesia Marvila/CPD, 2002, p. 350-367.

SILVA, João Santana da - A Vida No Bairro, O Bairro Chinês, na primeira pessoa.

Blogue Lisboa de Antigamente, 2015. [Consult. 5/05/2020]. Disponível em: lisboad-cantigamente.blogspot.com/2020/08/bairro-chines-marvila.html

SILVA, Marcelo Vieira da - *Habitar e reabilitar Marvila: requalificação urbana: da Rua Fernando Palha ao Rio*. Dissertação de Mestrado em Arquitetura. Lisboa: Faculdade de Arquitetura da Universidade de Lisboa. Disponível em: https://www.repository.utl.pt/bitstream/10400.5/14438/1/1.Habitar%20e%20Reabilitar%20Marvila.%20Requalifica%C3%A7%C3%A3o%20Urbana%20-%20Da%20Rua%20Fernando%20Palha%20ao%20Rio_Marcelo%20Silva.pdf

SILVA, Maria Margarida de Almeida Reis e - *Pátios e vilas da Zona Ribeirinha Oriental: materialidade, memória e recuperação urbana*. Dissertação de Mestrado em História Moderna e Contemporânea na especialidade de Cidades e Património. Lisboa: ISCTE-IUL, 2013. p. 100. [Consult. 27/01/2020)] Disponível em: <http://hdl.handle.net/10071/6967>

SILVA, Maria Margarida de Almeida Reis e - *Pátios e Vilas de Marvila e Beato: modos de vida de um movimento antigo*, Cadernos do Arquivo Municipal. ISSN 2183-3176. 2ª Série Nº 6 (julho - dezembro 2016), p. 143-170.

SISTI, Cláudia - *Morfologia do Território e Paisagem - Marvila*. On the Waterfront: 7, 2005, p. 8. ISSN 1139-7365 2005.

STOOP, Anne de - *Quintas e Palácios nos Arredores de Lisboa*, Livraria Civilização Ed., Porto, 1990

VELOSO, Esmeraldina M. Costa et al. (org.) – *Marvila: contribuição para um diagnóstico*

FILMOGRAFIA

NUNES, Mafalda Correia - *Projecto ROCK* (Regeneration and Optimization of Cultural Heritage). Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/44488/1/Encontro%20com%20Agentes.pdf>

RAMOS, Courinha - Documentário: *Marvila, Bairros Populares de Lisboa*. Portugal, 1990. Disponível em: <https://arquivos.rtp.pt/conteudos/marvila/>

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 01 - Limite das freguesias de Lisboa	18
Figura 02 - Mapa de Lisboa I	23
Figura 03 - Mapa de Lisboa II	23
Figura 04 - Chelas e Marvila	27
Figura 05 - Mapa Marvila	33
Figura 06 - Património de Marvila	39
Figura 07 - Lisboa dos anos 50	43
Figura 08 - Bairro Chinês	57
Figura 09 - Crianças brincando na rua formada pela Vila Dias	69
Figura 10 - Vila Dias	69
Figura 11-Vila Maria Luísa	71
Figura 12 - Parque Ribeirinho Oriente I	77
Figura 13 - Parque Ribeirinho Oriente II	77
Figuras 14/16 - Arquitectura Paisagista, Parque Urbano da Quinta Marquês de Abrantes . PROAP	79
Figura 17- Mapa Azinhagas de Lisboa	85
Figura 18 - Azinhaga Valle de Pereiro	91
Figura 19 - Azinhaga Cabeço da Bolla, Arroios	95
Figura 20 - Largo Cabeço da Bolla, Arroios	95
Figura 21 - Azinhaga de Marvila II	105
Figura 22 – Azinhaga da Feiteira, Benfica	105
Figura 23 – Azinhaga do Fidié	105
Figura 24 – Azinhaga da Bruxa, Marvila	105
Figura 25 – Azinhaga Cova da Onça, Carnide	105
Figura 26 – Azinhaga das Murtas II, Campo Grande	107
Figura 27– Azinhaga das Galhadas II	107
Figura 28 – Azinhaga da Picheleira, Beato	107
Figura 29– Azinhaga das Galhadas	107

Figura 30 - Azinhaga da Panasqueira	107
Figura 31 – Azinhaga da Torrinha III	109
Figura 32 – Azinhaga da Torrinha I	109
Figura 33 – Azinhaga da Torrinha	109
Figura 34 – Azinhaga da Torrinha II	109
Figura 35 – Azinhaga da Torrinha IV	109
Figura 36 - Azinhaga de Marvila	111
Figura 37 – Azinhaga das Murtas	111
Figura 38 – Azinhaga das Sardinhas, Olivais	113
Figura 39 – Azinhaga de Telheiras II	113
Figura 40 – Azinhaga das Teresinhas	113
Figura 41 – Azinhaga de Santa Clara	113
Figura 42 – Azinhaga de Telheiras III	115
Figura 43 – Azinhaga de Telheiras	115
Figura 44 – Azinhaga do Poço de Baixo, Lumiar	115
Figura 45 – Azinhaga dos Barros, Carnide	115
Figura 46- Azinhaga Em Benfica	117
Figura 47– Azinhaga Fonte do Louro, Areciro	117
Figura 48 - Azinhaga para os Olivais	117
Figura 49 – Azinhaga Quinta da Chapeleira	117
Figura 50 – Azinhaga Rua Doutor Gama Barros, Alvalade	119
Figura 51– Azinhaga junto ao Hospital Júlio de Matos	119
Figura 52 – Azinhaga, Local desconhecido	119
Figura 53 - Mapa azinhagas	121
Figuras 54/60 - Estrada de Marvila, Marvila	123
Figuras 61/69 - Azinhaga das Bruxas, Marvila	125
Figuras 70/75 - Azinhaga Viegas, Marvila	127
Figuras 76/88 - Azinhaga do Patrocínio, Marvila	129

Figuras 89/95 - Azinhaga Vale Fundão, Marvila	131
Figuras 96/103 - Azinhaga da Troca, Marvila	133
Figuras 104/114 - Azinhaga da Salgada, Marvila	135
Figuras 115/123 - Azinhaga do Planeta, Marvila	137
Figuras 124/133 - Azinhaga do Ferrão, Marvila	139
Figuras 134/137 - Azinhaga do Baptista, Marvila	141
Figuras 138/145 - Azinhaga da Broma, Marvila	143
Figuras 146/151 - Azinhaga do Armador, Marvila	145
Figuras 152/159 - Azinhaga da Maruja, Marvila	147
Figuras 160/162 - Azinhaga da Bela Vista, Marvila	149
Figuras 163/170 - Azinhaga da Quinta do Alfeirim, Marvila	151
Figuras 171/174 - Azinhaga do Pombeiro, Marvila	153
Figuras 175/180 - Azinhaga dos Alfinetes, Marvila	157
Figuras181/190 - Azinhaga dos Alfinetes, Marvila	159
Figuras 191/196 - Azinhaga dos Alfinetes, Marvila	161
Figuras 197/199 - Azinhaga dos Alfinetes, Marvila	165
Figura 196- Tipologia Muros	167
Figura 197- Parques e espaços verdes	169
Figura 198 - Equipamentos de Marvila	171
Figura 199 - Quinta dos Alfinetes, Marvila	179
Figura 200 Quinta dos Alfinetes	185
Figura 201/203- Quinta dos Alfinetes	187
Figura 204 - Terreno Quinta dos Alfinetes	188
Figura 205 - Cidade atual	188
Figura 206- 3D Cafetaria	197
Figura 207 - Esquisso tipologia muro	199
Figura 208- Esquisso tipologia Edifício muro	209
Figura 209 - Esquemas e referências	213

Figura 210/212 - Espaço de intervenção	215
Figura 213- 3D módulos de exposições	225
Figura 214- 3D mercado	231
Figura 215- Esquisso tipologia cobertura-muro	233
Figura 216- 3D praça central	253
Figura 217- Convento das Bernardas	265
Figura 218- Santa Maria do Bouro de Moura	265
Figura 219- Casa em Messines,	265
Figura 220- Convento das Bernardas	265
Figura 221- Fundação Calouste Gulbenkian	267
Figura 222 - Vik Winery,	267
Figura 223- Maquete cartão branco	269
Figura 224- Maquete K line	271
Figura 225- Esquisso, Azinhaga dos Alfinetes	273
Figura 226- Esquisso, Praça à cota 48	275
Figura 227-Esquisso, Vista Quinta/ Azinhaga/ Edifício -muro	277
Figura 228- Esquisso, praça central com edifícios-muro	279